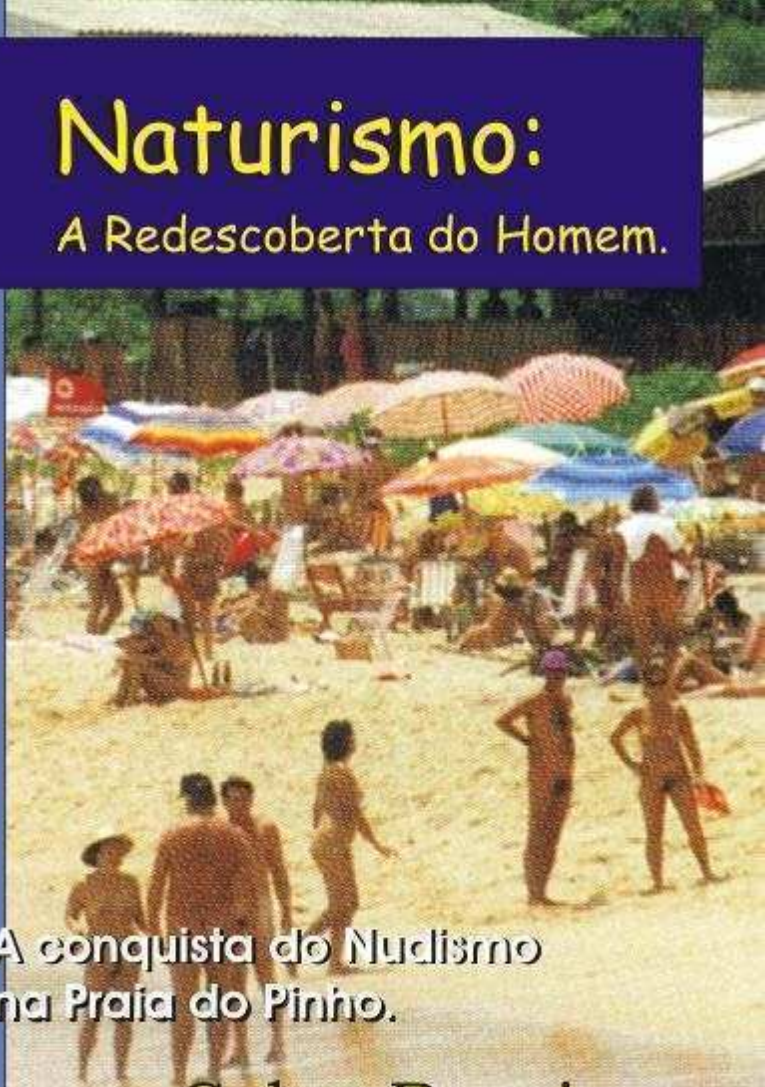
# Naturismo:

## A Redescoberta do Homem.



A conquista do Nudismo
na Praia do Pinho.

Celso Rossi

# Naturismo: A Redescoberta do Homem

*A Conquista do Nudismo na Praia do Pinho.*

Celso Rossi

Segunda Edição

# Agradecimentos

A história, que adiante segue relatada, é resultado da participação de muitas pessoas na luta por um ideal: o Naturismo. Gostaria, entretanto, de agradecer especialmente

a Roselandi Espíndola Moennich, Rose, por sua perseverança, coragem e espírito idealista;

a Siegfried Heyder, Zig, pelo seu incansável trabalho em prol da tranqüilidade dos que desfrutam da Praia do Pinho;

a Edo Henrique Moennich, pela sua dedicação à AAPP;

a Osmar Nunes Filho, Mazoca, ex-secretário de Turismo de Balneário Camboriú e ex-presidente da SANTUR, por ter acreditado em nossa causa e enfrentado, sem recuar, a todas as críticas que recebeu por tê-lo feito;

a Tarlis Batista, por ter possibilitado, através de suas reportagens, a reunião de um grande número de naturistas na Praia do Pinho;

a Bola Teixeira, por estar sempre presente e participante nas horas críticas;

ao Jornal de Santa Catarina, por ter mantido seus espaços abertos à divulgação do Naturismo;

a todos aqueles que, voluntariamente, nos ajudaram na construção e preservação do nosso paraíso;

a todos aqueles que assumiram, publicamente, a prática do Naturismo;

a todos aqueles que não nos obstaculizaram;

a meus pais, pelo exemplo de caráter, e

a Paula Fernanda Andreazza, pela coragem, por nossos filhos, Gabriel e Valentina, e pela minha intensa felicidade.

# *Capítulo I*

## *Náufragos na Ilha Deserta*

O aviso do comandante precede as manobras do procedimento de descida e um pequeno solavanco provocado pelo ajuste do trem de pouso me faz despertar para a realidade do momento: estou chegando em Brasília, num vôo pago pelo Congresso Nacional, para dar uma palestra na Câmara dos Deputados.

Isso não deve ser muito incomum. Muitas pessoas devem ser convidadas pelos parlamentares para trazer subsídios às votações de assuntos que não sejam do domínio dos legisladores.

O assunto, porém, desta vez é incomum.

"Vestidos, nudistas invadem prédio do Congresso Nacional". Será a manchete do Correio Brasiliense amanhã.

Não tenho nada preparado. Deveria ter feito, pelo menos, um rascunho.

Encontro com os outros amigos que também deverão participar do debate, representando o Movimento Naturista em alguns estados, e seguimos para o prédio do Congresso.

No saguão principal, deparamos com o mural no qual o aviso da nossa palestra está afixado, informando o horário e os

palestrantes: DEBATE SOBRE O PL 1.411/96 - DO SR. FERNANDO GABEIRA - QUE "ESTABELECE NORMAS GERAIS PARA A PRÁTICA DO NATURISMO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

Data: 03/12/96 - terça-feira; Horário: 14:00h; Local: Plenário n.06 - Anexo II.

EXPOSITORES: CELSO LUÍS ROSSI - Presidente da Federação Brasileira de Naturismo; SÉRGIO OLIVEIRA - Vice-Presidente da Federação Brasileira de Naturismo; ALEXANDRE TSANACLIS - Delegado do Núcleo Paulista de Naturismo e Proprietário do Clube Rincão Naturista; JOSÉ EDSON DE MEDEIROS - Diretor do Centro de Estudos Naturistas, de São José dos Campos/SP; ANTÔNIO EDSON AGUIAR - Presidente da Associação de Naturismo do Distrito Federal; e PEDRO RICARDO - Associação Naturista do Abricó.

Ainda no corredor que dá acesso à sala dos debates, sou cercado por repórteres e cinegrafistas que, aos empurrões, tentam acomodar-se da melhor forma ao meu redor, estendendo seus microfones e gravadores contra o meu rosto e disputando a vez de serem ouvidos em suas perguntas.

Chamado por um dos organizadores do debate, sou forçado a romper o cerco dos repórteres e a me dirigir para a sala dos debates, onde muitos congressistas já aguardam a nossa entrada.

- Senhores deputados - inicio meu pronunciamento -, gostaria de fazer um rápido relato. Começo lembrando que, quinhentos anos atrás, os europeus chegaram ao Brasil e encontraram um país naturista, encontraram todos nus. Não havia lei para regulamentar isso. Passados quinhentos anos, estamos hoje batalhando por um instrumento legal que permita que pessoas civilizadas, não só os índios, possam também andar nuas em algumas praias e locais reservados.

As idéias vêm brotando e só consigo avaliar o restante quando recebo, dias depois, o sumário oficial do Congresso, transcrito da gravação original dos debates:

"O Movimento Naturista não pretende que em todas as

áreas do Brasil se possa andar nu. Não é essa a nossa intenção. Mas entendemos democracia como partes maiores para a maioria e partes menores para a minoria, e não a opressão da minoria pela maioria.

Em termos de legislação, deve-se dizer que a brasileira não proíbe o naturismo. A Constituição institui que as praias são bens públicos, mas o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, a Lei 7.661, em seu art. 10, diz que todas as praias são bens públicos, sendo resguardado o livre e franco acesso em todos os sentidos e direções, salvo as de segurança nacional ou as protegidas por legislação específica.

Que legislação seria específica para a prática do naturismo? Buscando na constituição a resposta, verificamos que legislar sobre assuntos de interesse local é competência privada dos municípios, porque a cultura e os interesses locais variam de lugar para lugar.

Então, é a prefeitura quem determina se em tal lugar vai ser praticado o naturismo, ou se em tal município não se vai beijar em praça pública, como muitas vezes vemos noticiado na imprensa. Um prefeito pode fazer isso, porque tem competência para tal. Se proíbe beijar em praça pública, é competência da prefeitura fazer isso. Se um prefeito libera uma praia e determina que naquela praia reservada, deserta, vai se praticar o naturismo, a partir daquele momento, os usos e costumes serão a prática do naturismo.

O atentado ao pudor é previsto pelo Código Penal. Muito bem. O que é atentado ao pudor? É o atentado contra os usos e costumes de um determinado local. Muito provavelmente, hoje, em nossa legislação, seria atentado ao pudor uma pessoa entrar vestida numa destas cinco praias oficiais de naturismo no Brasil. A legislação existente o permite.

Entretanto, para resolver problemas de incompreensões, como no caso da praia do Abricó, é importante que exista uma legislação que esclareça, interprete e mostre, como o texto desse projeto, que diz que a prática da nudez

familiar, a nudez integrada aos elementos naturais, como forma de favorecer o respeito pelo meio ambiente nas áreas públicas reservadas para esse fim, não constitui ilícito penal.

Finalmente, o que busca o naturismo? Simplesmente o resgate, para as pessoas poderem aceitar o seu corpo como é, por inteiro, sem censurar determinadas partes. Às vezes, alguns religiosos dizem que é pecado andar nu. Pecado muito maior seria ter vergonha da criação de Deus. Se Ele quisesse que andássemos vestidos, nasceríamos de fraldas, não nus.

Talvez sejamos o único animal do planeta que censura seu próprio corpo, que tem vergonha do seu próprio corpo. Por exemplo, no caso das mulheres, a nossa cultura e as revistas masculinas criam determinados modelos do corpo feminino, fazendo com que aquelas mulheres que não o têm se sintam rejeitadas. O naturismo está trazendo de volta a idéia de que o corpo humano não tem padrão. Todos os corpos são diferentes, assim como todas as árvores são diferentes, todos os corpos são aceitos, todos os corpos são bonitos.

Por isso, é importante nesse momento, principalmente quando vemos que as pessoas estão quase morrendo para eliminar gordurinhas a mais, resgatar a valorização do ser humano, a aceitação corporal, a idéia de que podemos nos aceitar e podemos viver em público e entre amigos assim, sem estar ofendendo ninguém, nem sendo agredido pelos outros."

O início dessa história aconteceu dez anos antes.

Era janeiro de 1985 e eu estava desfrutando meus quinze dias de férias em Santa Catarina, em companhia de minha então esposa, Márcia. Estávamos acampados em Quatro Ilhas, próximo a Bombinhas. Ideal para quem gosta de surfar e fazer caça submarina. No canto Norte, tem mar calmo e uma costa excelente para mergulho. No Sul, ondas. A sensação de contato com a natureza era quase plena. Para torná-la completa, começamos a procurar praias desertas para poder tirar nossas roupas e sentirmo-nos como náufragos numa ilha deserta. Fomos até Canto Grande, Zimbros e Mariscal, onde Márcia arriscou um topless. Não era, ainda, o

lugar que procurávamos.

Resolvemos, um dia, ir almoçar em Itapema, no restaurante do Carlinhos, que era de um amigo nosso.

Eu lembrava de uma reportagem na revista Manchete, no ano anterior, sobre uma praia de nudismo em Santa Catarina.

- É... Tem uma praia aqui perto, onde dizem que o pessoal faz nudismo - disse ele. Olhou-nos, de cima a baixo, como se estivesse nos imaginando nus, com aquele ar de "quem diria?..."

- Onde é? - perguntei, pensando que teria de rodar ainda uns duzentos ou trezentos quilômetros até chegar à tal praia.

- É aqui perto de Camboriú. Uns dez quilômetros - respondeu, com ar desconfiado. Explicou-me como chegar ao local e foi atender outros clientes.

Terminamos de almoçar e fomos, rapidamente, à procura da praia de nudismo.

Sofremos um bocado até chegar lá, pois meu carro enfrentou dificuldades patinando contra as íngremes subidas de cascalho e terra batida.

No topo do morro, avistamos a praia. Era pequena. Uns quinhentos metros de areia, talvez. Havia algumas pessoas. Pela distância, não dava para ver se estavam realmente nuas.

Minha respiração começou a ficar difícil, pois a ansiedade me apertava o peito. Sentia que estava prestes a iniciar uma aventura, mas ainda a ponto de recuar. Um momento de hesitação me deteve por alguns segundos, fazendo-me aliviar o pé do acelerador e quase parar o carro.

Márcia me lançou um olhar intrigado. Era aquariana e, como tal, menos preocupada com as conseqüências das novas experiências.

Descemos com o carro até próximo à praia. Pudemos constatar que era, realmente, uma praia de nudismo. Podíamos contar umas dez ou doze pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos nus.

Para não dar a impressão de sermos apenas curiosos, levei a prancha, pois havia boas ondas no mar para justificar que alguém descesse até ali com outras intenções.

Uns cem metros à esquerda, estava um homem sentado em uma cadeira e, um pouco mais adiante, um casal. Duzentos metros à direita, dois ou três casais, à sombra de alguns guarda-sóis, mais algumas crianças brincando na areia. Vestidos, na praia, somente nós dois, que estávamos há dias procurando uma praia deserta para tirar a roupa e ficar tomando sol no corpo inteiro.

Nunca havíamos tirado a roupa em público e isso fez com que demorássemos uns vinte minutos até ficarmos nus, apesar da distância a que as outras pessoas se encontravam, que mal permitia distinguir um homem de uma mulher.

Um pouco medrosos a princípio, ali ficamos um bom tempo.

A areia quente e grossa da praia, em contato com as nádegas e a região pubiana, sem qualquer tecido para separar-lhes, fazia brotar uma sensação gostosa de intimidade com o chão. A brisa que vinha do mar, carregada de maresia liberada pela rebentação das ondas, passava pelo meu corpo totalmente desprotegido, totalmente integrado com o ambiente natural à minha volta. Como a simples ausência de um pequeno pedaço de pano podia resultar em tantas e tão fortes sensações!

Essas descobertas só não eram mais profundas e intensas porque minha consciência insistia em lembrar que a qualquer momento poderiam aparecer estranhos, ou até mesmo a polícia, para reprimir tão ousada busca por liberdade corporal.

Comecei a observar um grupo que estava à direita e vi um homem com equipamento de mergulho: pés-de-pato, máscara e um pequeno saco preso à cintura por uma corda. Um homem nu, com aqueles apetrechos, parecia realmente engraçado para quem não estava acostumado a ver pessoas nuas na praia.

Ele entrava no mar, mergulhava e voltava trazendo

alguma coisa dentro daquele saco amarrado à cintura. Voltava ao mar e retornava novamente. Fez isso várias vezes, até que duas moças saíram e foram até o restaurante que havia na praia, e voltaram trazendo um grande tacho de cobre.

Fizeram fogo na areia, colocaram o tacho em cima e começaram a cozinhar alguma coisa.

À distância, não podia identificar o que era, mas minha curiosidade era grande. Estivessem vestidos, eu já teria ido até lá para ver o que estavam fazendo, mas, como estávamos nus, eu não sentia coragem para tanto.

Estamos acostumados a ver cenas de nudez, sempre vinculadas a sexo, nos filmes, revistas e propagandas. Como informar ao corpo que aquela nudez feminina, caminhando livremente pela praia, não me deveria despertar excitação? Meu receio era ver as mulheres nuas e não conseguir evitar uma ereção, o que me deixaria numa situação completamente constrangedora.

Mais alguns minutos se passaram e minha curiosidade venceu o medo. Decidi levantar e ir ver o que estavam fazendo.

Fui caminhando, um tanto receoso, planejando uma rota de desvio, caso sentisse alguma manifestação física involuntária no meu corpo. Talvez, a melhor saída seria disfarçar, virar de costas, coçando a cabeça como quem lembrou de alguma coisa e correr na direção do mar. Quando cheguei perto, vi que um homem - o que estava mergulhando - veio na minha direção. Tinha estatura mediana, cabelos e barba ruivos.

- Tudo bem? Estão gostando da praia? - perguntou ele, com ar simpático.

Senti-me confortável e seguro, pela simpatia com que fui recebido.

- Tudo bem. Estou curioso para ver o que vocês estão cozinhando - respondi.

- É marisco, venha comer conosco - convidou.

Não pude recusar aquele convite e entrei no meio do grupo.

Nunca tinha visto nada igual. Pareciam índios. Estavam todos bronzeados por inteiro. Sentados à volta do fogo, pegavam mariscos do tacho e comiam.

Jamais tentara comer marisco, por achar um tanto repugnante seu aspecto, mas não pude me negar de experimentar quando uma moça morena, que estava sentada ao meu lado, me ofereceu um. Uma delícia!

Até hoje, não sei se o que me fez gostar de mariscos foi seu próprio sabor, ou se foi aquele ambiente paradisíaco no qual os experimentei pela primeira vez.

Passados mais alguns minutos, Márcia, que até então estava em nosso guarda-sol, veio juntar-se ao grupo.

Rapidamente, estávamos entrosados como se os conhecêssemos há anos. Estávamos nos deparando com uma experiência realmente incrível, como jamais imaginaríamos viver. Uma energia gostosa, confortante, parecia circular a nossa volta, como uma sensação de proteção e aconchego, como o calor e o carinho do ventre materno.

Nossa fantasia de náufragos na ilha deserta tinha se desdobrado numa experiência muito mais forte e gratificante do que poderíamos supor.

Ao final do dia, retornamos ao nosso camping, em Quatro Ilhas, já determinados a desmontar nossa barraca e acampar na Praia do Pinho. O camping estava em fase final de construção e a nossa barraca era a primeira a ser montada.

Restavam-me apenas mais três dias de férias e foi lá que os passamos, sem vestir uma peça de roupa sequer.

A partir de então, passaria a freqüentar a Praia do Pinho em todos os feriados em que para lá pudesse me deslocar, uma vez que Porto Alegre, cidade onde eu morava, situa-se a mais de quinhentos quilômetros de distância.

Naqueles últimos três dias em que ficamos na Praia do Pinho na temporada de 1985, pude viver outra experiência que me marcou.

Já mais tranqüilo, sem temer uma ereção, estava realmente bem entrosado com o grupo que já freqüentava

aquele local há mais tempo.

No segundo dia em que estávamos acampados, conhecemos um casal que já praticava o Naturismo há muitos anos, e freqüentava a Praia do Pinho desde 1978. Passamos o dia inteiro conversando sobre assuntos diversos com eles, como se estivéssemos vestidos. À tardinha, porém, quando resolveram ir embora, a mulher levantou-se e vestiu a calcinha do biquíni. Não sei se foi o fato dela ter escondido o seu corpo, ou a maneira sensual de como, normalmente, as mulheres se vestem, que me fez "sentir o perigo". Quando ela colocou a blusa, tendo ficado um seio à mostra - que ela cobriu, tranqüila e delicadamente -, não tive outra opção senão deitar-me de barriga para baixo, para "pegar o sol nas costas".

Depois que eles foram embora, fiquei analisando minha reação: eu havia passado o dia inteiro vendo-a completamente nua, na maior naturalidade. Quando ela se vestiu, despertou minha excitação.

Foi um choque para mim. Sempre pensei que um corpo de mulher, nu, é que me excitaria, enquanto, na verdade, o que aconteceu foi o oposto.

Comecei a me dar conta de muitas coisas. Ainda que inconscientemente, sempre temos curiosidade ou excitação por conhecer o corpo das pessoas, principalmente do sexo oposto, com as quais nos relacionamos. Isso gera ansiedade e perturba a própria relação. Quando as pessoas estão completamente nuas, esta perturbação não existe e isso torna os relacionamentos muito mais tranqüilos e naturais.

Se fôssemos conceituar a palavra curiosidade, veríamos que ela significa o despertar de um desejo de conhecer, uma excitação ao conhecimento.

Muitos anos mais tarde, escrevi um artigo para um jornal que foi publicado sob o título: "Naturismo: a tendência do homem contemporâneo", que versava sobre um tema semelhante, analisando os efeitos do tabu da nudez e discorrendo da seguinte forma:

"Muito alarde tem sido feito, pela imprensa em geral,

em cima de um assunto antigo, que é novo para nós brasileiros. O Movimento Naturista Brasileiro, que vem institucionalizando, ano a ano, através da Federação Brasileira de Naturismo, mais e mais praias de nudismo pelo país, é, na verdade, muito mais abrangente do que se supõe. Apesar da sociedade brasileira, de modo generalizado, ainda demonstrar a ignorância de imaginar que o Naturismo é simplesmente o fato de ficar nu, na praia, os líderes da FBN não têm poupado esforços no sentido de divulgar e esclarecer a população quanto aos verdadeiros propósitos do Movimento Naturista Brasileiro.

Quando começamos a examinar, ponto a ponto, cada um dos posicionamentos e cada uma das propostas desse movimento filosófico-ideológico, percebemos o quão harmonizado está o Naturismo com o homem contemporâneo. É uma tendência geral: as pessoas estão, cada vez mais, assumindo seus diferentes gostos e preferências, sem se importar tanto com os padrões massificados de comportamento.

Até mesmo através dos cortes de cabelo e nas roupas, que sempre marcaram épocas, ficaria difícil caracterizar os anos 90 de outra forma que não fossem 'os anos da heterogeneidade'.

Ao contrário do que alguns possam pensar, entretanto, o Naturismo não é uma espécie a mais, dentre tantas que se afirmam nesta década, e, sim, o gênero, pois o que esse Movimento busca, em última análise, é a aceitação e a valorização das desigualdades humanas. Na natureza, não existem duas árvores iguais, nem duas pedras iguais. As pessoas são, na realidade, todas diferentes umas das outras. Seus disfarces, às vezes, é que parecem iguais. Estamos, portanto, entrando numa nova Era, que principia nesta década, que será marcada pela queda dos disfarces.

Com a queda das roupas - o disfarce mais arraigado na cultura do homem - caem, como um castelo de cartas, os demais disfarces invisíveis que a pessoa carrega consigo. É claro que,

pelo próprio princípio da desigualdade, não vamos supor que toda pessoa que se despe em uma área naturista livra-se, automaticamente, de todos os seus componentes de hipocrisia e mentira, dos quais se utiliza normalmente. Vai depender do grau de consciência do iniciante, a eficácia dessa terapia de choque através da verdade.

Em geral, a 'terapia naturista' funciona, pois é uma recíproca verdadeira de uma história que começou na nossa infância, quando nossos pais, cobrindo insistentemente nosso pequeno corpo nu, ensinaram-nos que devíamos sentir vergonha de nós mesmos. Uma vergonha perpétua pelo nosso corpo, que foi por eles próprios concebido. Induziram-nos à mentira e à falsidade quando, por esconderem seus corpos, atiçaram nossa curiosidade a ponto de termos de tramar qualquer artimanha ou, simplesmente, olharmos pelo buraco da fechadura para vê-los nus. Retardaram e comprometeram a nossa compreensão de masculino e feminino, homem e mulher, macho e fêmea, vinculando estes conceitos a saias e calças compridas. Conduziram-nos a vincular o prazer com proibido, determinando, assim, nossas taras e obsessões sexuais, desviando-nos do caminho do relacionamento sadio, inocente e natural com o sexo oposto. Ensinaram-nos, desde cedo, a sermos inseguros e dinamitaram nossa autoconfiança, obrigando-nos a ter, sempre, alguma coisa a esconder, nem que fossem apenas nossos órgãos genitais. Será que eles amavam mesmo o nosso corpinho ou, quem sabe, teriam preferido que tivéssemos nascido sem aquelas partes tão vergonhosas e futuras geradoras de prazer proibido?

É possível, sim. É possível que o Naturismo, sendo a recíproca dessa história que todos vivemos, possa resgatar um pouco da confiança na pureza das nossas almas e dos nossos corpos.

É possível que o Naturismo possa nos devolver a condição de sermos 'sem vergonha', por não termos nada mais do que nos envergonhar.

É possível tirar as roupas e, com elas, todo o peso de

consciência que carregamos por todos esses anos e, então, sentirmo-nos leves, puros e, quem sabe, até felizes para recomeçarmos a viver."

# *Capítulo II*

## *E Descobriram o Brasil...*

Até o ano de 1500, o Brasil era habitado por naturistas. Tanto no aspecto do meio de vida ecologicamente correto, quanto na sua atitude natural perante a nudez, os índios viviam como naturistas. Dizem que, após a descoberta daquele povo nu, inocente e sem malícia, houve um mal-estar na Europa, pois no Brasil, que era uma terra parecida com o paraíso, as pessoas viviam nuas e felizes, como se não houvesse o pecado original. Seriam apenas os europeus os herdeiros de tal culpa?

Em 1984, o repórter Tarlis Batista da revista Manchete, descobriu a Praia do Pinho, como ele mesmo conta, em matéria publicada na revista Ele Ela, no mês de maio de 1988:

"No início, confesso, fiquei desconfiado. Nunca havia estado, antes, no Balneário Camboriú, Santa Catarina, e achei muito estranho a festiva recepção que Mário, proprietário do mais famoso bordel daquele município catarinense, me fez:

- Tarlis Batista na minha casa, quanta honra!

Para colocar as coisas nos seus devidos lugares, convém esclarecer que eu não me encontrava ali como cliente e, sim, buscando informações sobre o comportamento dos turistas

argentinos - estávamos em novembro de 1984, época em que os principais balneários do Sul do Brasil foram invadidos pelos turistas argentinos, usufruindo dos preços baixos que tornavam as férias mais baratas do que em Mar del Plata ou Bariloche. E depois de percorrer as cidades de Torres e Tramandaí, no Rio Grande do Sul, Florianópolis e Itapema, em Santa Catarina, estava completando a reportagem no Balneário Camboriú. Já havia percorrido todos os locais freqüentados pelos argentinos, restando apenas alguns detalhes sobre o comportamento sexual deles. Por isso fui até a casa do Mário.

- Vem até meu quarto - prosseguiu Mário, me deixando ainda mais preocupado quanto às suas verdadeiras intenções. Pedi ao fotógrafo Paulo Frankem, que me acompanhava na realização da reportagem, que me seguisse. Ali chegando, Mário meteu a mão debaixo de sua cama e retirou diversas edições da Manchete, todas com reportagem que eu havia feito sobre os concursos de Miss Brasil.

- Sou teu fã há muito tempo. O desejo de conhecê-lo é antigo - explicava ele quando duas meninas da casa entraram no quarto perguntando:

- Mário, vamos ou não vamos naquela praia tomar banho de mar nus?

Me liguei na hora. Havia por ali uma praia onde todos tomavam banho de mar despidos? O assunto poderia ser interessante. Comecei a fazer uma bateria de perguntas para Mário, buscando maiores informações. Contou-me, então, que os clientes argentinos gostavam das meninas que tinham seus corpos inteiramente queimados pelo sol. Descobrindo este detalhe, elas haviam encontrado uma praia, de difícil acesso e quase nenhuma freqüência, onde podiam ficar inteiramente nuas, sem serem incomodadas. Resolvi, então, alterar por completo o rumo da reportagem que havia decidido fazer:

- Você quer ficar famoso no Brasil inteiro, Mário? - perguntei para ele. É uma proposta tentadora para um homossexual. E Mário não resistiu:

- O que é que eu tenho de fazer?

Sua casa tinha cerca de quarenta e cinco moças e algumas delas até bem bonitas.

- Quantas topariam aparecer nuas numa reportagem de nudismo? - indaguei.

- Todas - respondeu Mário.

Pouco depois, elas estavam nuas, na nossa frente, sendo submetidas a uma seleção. Escolhemos dez. Com todos os apetrechos comuns aos que vão tomar banho de mar, no dia seguinte fomos fazer as fotos na Praia do Pinho. Paulo Frankem, o fotógrafo, temia pela credibilidade da matéria. Procurei tranqüilizá-lo, dizendo que encontraríamos uma solução, já que não se tratava de algo muito distante da realidade. E mais tarde descobriríamos que, além das meninas do Mario's House, alguns moradores do Balneário Camboriú, Itapema e Itajaí, clandestinamente, costumavam freqüentar a Praia do Pinho e também tomar banho de mar nus. Só que tudo era mantido no maior segredo..."

A reportagem de Tarlis Batista foi publicada na revista Manchete, de 25 de fevereiro de 1984, com o título "TODO MUNDO NU EM CAMBORIÚ":

"Algumas praias sofisticadas, como Ipanema, arriscam o seu 'topless' de vez em quando. Mas a nudez explícita e total - que já chegou ao Brasil, embora muitos ainda não saibam - é privilégio de uma praia do tradicionalmente recatado Sul: Camboriú, Santa Catarina. Alguns dizem que tudo começou por influência dos argentinos, que há muitos anos invadem Camboriú durante as férias. Seja qual for a razão, o campo de naturalismo do balneário catarinense é o primeiro - e único - no gênero em nosso país, oficialmente autorizado pela municipalidade local. Só há uma dúvida, agora que sua existência foi divulgada: conseguirá o campo da Praia do Pinho sobreviver?"

Ao levantar essa dúvida, Tarlis demonstrou ter sensibilidade para o que poderia ocorrer. Tanto assim que, três anos mais tarde, num artigo que escrevi a pedido da revista

Integração, sob o título "Naturismo: Uma luta de pioneiros", eu narrava a história da Praia do Pinho da seguinte forma:

"...A Praia do Pinho era uma praia deserta, até 1984, somente freqüentada por um pequeno grupo de naturistas, que seriam, talvez, vinte a trinta pessoas, casais com seus filhos e na maioria pessoas que se conheceram ali mesmo naquele local, sem roupa.

Era um verdadeiro paraíso. Como náufragos em uma ilha deserta, podiam comer mariscos e prepará-los lá mesmo, na areia da praia, com toda a paz e tranqüilidade, amizade, respeito, amabilidade, pureza de espírito. E, assim como os índios brasileiros, foram descobertos. Não por caravelas de colonizadores, mas por câmeras fotográficas de repórteres que descobriram naquele pequeno grupo uma boa matéria para venda de revistas.

O resultado dessa descoberta somente poderia ser um: a invasão daquele pequeno local por um número cada vez maior de turistas e curiosos que queriam ver aquela bela atração. Como se o corpo humano, livre de invólucro, fosse a última descoberta da ciência e não apenas mais uma maravilha da natureza, tão injustamente escondida.

Milhares de quilômetros de lindas praias desertas ainda existem no Brasil, para uma das quais aquele grupo poderia se deslocar, no intuito de manter aquilo que tinham conquistado, pois, mais importante que o local, são as pessoas e o espírito do qual compartilham. Desse espírito nasceu a coragem de decidir mover a montanha, cravar a bandeira naquele local e lutar por ele. Não se tratava de uma luta armada e sim de uma luta ideológica, através da educação do povo a um novo - ou antigo - estilo de vida..."

No entanto se, por um lado, a reportagem de Tarlis causou a invasão da praia, por outro, ao ir a fundo na matéria ele conseguiu que as autoridades municipais se posicionassem, de certo modo, a favor da prática do nudismo na Praia do Pinho. E assim conta ele, na revista Ele Ela:

"...Feitas as fotos, faltava a divulgação. Com a ajuda de

Osmar Nunes Filho, na época secretário de Turismo de Balneário Camboriú, fiquei conhecendo o mais famoso radialista da região, Tigrão, apresentador de um programa diário na Rádio Camboriú. E fui entrevistado por ele durante trinta minutos. Quando revelei a descoberta da praia de nudismo, os telefones da rádio não pararam. Todos queriam saber onde ficava e se podiam freqüentá-la. Pintaram, também, alguns telefonemas de pessoas fazendo as mais diversas ameaças, até de morte. No dia seguinte, os jornais locais colocaram o assunto na primeira página. A credibilidade estava alcançada. Eu e Paulo dormimos tranqüilos."

Na reportagem da revista Manchete, Tarlis consegue registrar importantes declarações das autoridades locais, como segue na publicação de 1984:

"...Ao saberem da existência do campo de nudismo, o vice-prefeito, Mauri dos Passos Bittencourt, e o secretário de Turismo, Osmar Nunes Filho, em entrevista a Tigrão, declararam, para surpresa geral, que apoiavam a iniciativa dos naturistas e iam estudar a mecânica de funcionamento dos campos de nudismo americanos e europeus para montar uma estrutura igual na Praia do Pinho.

Bittencourt, que é também advogado, disse que 'não existe nenhum impedimento legal para que a Praia do Pinho se torne um campo de Naturismo. Quem passa pela estrada não tem qualquer visão da praia. Delimitada a prática do nudismo àquele espaço e colocados cartazes para alertar a todos, creio que não haverá problemas'.

Numa pesquisa promovida através do programa de Tigrão, mais de 70% dos entrevistados se mostravam favoráveis à idéia. Diz Osmar Nunes Filho: 'Será mais um pólo turístico. E, graças ao turismo, nossa cidade não tem mendigos, nem desemprego e é a mais segura do Brasil. A comunidade está atenta para este aspecto, do turismo como indústria. Por isso apoia a iniciativa com uma ponta de orgulho. Afinal, somos o primeiro município brasileiro a ter um campo de nudismo oficializado'."

Na praia, entretanto, a realidade não era tão simples assim. Atraídos pela reportagem, alguns naturistas que freqüentavam outras praias desertas passaram a ir à Praia do Pinho, de onde eram corridos, perseguidos por empregados de Domingos Fonseca, proprietário de uma chácara na área. Armados de pedaços de pau e ofendendo os naturistas, obrigavam-nos a escalar, às pressas, os íngremes morros que cercam a praia. Afora isso, começaram a surgir pessoas que confundiam liberdade com libertinagem e Naturismo com sacanagem, passando a afluir à praia para, lá, realizarem as mais diferentes práticas sexuais. Sem falar nos curiosos que iam à Praia do Pinho como quem vai ao zoológico.

Tudo isso fez com que o grupo de naturistas que freqüentava o local se dispersasse no final do ano de 1984.

Por outro lado, alguns meses mais tarde, Hans Frillmann, representante da INF - International Naturist Federation no Brasil, e Osmar Nunes Filho, o Mazoca, então Secretário de Turismo, tiveram uma reunião, no Marambaia Cassino Hotel, em Balneário Camboriú, com Domingos Fonseca, para que o mesmo parasse de perseguir os naturistas, uma vez que ele poderia até lucrar com o Naturismo na Praia do Pinho.

Vanderley, outro antigo freqüentador da Praia do Pinho, proprietário de um "Bailão" na região, também começou a estimular Fonseca a construir um restaurante no local e lucrar com os naturistas, ao invés de espantá-los.

No dia 21 de fevereiro, havia sido publicada no Jornal de Santa Catarina a seguinte coluna:

"Milhares de leitores viram através das páginas coloridas da revista Manchete, de circulação nacional, uma ampla 'reportagem' focalizando um assunto que pode passar à história do jornalismo nacional como 'o embuste do ano'.

Pelo menos é o que se depreende da reação negativa de empresários, autoridades e da própria comunidade de Balneário Camboriú, para quem a reportagem - que teve a participação de personagens pagas para a ocasião - representa

uma agressão moral de efeitos irremediáveis, porquanto foi atingida a família catarinense como um todo.

Não só os habitantes da chamada população flutuante do balneário foram atingidos, mas a comunidade que, com o suor do dia-a-dia, tem contribuído para a construção do mais aprazível recanto turístico do Sul do Brasil. Para estes, acima de quaisquer outros interesses, está a dignidade da família.

A 'reportagem' mostrando o nudismo na Praia do Pinho, em Balneário Camboriú, se em algum momento teve o objetivo de promover aquela praia, esteve longe de atingir a sua meta.

Ao contrário, irritou a comunidade, ante a perspectiva de atrair ao nosso litoral uma safra de turistas diferente da que até hoje por aqui tem aportado, com resultados negativos não só para o Estado, mas, principalmente, para os que levam o setor a sério e que agora esperam a punição adequada para o autor da 'brilhante idéia'.

O efeito negativo da 'reportagem' fica evidente, ainda, a partir do momento em que o assunto passou a ser enfocado com objetivos bem delineados de imediatismo, quando todos sabem que a indústria do turismo diferencia-se dos outros empreendimentos justamente pelo aspecto da credibilidade, esta sim, conquistada gradativamente ano após ano, como acontece hoje em Balneário Camboriú.

Os turistas, cujo número tem aumentado a cada temporada, assim procedem graças a uma campanha de bom atendimento e infra-estrutura ideal, plantados por longos anos. Logo, qualquer promoção que não for baseada no princípio da honestidade correrá o risco do resultado inverso."

Poucos dias depois, o mesmo jornal publicou uma matéria sobre a Praia do Pinho, sob o título "Vereador pede punição para nudistas da Praia do Pinho". O texto era o seguinte:

"Balneário Camboriú - O Vereador Rúdis Cabral, PDS, apresentou requerimento na câmara de vereadores de Balneário Camboriú, pedindo à mesa o envio de ofício ao delegado de polícia da comarca, Heriverto Divo da Silva, e ao

Secretário de Segurança Pública, Heitor Sché, solicitando urgentes providências 'no sentido de coibir terminantemente os atos vergonhosos que estão sendo praticados na Praia do Pinho, mesmo que para isso tenha de levar à prisão as pessoas que praticam o nudismo naquele recanto'.

Rúdis Cabral considera em seu requerimento que 'a comunidade de Balneário Camboriú é composta de pessoas íntegras e de tradição, que não podem ter sua imagem abalada e deturpada por atos de irresponsabilidade e despudor. As medidas propostas, portanto, visam tão-somente salvaguardar a integridade moral das famílias de nossa comunidade'. Na mesma sessão, o vereador peemedebista João Odilon Machado fez um discurso condenando a participação da administração municipal no episódio e, logo em seguida, distribuiu uma nota à imprensa intitulada 'Repúdio ao nudismo em Balneário Camboriú'.

O professor Osvaldo Husadel, que ministra cursos de ginástica e mentalização, vê na publicidade feita sobre o nudismo algo negativo para a cidade, porque 'um chefe de família não se sente à vontade para trazer sua família para Balneário Camboriú, vindo para cidade somente jovens a fim de farra e baderneiros. A Secretaria de Turismo deveria promover a cidade pelo lado belo da vida, dando assistência aos nossos turistas, tirando o esgoto da praia e recolhendo lixo', finaliza o professor.

Para o empresário Cláudio Cesário Pereira, 'divulgaram uma coisa que não existe, é montagem'. É estranho o ocorrido, segundo ele, porque no início da temporada o secretário já contratou moças para fazer topless na praia principal de Balneário Camboriú, como forma de promover a abertura do verão/84. 'Ao meu ver isso é uma propaganda negativa e sem sentido. Não precisam apelar tanto, para mim eles forçaram demais'.

Cesário Pereira garante ainda que 'seria bom os vereadores promoverem uma investigação para ver quanto custou a publicidade feita aos cofres municipais'. "

Nessa mesma época, o jornal O Estado publicava, sob o título "Nudismo em Camboriú provoca atração e também muitas reações", a seguinte matéria:

"Itajaí - 'É algo que não está alterando, até o momento, os costumes de Balneário Camboriú', assim reagiu o Secretário de Turismo, Osmar Nunes Filho, com relação ao nudismo que vem sendo praticado na praia do Pinho. Já o presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares, Mário Siwert, assim se pronunciou: 'É a evolução do tempo, as coisas estão mudando e o conceito das pessoas também'. Mas a polícia já alertou que 'caso seja constatada a prática do nudismo na Praia do Pinho, adotaremos os procedimentos legais', que pode dar inclusive prisão.

A Praia do Pinho é deserta, freqüentada por um ou outro pescador solitário e raramente por surfistas, devido às péssimas condições de acesso. Seguindo de Balneário Camboriú rumo a Itapema, alguns metros antes da bica d'água, no Morro do Boi, entra-se à esquerda. Após percorrer três quilômetros pela estrada vicinal, o motorista é obrigado a estacionar o carro e seguir a pé por uma espécie de 'picada', num terreno aproximado de 500 metros. No domingo, sete mulheres e dois homens estavam nus na praia. 'É um balneário pequeno, com muito verde e muito bonito', qualificou Osmar Nunes Filho, Secretário de Turismo de Balneário Camboriú.

'Desde que não prejudique os bons costumes, que seja praticado num lugar reservado, para que não venha a agredir outras pessoas, a prática do Naturalismo só beneficiará o Balneário em nível de divulgação nacional, pois é algo fora do comum no Brasil. Mais uma vez Balneário Camboriú saiu na frente com algo inédito no País. Para cá deverá convergir um grande número de curiosos e adeptos da prática do nudismo', lembrou.

'Isso é uma loucura total. Aliás, nesta praia tudo é louco. Mas o nudismo tem que ser praticado, afinal nós nascemos nus', pensou o turista paulista Antônio Nogueira, que está veraneando em Balneário Camboriú. Enquanto isso, a gaúcha

Severina Matilde de Souza, residente em Montevidéo, categoricamente afirmou: 'É o fim do mundo, meu filho. Aqui na praia já tá uma vergonha, imagine lá onde estes jovens estão tomando banho nus'.

'Até hoje, não tínhamos conhecimento do problema', declarou o Delegado Regional de Polícia, Renato Ribas Pereira, garantindo que vai acionar a Delegacia da Comarca de Balneário Camboriú para diligenciar no local. 'Caso seja constatada a prática do nudismo na Praia do Pinho, adotaremos os procedimentos legais que cabem no caso'. Como o fato atenta contra a moral, bons costumes e pudor, se alguém se sentir ofendido e denunciar o fato à polícia, o infrator poderá ser autuado em flagrante delito, declarou o delegado.

Quem não gostou nada do assunto foi Dom Afonso Niehues, que se mostrou bastante revoltado quando soube da existência de nudistas numa praia de Balneário Camboriú. Acredita mesmo que estas coisas não deveriam ser noticiadas pela imprensa, 'porque se realmente estiver acontecendo isto, trata-se de uma permissividade imoral, uma baixeza de costumes que eu não aceito de maneira nenhuma. É uma indecência'."

Alguns dias depois, outro jornal publicou "O verão nudista de Santa Catarina", sob o título "Camboriú antes do pecado original". Na matéria de Valdir Alves, havia a seguinte passagem:

"...Quanto ao Vigário de Camboriú, Frei Anselmo Júlio Munchausen, 58 anos, há quatro morando ali, acha que o nudismo 'animaliza o homem'. Mas, manifesta a esperança de que, com a chegada do frio, as 'imoralidades', causadas pelo calor, desapareçam e sua paróquia volte a funcionar normalmente. Diz Frei Anselmo: 'O nudismo fere os princípios espirituais do homem, que se manifestam também pelo recato do corpo'.

Ele declara, no entanto, que não tem conhecimento da prática, ali, não pretende criar polêmica em torno do assunto, nem alterar os fiéis em seus sermões dominicais, sobre as

possíveis tentações de uma praia nudista a menos de oito quilômetros de sua igreja .

Frei Anselmo não se mostra nada preocupado com as influências que o nudismo possa ter em seu rebanho de fiéis - que ele calcula em noventa por cento da população local. Durante o verão, explica, todo mundo - desde os garotos de dez anos - está ocupadíssimo, trabalhando cerca de 16 horas por dia.

Mas o frade não deixa de fazer duas advertências sérias: segundo ele a prática do nudismo 'transforma as pessoas em verdadeiras bestas', além disso, avisa às noivas que 'o noivo, quando já conhece todos os segredos da noiva, 'do corpo', acaba indo procurar uma outra'.

Quanto ao Prefeito de Camboriú, Harold Schultz (descendente em terceira geração de alemães), embora um tanto arredio diante da perspectiva da implantação do nudismo, admite que a cidade vive exclusivamente do turismo e não pode furtar-se a oferecer novas alternativas para os visitantes. Mas lembra que é preciso cautela: 'As coisas devem mudar devagar, os hábitos não podem ser alterados bruscamente. Se, de repente, todo mundo aparecer sem roupa na praia, as coisas podem complicar-se. Se for aos pouquinhos, tudo dá certo'."

# *Capítulo III*

## *"Nudistas são Presos!"*

Quando conheci a Praia do Pinho, em janeiro de 1985, já havia um restaurante recém construído no local e um camping, em fase de estruturação. Foi uma surpresa para os naturistas que, no ano anterior, eram expulsos da praia.

Os problemas com pessoas indesejáveis e curiosos ainda permaneciam. Os naturistas, desta vez, sentindo que Domingos Fonseca não mais os hostilizaria e passando a contar com o apoio de sua filha Ivone e seu genro, Alberto, que haviam deixado o conforto da cidade para morar no rústico restaurante da Praia do Pinho, decidiram começar a enfrentar os problemas inerentes a uma praia de Naturismo no Brasil.

O grupo que havia se dispersado no transcorrer do ano de 1984 voltava, aos poucos, a se reunir.

Buscando maior tranqüilidade e segurança contra a indiscrição dos curiosos, que transitavam de roupa pela praia, somente para ver pessoas nuas, os naturistas reuniam-se em um grande grupo, no canto Sul da praia. Os casais e famílias novas que chegavam e aderiam eram convidados a fazer parte do grupo, para que a força da união tivesse um poder constrangedor maior contra os curiosos, do que o destes contra

os naturistas.

Tínhamos que nos posicionar como se donos da praia fôssemos. Era a única maneira de coibir os abusos de algumas pessoas que afluíam ao local com a predeterminação de cometê-los.

Não era raro avistarmos homens se masturbando ou casais se portando de maneira obscena e até transando. Nesses casos, algumas pessoas do grupo iam até os mesmos para fazê-los ver que ali não era o local apropriado àquele tipo de atitude. Nosso maior temor era perder a - até então - suposta tolerância da polícia à prática do nudismo na Praia do Pinho.

Nessa época, já começavam a despontar alguns naturistas interessados em preservar, através de uma atuação mais decidida, o verdadeiro espírito naturista que antes reinava na Praia do Pinho. Roselandi E. Moenrich, a Rose, com sua peculiar simpatia, fazia o trabalho de "relações públicas", favorecendo o entrosamento de casais e famílias novas na praia. Siegfried Heyder, o Zig, passava o dia inteiro caminhando de um lado a outro da praia, fazendo a "ronda", inibindo comportamentos inadequados ao local e zelando pela boa imagem da praia e dos seus freqüentadores.

As amizades que se formavam pareciam ser muito mais fortes do que normalmente acontece. Custasse o que custasse, em qualquer feriado mais prolongado, as pessoas vinham do Rio Grande Sul, Paraná, São Paulo e até da Argentina, para confraternizar naquele ambiente paradisíaco, que chegava a tornar-se um tanto místico, tal a atração que exercia sobre nós. Simplesmente não conseguíamos mais desfrutar de outras praias em que tivéssemos de usar roupas de banho. O incômodo, nas praias comuns, não era físico e, sim, psicológico.

Mesmo inconscientemente, não podíamos mais aceitar o fato de estarmos vestidos simplesmente para não chocar os outros, uma vez que já havíamos descoberto que nosso corpo não continha nada de imoral e pavoroso e, para nós, não havia nada mais natural e sublime do que a convivência naturista. Não importava que tivéssemos de passar a noite inteira

viajando em uma estrada perigosa, ou que o acesso até a Praia do Pinho fosse difícil e as acomodações, precárias. O que importava era que, lá, iríamos encontrar nossos amigos. Nossos verdadeiros amigos. Amigos conquistados sem roupas ou máscaras. Amizades feitas na pureza do espírito naturista, como amigos de infância.

Quando, em janeiro de 1986, cheguei à Praia do Pinho para curtir mais uma temporada de férias, tomei conhecimento de que a polícia não havia resistido à tentação e tinha invadido a praia para prender os naturistas, alguns dias antes da minha chegada.

O Jornal de Santa Catarina relatou o acontecimento, no dia 15 de janeiro de 1986, da seguinte forma:

"Sob a égide da moralidade, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina determinou que a Praia do Pinho fosse interditada para a prática do nudismo, numa atitude casuística e retrocessiva. Mas que moralidade é esta? E as outras muito mais terríveis, praticadas por marginais de colarinho, nas quais as autoridades constituídas são cúmplices, e que são permanentemente protegidas pelos escudos da impunidade?

Pois bem, 25 pessoas que praticavam o nudismo na referida praia, na tarde de segunda-feira, foram autuadas em flagrante, como se fosse a mais importante das atuações das polícias Civil e Militar em toda a temporada de verão. Foi necessária a ação conjunta para prender os suspeitos 'marginais' que atentam ao pudor na isolada praia, enquanto os literais marginais atuam no centro de Balneário Camboriú, colocando em risco a população de 300 mil pessoas, como no caso ocorrido na manhã de domingo, quando a artista plástica N.L.S., de 23 anos, era estuprada na Praia dos Amores sem que houvesse um policial por perto.

O que vem a ser segurança pública? Somente dar tapinhas nas costas de turistas que abusam da sua condição de turista? Segundo a orientação da Operação Veraneio, os policiais não podem e não vão incomodar o divertimento dos

veranistas. Nada é feito para coibir os abusos. Esta passividade faz com que os marginais passem por turistas sem ser incomodados.

Em Balneário Camboriú não existem policiais nas ruas. O efetivo policial, se comparado com a temporada passada, diminuiu substancialmente. As blitz foram tiradas de circulação e até hoje não foram esclarecidas quais as inconveniências das realizações destas blitz. Enquanto isso, é mobilizado um efetivo de policiais civis e militares para se deslocar até a Praia do Pinho com intuito de moralizar Balneário Camboriú. Preservar a moral e os bons costumes. É a famigerada abertura, que não é acompanhada pelas 'morais' autoridades competentes, que pensam ganhar pontos da opinião pública prendendo indefesos veranistas."

Abaixo do subtítulo "As autoridades estão cegas", prosseguia a matéria do Jornal de Santa Catarina, sob o texto de Nildo Teixeira de Melo Jr.:

" 'Foi criada uma estrutura na Praia do Pinho, em função do naturismo. Vai quem quer. Enquanto isso, as autoridades não têm visto coisas piores que acontecem na praia de Balneário Camboriú, onde crianças e adultos são obrigados a assistir'. O desabafo é do ex-secretário de turismo do município e responsável pelo lançamento da Praia do Pinho em nível nacional como área de nudismo, Osmar Nunes Filho.

Para Nunes Filho, a batida realizada na Praia do Pinho foi interpretada como uma forma de se tirar vantagem da situação. 'Pelo que vejo, a intenção da determinação foi de ser notícia, pois soube que logo após a prisão a imprensa foi chamada para registrar o fato', afirma Nunes Filho.

'Quem procura a Praia do Pinho aceita e quer participar. Lá, eles praticam o nudismo por princípios e não por outras intenções', declara Nunes Filho que desafia o responsável pela Secretaria de Segurança que determinou a intervenção para que ele se identifique. 'Assim pesaremos o seu pensamento com relação ao turismo em Santa Catarina, pois a Praia do Pinho é uma opção a mais oferecida por ser uma

praia internacional'.

Nunes Filho, definindo o fato ocorrido como lamentável, finalizou que 'a sociedade está em permanente evolução. Se as pessoas não praticam o nudismo, mas que aceitem e respeitem este tipo de comportamento'."

Esta reportagem foi publicada sob a manchete "NUDISTAS SÃO PRESOS. ASSALTOS CONTINUAM", com a matéria circundando uma enorme charge, contendo um policial fardado, segurando na mão esquerda um cacetete e com o braço direito segurando um homem nu, pelo pescoço, numa "gravata", e o pelado dizendo: "Me solta, pô! Eu não sou nudista, fui assaltado ali adiante!"

Na mesma edição deste jornal, porém na página policial, o Secretário de Segurança Pública dá sua versão sobre os acontecimentos, conforme discorre a matéria sob o título "Sché justifica prisões de nudistas no Pinho":

"No momento em que o 'Ultraje a Rigor' está na crista da onda, o Secretário de Segurança Pública, Heitor Luiz Sché, justificou a prisão de 21 nudistas na Praia do Pinho, em Balneário Camboriú, dizendo que 'o nudismo é um crime previsto no artigo 233 do Código Penal e constitui ultraje público ao pudor'. O que se nota claramente é uma inadequação das leis aos interesses daquela comunidade de banhistas, que optou por um determinado estilo de vida não previsto na legislação.

'A SSP tem por finalidade garantir, proteger e promover a ordem jurídica, manifestada socialmente na ordem pública, através de seus órgãos vinculados: a PM, PC e o Detran', declarou Sché. 'O Delegado de Camboriú, ao cumprir a ordem da SSP, o fez no cumprimento de sua missão institucional, sem qualquer uso de violência, e sem exorbitar suas atribuições', disse o secretário.

As pessoas detidas, entre elas um casal de argentinos, um de paulistas e outro de gaúchos, foram indiciadas em inquérito policial e posteriormente liberadas. O casal de argentinos também será submetido à legislação brasileira.

Segundo o secretário, a SSP não pode liberar o que a lei proíbe, pois não tem essa competência. 'Não podemos nos omitir quando verificamos a infringência clara da lei, e, inclusive, com a manifestação da revolta da opinião pública', continuou ele.

Para Heitor Sché, o turismo não sai perdendo com essa atitude da SSP, apesar da propaganda do campo de nudismo da Praia do Pinho ter sido veiculada em revistas como a Playboy e a Quatro Rodas. Muitos turistas vieram para Santa Catarina estimulados por anúncios desse tipo, que realçam a liberdade, as condições naturais e a possibilidade de um descanso seguro nas praias do Estado. 'Pela atual legislação - disse ele - esses locais teriam de ser particulares e cercados por um muro, pois, caso contrário, as pessoas vizinhas que se sentissem incomodadas teriam o direito de acionar a polícia para coibir essa prática'."

O assunto, entretanto, não esfriou com as justificativas do Secretário de Segurança Pública, e o Jornal de Santa Catarina foi atrás das opiniões das pessoas e, seis dias depois, publicou uma matéria de página inteira sob o título "Povo diz 'sim' ao nudismo na praia", que começava com o seguinte enunciado:

"Quem afinal está com a razão? O povo, que quer se descontrair e 'tirar' a roupa em uma praia específica de nudismo, ou a polícia, que fez 25 prisões na Praia do Pinho? Para saber o que os veranistas estão pensando, a equipe de reportagem do Jornal de Verão foi à praia perguntar para todos qual sua opinião. E a conclusão da pesquisa é óbvia. Veja só!"

E a reportagem segue:

"Uma polêmica se instalou em Balneário Camboriú, depois da prisão, no início da semana passada e por determinação da Secretaria de Segurança do Estado, de 25 praticantes do nudismo na Praia do Pinho, todos indiciados em inquérito por infringirem o Artigo 233 do Código Penal, um decreto-lei instituído em 1940, durante a ditadura, reprimindo a prática de ato obsceno em lugar público ou aberto ou exposto ao público.

A lei, no entanto, na opinião de juristas, não pode ser mais vaga e ambígua, pois, ali, nada é especificado quanto ao que seja ato obsceno, ficando por conta simplesmente da autoridade, seja ela uma secretaria de segurança, um delegado de polícia, um promotor de justiça ou um juiz de Direito, tal decisão. Por isso, quando uma autoridade passa a dizer que é obsceno o ato que ela acha obsceno, sem dúvida alguma, está abusando de seu poder, já que se todo poder emana do povo e em seu nome é exercido, caberia a ele decidir o que é certo e o que é errado.

Acontece que não é comum as pessoas associarem o seu ato de votar à outorga de poderes para que alguém faça as leis em nomes delas, ou seja: não existe a noção correta de que é o deputado e o senador quem faz as leis, quem elabora o Direito legislado. Isso dá margem a que esta população não cobre daqueles que aplicam a lei o respeito pela lei e pela própria população. Aí ocorrem fatos como o que foi visto: a polícia ou as autoridades passam a dizer o que as pessoas devem ou não fazer, a falar e a decidir em nome do povo, estabelecendo, em conseqüência, normas de comportamento.

Será que a população considera imoral o nudismo numa praia como a do Pinho, que fica em um local de difícil acesso, isolado da estrada e de terra batida, em mau estado e, além disso, com subidas íngremes? Além de não ser normal alguém ir até lá para passear com sua família, é bom frisar que a prática do nudismo naquela praia é fato público e notório, tendo sido inclusive lançada no ano passado e em todo o Brasil, pela própria administração municipal de Balneário Camboriú, como reduto naturista, o que torna ainda mais constrangedora a atitude da polícia, ao prender, arbitrariamente, vinte e tantas pessoas que lá se encontravam."

Numa outra coluna, o jornal revela a opinião da população:

"O Jornal de Verão realizou, entre os veranistas de Balneário Camboriú, uma enquete para verificar a opinião deles sobre o nudismo na Praia do Pinho. Não se tratou de uma

perícia sociológica, mas de uma enquete jornalística, procurando fornecer ao leitor uma amostragem da posição daquelas pessoas sobre o nudismo. Foram entrevistadas 125 pessoas, no último dia 16 de janeiro. Considerou-se a idade e o sexo como variáveis, o que resultou em seis divisões por faixa etária e duas por sexo. A idade mínima dos entrevistados foi de 15 anos, não havendo limite para idade máxima.

Constituiu-se um primeiro grupo, com pessoas de 15 a 18 anos, que opinaram, sem ser leitores.

A consulta a este grupo apenas se destinou a avaliar a opinião dos adolescentes em relação às pessoas adultas. A todos, foi feita a seguinte pergunta: "Você concorda que se pratique o nudismo na Praia do Pinho?". Um total de 86,4 por cento respondeu que sim, enquanto 13,6 por cento disseram que não.

O grupo que mais reagiu ao nudismo foi o das mulheres maiores de 50 anos - 33 por cento delas se manifestaram contrárias a tal prática. Já a maior aprovação ficou por conta dos homens na faixa dos 19 aos 25 anos: 99 por cento deles são favoráveis. Entre os homens, os que mais se opõem ao nudismo estão na faixa dos 41 a 50 anos, 25 por cento. O interessante é que eles são seguidos pelos rapazes adolescentes, 20 por cento. Em contrapartida, entre as mulheres, são as adolescentes que mais aprovam a nudez, com 90,4 por cento delas dizendo que sim. Elas são seguidas pelas mulheres na faixa dos 26 a 30 anos. Aliás, este é o grupo mais homogêneo entre homens e mulheres que aprovam o nudismo na mesma proporção: 87,5 por cento. Mesmo assim, os homens ficaram na frente na aprovação da prática do nudismo - 89,3 por cento, contra 84,6 por cento das mulheres.

Apesar destas diferenças, o que se constata com a pesquisa é que, em todas as faixas etárias, tanto homens como mulheres aceitam, em sua maioria, o nudismo na Praia do Pinho. Pode-se dizer, portanto, que a prisão dos nudistas contrariou a opinião da maioria da população.

Também foram entrevistados alguns parlamentares

catarinenses, que se mostraram perfeitamente afinados com a opinião daqueles que os elegeram, e dos quais são legítimos representantes.

Agora, resta verificar se, mesmo com as ameaças da polícia, as pessoas continuam tirando a roupa na Praia do Pinho. É comum não se cumprir as leis no Brasil e o jogo do bicho está aí para provar isso. Todavia, a diferença que existe quanto à Praia do Pinho é que a polícia tem prometido reprimir a nudez, com batidas diárias no local, fato que pode intimidar as pessoas, em função do aparato repressivo que foi montado.

Enquanto isso, os nudistas, se o processo for adiante, pois existem possibilidades de que com um habeas-corpus tranquem a ação penal, poderão receber penas que variam de três meses a um ano de detenção, ou serem multados, em valor estabelecido pelo juiz."

O trabalho do Jornal de Santa Catarina, sobre a questão, terminou com a publicação, no dia 23 de janeiro de 1986, da opinião dos políticos, sob o título "Políticos também defendem o nudismo", iniciando a matéria com o seguinte teor:

"Balneário Camboriú - 'Se eu for eleito, prometo que todos os adeptos do nudismo terão à disposição lugares públicos adequados, amparados na lei e nos bons costumes'. A cena mais parece a fantasia de um candidato de primeira viagem a 'demagogar' em palanque, driblando o povo e a lei."

E a matéria segue com a unânime aprovação dos políticos ouvidos a respeito do nudismo na Praia do Pinho.

Rose e seu marido, Edo, foram os primeiros a chegar à Praia do Pinho após a batida policial. Encontraram tudo fechado e lacrado e o óbvio abatimento de Alberto e Ivone, que moravam no restaurante, tendo, por conseguinte, sua casa lacrada.

Numa atitude audaciosa, revoltada com o acontecido, Rose tratou, imediatamente, de tirar toda sua roupa e foi para a praia. Alertada por Ivone de que a polícia estava vindo à praia várias vezes por dia, Rose respondeu: "Pois que venham. E se

quiserem me prender, terão de me levar nua para a delegacia".

A polícia veio. Ivone foi logo avisando os policiais das intenções de Rose. Intimidados ante à coragem da naturista, recuaram de sua missão e foram embora.

Nosso grupo de naturistas, que mais uma vez havia se dispersado por forças externas a ele, lentamente começou a se reunir novamente.

# *Capítulo IV*

## *AAPP*

Apesar de todos os problemas que, ano a ano, variavam em qualidade e aumentavam em quantidade, o número de naturistas na praia ia aumentando. Se em 1984 não superava a casa dos trinta ou quarenta, em 1985 ele para oitenta a cem. Durante a temporada de 1986, não menos de trezentas pessoas tiraram a roupa na Praia do Pinho.

Esses números eram pequenas gotas no oceano se comparados a países como França, Holanda ou Alemanha. Enquanto lutávamos para conquistar a primeira praia naturista do Brasil, a França já contava com mais de cem, em uma orla marítima muito menos extensa que a do Brasil.

Ainda sem contar com a participação de locais específicos na América Latina, em 1986 o Guia Internacional de Naturismo, editado pela INF - Federação Internacional de Naturismo, em suas mais de 900 páginas, oferecia, a um público de 40 milhões de naturistas no Hemisfério Norte, nada menos que 1500 praias e 850 centros de férias naturistas em países onde o turismo era tratado de forma profissional.

O tão anunciado apoio, prometido pelos políticos e autoridades locais, entretanto, continuava somente na

promessa. E não era por falta de insistência. Muito antes mesmo de surgir a Praia do Pinho como área de Naturismo, em 1979 um estudante de Direito estava pleiteando a liberação do Naturismo na Praia de Trindade, no litoral paulista, e foi a Brasília entregar a seguinte carta ao Presidente da República:

"Excelentíssimo Senhor Presidente

Considerando o processo de democratização que beneficia nosso País e a grande compreensão que é peculiar a V. Exa., venho solicitar sua valiosa apreciação para o pedido seguinte.

Elaborei um projeto de instalação de um 'Centro Naturista' em praias brasileiras que traria inúmeras vantagens para nosso turismo, nossa cultura e o nosso Desenvolvimento Nacional, enaltecendo o nome do Brasil no exterior e valorizando a mentalidade do nosso povo que, por mais uma razão, logo passará a ser visto como povo desenvolvido e evoluído.

Está tal projeto de acordo com o Novo Plano Nacional de Turismo, dentro dessa mentalidade, que mudou definitivamente os conceitos arcaicos que até então conduziam o nosso País. Na verdade, passamos agora a trilhar um caminho seguro de justiça e desenvolvimento. E, no setor Turístico, procura-se dotar a Nação de uma estrutura de serviços capaz de absorver grandes massas de Turismo doméstico e estrangeiro, promovendo-se dessa forma a 'Indústria sem Chaminés', a Indústria de bem receber, que sabe tirar partido das riquezas naturais sem esgotá-las, beneficiando-se, também, o encontro de culturas diferentes e a busca pelo primitivo e exótico, que tem sido uma constante na motivação das viagens turísticas.

Como podemos notar, a grande proliferação dos 'Centros Naturistas Internacionais', espalhados pelo mundo inteiro, além dos 'Centros Naturistas de Vacances' e as promoções de Viagens Naturistas, representam em alguns países a base da economia nacional. Sendo o Brasil um país tropical com imensa costa litorânea, voltada para o mais

famoso dos oceanos e com fontes inesgotáveis de riquezas e, também, de belezas, cumpre-nos, mediante Planos Prioritários estabelecidos pelo Governo, explorar adequadamente nossas possibilidades de recreação, contemplação da natureza e repouso natural, pois, hoje em dia, uma das inovações da civilização moderna consiste em medir-se o desenvolvimento e a riqueza de uma nação não mais pelo número de horas de trabalho, mas, sim, pelo número de horas de lazer que a economia e a organização do país possam proporcionar.

Por efeito de reportagens motivadas pela tentativa de implantação do meu projeto, e pela grande atração que exerce tudo o que é brasileiro sobre Grupos Econômicos Internacionais, tenho recebido diversas correspondências estrangeiras no sentido de apoio à minha iniciativa. Mas como sou brasileiro, desejo reconhecimento por parte de um órgão oficial do Brasil, no caso, a EMBRATUR. Gostaria, também, que meu projeto tomasse um rumo puramente nacional, servindo ao sadio lazer de brasileiros e de turistas de procedência internacional, mas em proveito econômico único do Brasil.

Contando com a preciosa atenção de V.Ex.a., atenção que, dispensada pelo supremo governante de uma grande Nação a um simples estudante, já por si significa alto índice de democracia, espero seja meu projeto examinado com realismo e objetivismo em favor do nosso Brasil."

Era uma tentativa precoce de implantar o Naturismo no Brasil. Havia vontade de uma pessoa, mas não uma situação de fato, como veio a ocorrer mais tarde na Praia do Pinho.

Uma estrutura mais consistente e capaz de fazer frente às nossas necessidades começava a se tornar imprescindível.

O mar da Praia do Pinho, às vezes, tornava-se muito perigoso e algumas pessoas mais afoitas ou descuidadas acabavam se afogando, principalmente em algumas correntes que se formavam, puxando-as para o mar. Nessas ocasiões, os próprios freqüentadores da praia tinham de ir ao mar para

auxiliar aos afogados. Eu mesmo, só na temporada de 86, por cinco ou seis vezes tive de arriscar minha vida para salvar pessoas que o mar estava carregando embora. Apesar disso, a tão anunciada "única praia oficial de nudismo do Brasil" não dispunha, sequer, de um salva-vidas para dar proteção aos banhistas.

No feriado de Carnaval daquele ano, o movimento na praia foi grande. Acredito que a freqüência média em cada dia deve ter sido em torno de uma centena de pessoas. Isso, para uma praia de pouco mais de quatrocentos metros de areia, e sob o risco de uma eventual prisão policial, ou agressão por parte dos nativos habitantes das redondezas, é um grande movimento.

A noite de sábado foi histórica e, graças a ela, estou hoje escrevendo este documentário.

Resolvemos fazer um pequeno baile de Carnaval, no salão do restaurante. Somente para umas poucas pessoas. Foi conseguido um gerador - não havia eletricidade -, um toca-fitas, algumas fantasias improvisadas e estava feito o baile. Lá pelas dez horas da noite, eu já estava cansado de "pular"; sentei a uma mesa para descansar e tomar uma cerveja.

Vendo aquele grupo tão unido e amigo brincar descontraidamente, resolvi tomar a iniciativa para organizar alguma coisa.

Vi um cartaz de propaganda de cerveja afixado em uma coluna de madeira. Levantei e fui até o balcão do restaurante, onde peguei uma caneta. Quando, ao voltar para minha mesa, passei pela tal coluna, descolei o cartaz e levei-o comigo. No verso dele, comecei a escrever: "Assembléia de Fundação da Associação dos Naturistas da Praia do Pinho". E segui:

"Aos dez dias do mês de fevereiro de um mil novecentos e oitenta e seis, no restaurante da Praia do Pinho, município de Balneário Camboriú, os abaixo assinados decidiram fundar a Associação dos Naturistas da Praia do Pinho - ANPP. Visando desenvolver e difundir a cultura do Naturismo, será elaborado um regulamento ou código de ética, que será observado e

divulgado pelos associados abaixo assinados e futuros integrantes da presente associação."

Levantei e comecei a chamar o pessoal para ler, e seguiram-se as assinaturas: Márcia e Celso Rossi, Elza Corsi e Ricardo Slupski, Mônica e Fernando Grieco, Antônia e Amílton Bauer, Dagmar e Odone Branco, Gertrudes e Siegfried Heyder, Laura e Alberto Paita, José Anastácio Furtado, José Fernandes Neto, Ivone e Alberto Paulo e Ângela e Roberto Mello.

Alguns, temendo comprometer-se em um documento que, apesar de manuscrito e rasurado, poderia constituir prova em algum inquérito policial, não o quiseram assinar.

Após algumas discussões e sugestões, o rascunho foi rasurado, mudando-se o nome de Associação dos Naturistas da Praia do Pinho para Associação Amigos da Praia do Pinho, o que não seria tão comprometedor.

Estava fundada a AAPP, o que marcava o início da implantação definitiva do Naturismo organizado e, de fato, praticado no Brasil.

O final do mês de fevereiro anunciava, mais uma vez, o final da temporada de verão, quando todos voltavam para suas cidades e seu trabalho. O que acontecia - e acontece - de interessante, após uma temporada na Praia do Pinho, era que, quando chegávamos à praia nos adaptávamos imediatamente àquele novo ambiente, mas quando retornávamos para os nossos lares, chegávamos a passar meses desambientados aos mesmos e ao nosso trabalho, enfim, a tudo o que "cheirasse" a cidade.

O ano de 1987 iniciou com a TV Manchete anunciando, várias vezes por dia, uma reportagem em sua revista sobre a Praia do Pinho.

Ainda não havia iniciado nem o período de férias, quando viajaria ao Pinho, e, de Porto Alegre, já começava a temer pelo futuro da nossa praia de Naturismo, uma vez que não dispúnhamos de um mínimo de organização para conter o grande avanço de curiosos que aquela reportagem, tão

largamente anunciada, em nível nacional, traria à praia.

Alguns dias mais tarde, quando deixei a BR 101 e ingressei na estrada secundária que leva ao Pinho, minha expectativa era grande. Não sabia o que iria encontrar na praia. Não sabia, sequer, se ainda era uma praia de Naturismo.

A estrada de terra estava muito movimentada, como nunca a havia visto antes. Muitos carros e motos, na sua maioria guiados por homens fazendo algazarra. Cada carro que cruzava por mim fazia aumentar uma dor no peito, que começava a me sufocar. Como um sentimento de pesar ecológico. Como o que sentimos quando vemos matarem uma baleia, ou uma grande queimada na floresta.

Quando cheguei ao topo do morro que esconde a Praia do Pinho, havia um enorme engarrafamento de veículos. Alguns tentando sair, outros tentando estacionar. Tudo em meio à algazarra de pessoas gritando: "VAMOS VER OS PELADOS!"

- Acabou - disse para mim mesmo.

Comecei a pensar em voltar e ir para outro lugar, para não ver o que estaria acontecendo na praia.

Resolvi descer. Somente para ver os amigos que lá estivessem, e depois ir embora.

Quando avistei a praia, ela estava cheia de gente caminhando para lá e para cá. Todos vestidos.

Homens e mulheres trajando até calças compridas, sapato e meia. Não faltavam nem executivos ou vendedores, empunhando maletas do tipo 007. Uma ou outra pessoa sem roupa, sendo alvo de olhares e gozações de turistas e curiosos.

Encontrei poucos amigos. A tristeza entre eles era visível. Decidi pernoitar ali, pois já estava anoitecendo, para, no dia seguinte, ir a Quatro Ilhas, lugar onde passava minhas férias antes de conhecer o "paraíso", que agora estava morrendo.

No dia seguinte, acordei cedo o suficiente para ver o sol nascer. Maravilhoso. A praia estava deserta. Caminhei até o meio dela e, à beira do mar, fiquei observando o sol subir

lentamente.

Aquilo me fez esquecer de toda a tristeza que havia sentido no dia anterior.

Fiquei ali imóvel, mais alguns minutos, sozinho na praia, observando o sol, e comecei a sentir algo estranho em meu corpo. Começava pelos pés, uma espécie de formigamento que ia subindo pelas minhas pernas. Uma sensação estranha, mas agradável. Comecei a sentir como se meus pés fizessem parte da areia sobre a qual estavam, ou como se abaixo deles brotassem raízes, pelas quais subia uma espécie de seiva que me causava aquela sensação de formigamento.

Uma espécie de energia começou a subir pelas minhas pernas, arrepiando a minha pele e chegando rapidamente à altura da cintura. Quando subiu até o tórax, instintivamente joguei meus braços para cima. Senti meu couro cabeludo arrepiar e esquentar, ao mesmo tempo em que o formigamento subia pelos meus braços, mãos, e parecia fluir por debaixo das minhas unhas, para o céu.

Esta sensação durou, ao todo, uns dez ou vinte segundos, quando, então, de baixo para cima, meu corpo foi voltando ao normal.

Este acontecimento pode não ter nenhuma relação com os seguintes, mas de uma coisa eu sei: nunca estive, em minha vida, tão intimamente ligado com a natureza e tudo o que me rodeia como naquele momento que poderia definir como um "orgasmo espiritual". Como se um raio tivesse passado da terra para o céu, por dentro do meu corpo; algum tipo de energia, para mim desconhecida, parecia ter me usado de canal para fluir da areia da praia para a atmosfera.

Junto com a perplexidade, uma sensação de prazer começou a me tomar e me senti leve sobre os pés. Ali permaneci por mais alguns minutos, tentando analisar o que havia ocorrido. Depois, comecei a voltar para a pousada, onde ia arrumar minhas coisas e ir embora.

Bem à frente da pousada, dei uma última olhada para o mar, como que para dar o meu último adeus, quando vi, a uns

cem ou duzentos metros da praia, alguma coisa boiando. Era azul. Não conseguia identificar o que era.

Entrei no mar e nadei até ela. Era uma corda. Uma corda de navio, de náilon azul, com uns cinco ou seis centímetros de espessura. Estava um pouco enrolada. Segurei em uma de suas extremidades e comecei a puxá-la para a praia.

Quando cheguei na areia, arrastei-a para fora d'água. Ao chegar no ponto onde iniciava a vegetação, virei-me para ver o seu comprimento e, ao observá-la, vi que formava uma linha perpendicular à praia: havia dividido a praia em duas metades. A idéia que me ocorreu foi óbvia.

Resolvi ficar ali, de pé, ao lado da corda. Não havia ninguém, ainda, na praia. Deviam ser umas sete e meia, ou oito horas da manhã.

Poucos minutos depois, chegou um casal. Eu os conhecia de vista, eram naturistas. Foram até o canto Sul da praia e tiraram a roupa. Mais uns minutos passaram, quando chegou um carro.

Algumas pessoas desceram e ficaram me olhando: eu estava nu. Pareciam ser turistas.

Vieram caminhar na praia.

A Praia do Pinho sempre foi uma praia completamente deserta, à exceção dos naturistas, uma vez que o acesso é precário e o mar muito revolto. Não fosse praticado o Naturismo lá, nunca ela receberia a visita de turistas para "caminhar na praia".

Eu permanecia de pé, ao lado da corda, esticada no chão. Eles vieram caminhando na minha direção. Certamente iriam caminhar até o final da praia para olhar o casal que lá estava, nu, depois voltariam e iriam embora, ou sentariam na areia, para aguardar a chegada de mais naturistas, como se tivessem pago para assistir a algum espetáculo.

Quando chegaram próximos de mim, os recebi:

- Tudo bem? Vieram conhecer a Praia do Pinho? Aqui é uma área de Naturismo e funciona da seguinte forma: o trânsito pela praia é livre, esteja ou não de roupa. Porém, a

quem for ficar na praia para tomar sol, ou banho de mar, e não quiser ficar sem roupa, nós pedimos que se instale do lado de cá da corda - apontando para o lado Norte da praia, indicava qual o lado a que me referia - onde o mar é igualmente limpo, a areia é macia e o sol também brilha. OK? Muito obrigado.

Blefe. E cara de pau, pois chegar para conversar com estranhos, como se dono da praia fosse, e nu, não é fácil. O fato é que eles acreditaram. Foram até o fim da praia, como era fácil de prever, voltaram e se sentaram no outro lado da corda, onde eu lhes tinha indicado.

Até as três da tarde, momento de maior movimento de turistas, eu já havia conversado com centenas de pessoas e a praia estava funcionando, realmente, daquela forma: naturistas de um lado, vestidos do outro.

Alguns achavam que eu era funcionário do Governo, ou da Prefeitura, outros complicavam, alegando que a praia é pública e tinham direito de ficar onde quisessem. A maioria, entretanto, simplesmente aceitava as "regras".

Sem dúvida, era desagradável cercear a liberdade das pessoas, mas parecia ser a única forma de manter, naquele local, a possibilidade da prática do Naturismo

No final do dia, eu estava exausto. Sem uma gota de saliva. E aquele era recém o primeiro dia de semanas em que eu permaneceria fazendo aquele trabalho de "porteiro do paraíso".

Algumas pessoas do grupo, que não haviam se dispersado após a invasão dos curiosos, começaram a trabalhar comigo, em especial o Zig, que era incansável, fazendo a "ronda".

Já há alguns dias na praia, sem praticamente curti-la, mas proporcionando tranqüilidade para que muitos o fizessem, tive em minhas mãos a tal revista Manchete, que havia saído uns quinze dias antes.

Com uma foto de abertura em duas páginas, mostrando um grupo de pessoas e crianças caminhando de mãos dadas pela praia, e sob o título "O NUDISMO INVADE A NOSSA

PRAIA", o repórter Tarlis Batista iniciava a reportagem com o seguinte preâmbulo:

"Em fevereiro de 1984, era apenas uma praia deserta, de difícil acesso e, por isso, transformada em refúgio de um reduzido grupo de arrojados nudistas do Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Hoje, três anos depois de uma exclusiva e reveladora reportagem de Manchete, a Praia do Pinho deixou de ser o paraíso de uma minoria e se transformou na curtição de muitos.

No local, foram construídos um camping e um restaurante e a estrada de acesso foi pavimentada.

Os nudistas ganharam a tranqüilidade - a polícia já não os incomoda - e a Praia do Pinho passou a atrair turistas de todo o País. Lá, liberdade é bronzear o corpo por inteiro, em família. Com todo respeito."

Certamente, sabendo o risco a que estava submetendo o nosso "paraíso", Tarlis Batista seguia sua reportagem:

"A Praia do Pinho tem uma estrutura de funcionamento em tudo similar aos campos de nudismo da Europa e EUA."

Era verdade, porém na Europa existem centenas de áreas de Naturismo e a população já está acostumada com isso, o que não lhes desperta mais curiosidade. Aqui no Brasil era somente a Praia do Pinho, num país latino, cujo povo carrega muito mais preconceito e malícia do que o europeu.

Prosseguindo na reportagem, ele contava:

"Deixou de ser freqüentada apenas pelas meninas de um 'night-club', o Mário's House, recebendo hoje promotores, juízes, empresários e até artistas que eventualmente se apresentam em Camboriú, Itajaí ou Itapema. Além disso, nos últimos anos, o fluxo turístico da cidade sofreu uma elevação calculada em torno dos 30 por cento. 'Nem todos estão vindo por causa do campo de nudismo', esclarece Osmar Nunes Filho, ex-Secretário de Turismo de Balneário Camboriú e pioneiro na indústria de hotelaria da cidade. 'Mas uma boa parcela dos turistas que estão vindo para o nosso município tem a intenção de passar algumas horas naquela praia'. E são, em sua grande

maioria, turistas com alto poder aquisitivo, em sua maioria procedentes de São Paulo.

Nesta categoria podem ser incluídos José Eduardo e sua mulher. Ele, alto executivo de uma empresa de metalúrgica e ela psicóloga, ambos na casa dos 35 anos. 'Nós lemos a reportagem da Manchete e este ano resolvemos dar um pulo até aqui para ver como a coisa funcionava, já que freqüentamos campos na Europa. O que vimos nos surpreendeu: o clima de respeito é em tudo semelhante ao que encontramos por lá. Em alguns casos até mais severo', conta José Eduardo, referindo-se ao fato de existir rígido código de comportamento para os freqüentadores da Praia do Pinho. O nudismo só é livre na areia. Para se dirigir ao bar ou qualquer outra área do camping, é necessário colocar calção ou tanga; qualquer tipo de 'ato libidinoso' pode resultar num convite - a princípio amável - para se retirar da praia.

As atividades esportivas são estimuladas em áreas determinadas, para não interferir com desejo de outros tomarem seu banho de mar ou de sol sem serem perturbados. Um outro casal, Acedina e Jurandir Cugner, ela com 37 e ele com 41 anos, ambos residindo em Itajaí, distante pouco mais de trinta e cinco minutos da Praia do Pinho, é freqüentador antigo, tal como outros casais da cidade. 'Mas por aqui tudo funciona como um código, em segredo. Quem freqüenta a praia não assume publicamente. É que nem todos são liberados', explicam eles. Enquanto no casal paulista a iniciativa foi da mulher, no casal catarinense o marido levou um certo tempo para dobrar a resistência da mulher. 'E me arrependi de não ter vindo antes. Aqui existe mais respeito do que nas praias do Balneário', ratifica Acedina Cugner, antes de revelar que esconde dos cinco filhos, com idades entre 17 e 8 anos, que eles freqüentam uma praia de nudismo. 'Não me pergunte o porquê dessa atitude, pois eu não saberia como responder. Um dia acabarei contando tudo para eles', acrescenta, sorrindo."

Descuidados, os Cugner forneceram seus próprios nomes ao repórter da revista Manchete. A fama da Praia do

Pinho, na região onde moravam, ainda estava por demais influenciada pela repercussão negativa gerada pela reportagem anterior da mesma revista, na qual foram usados prostitutas e homossexuais de uma casa noturna como modelos fotográficos.

A reação da sociedade contra os Cugner foi imediata. O casal passou a receber, diariamente, inúmeros telefonemas anônimos, com ofensas. A família, ao tomar conhecimento do fato, ficou em choque e Jurandir perdeu seu emprego.

Ainda sem qualquer preocupação ou responsabilidade sobre seus colaboradores, a reportagem seguia:

"Um detalhe que chama a atenção é logo esclarecido pelo proprietário do restaurante e do camping, Orlando, genro de Domingos Fonseca, dono do terreno e que no início se mostrou contrário à abertura de um acesso à praia. 'Os corpos estão com a marca dos calções e maiôs por causa da chuva', conta Orlando. 'Durante os meses de verão, quando faz muito sol, fica todo mundo com o corpo todo queimado. As chuvas estão não só reduzindo a freqüência da praia como diminuindo a receita do meu restaurante'.

Entre surpresas e alegres, algumas personalidades ouvidas revelaram detalhes de suas vidas ligadas aos campos de nudismo. Bruna Lombardi, por exemplo, diz: 'Costumo freqüentar os campos da Grécia. Fico feliz em saber da existência de um no Brasil, funcionando nos mesmos moldes dos gregos e dos demais países da Europa. Poderei até pintar em Camboriú algum dia, quem sabe?'. A atriz Cláudia Magno não esconde o prazer que sente 'ao tomar banho de mar nua. Mas tem que ser uma praia especial: sem cachorros, limpa e perto de amigos. É uma coisa gostosa. Dá uma sensação de liberdade. E se me convidarem a visitar a Praia do Pinho, eu aceito o convite na hora'. Confessando-se a favor 'de uma sociedade liberal e, conseqüentemente, a favor do nudismo', ela completa: 'Fico contente com a notícia, já que eu só uso roupa prá me proteger da poluição e da sujeira do mundo. Só espero que a Praia do Pinho, dentro do espírito brasileiro, vaidoso, não

venha a se tornar algo distante dos seus objetivos básicos: liberdade e respeito'."

O advogado Laércio Pellegrino diz que 'o nudismo é uma questão moral do grupo societário. Se este grupo entender que é válido, não vejo nada de mais. No entanto, os lugares terão de ser isolados, restritos, para que estas pessoas se dediquem a uma forma de amor à natureza que já era praticada antes de Cristo e faz parte da história da Grécia. O importante nestas manifestações, onde participam jovens, velhos e crianças, é que nada está ligado ao sexo. Por isso acho válido'.

Segundo ele, a Lei Penal de 1940 (Artigo 233) prevê como crime a prática do ato obsceno em lugar público, aberto ou exposto ao público. Como o nudismo na Praia do Pinho é praticado em local isolado, não se enquadra dentro da definição do Código Penal. E finaliza: 'Acho válido um campo de nudismo no Brasil e se houver uma oportunidade irei visitar o de Camboriú'. Por se considerar terrivelmente inibida, Márcia Gabrielle, doublé de Miss e modelo, confessa: 'Acho que o meu temperamento não me permitiria ficar nua na frente de tantas pessoas'. Enquanto os atores José Mayer e Guilherme Karam se mostraram favoráveis, o jornalista e Deputado Federal Roberto D'Ávila acha que o assunto não deve ser discutido na Constituinte, mas pode justificar uma lei ordinária. Mas garante a compostura parlamentar: 'Eu não tenho curiosidade de conhecer o campo de nudismo de Balneário Camboriú'. É um dos poucos."

Ao ler a reportagem, que já falava na Associação Amigos da Praia do Pinho, lembrei que, dela, só havia mesmo um manuscrito, redigido no verso de um cartaz de propaganda de cerveja. Precisava "esquentar" um pouco mais aquilo.

Tratei logo de datilografá-lo, registrando nessa transcrição a observação de que "as assinaturas encontram-se em documento original, arquivado na sede da AAPP, e assinam a presente transcrição os associados Alberto Pedro e Celso Rossi".

# *Capítulo V*

# *Código de Ética*

A ata da Assembléia de Fundação fazia referência a um "regulamento ou código de ética". Era o que estava faltando para deixar nossa organização ainda um pouco mais "quente". Aproveitando algumas sugestões de pessoas que estavam por perto e a experiência que tinha, fruto dos problemas que já havíamos enfrentado nos últimos anos, tratei de redigir logo um código de ética.

No dia seguinte, foram feitas algumas cópias do mesmo e o colocamos num mural, na entrada da praia, sendo o seguinte o seu teor:

"ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA PRAIA DO PINHO
CÓDIGO DE ÉTICA
EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

1. Considerando que os primeiros freqüentadores da Praia do Pinho, a título de lazer, eram naturistas;

2. Considerando que o aumento do número destes freqüentadores, até 1985, que utilizavam a praia foi motivado pela prática do Naturismo;

3. Considerando que, hoje, o maior atrativo que traz o

grande número de pessoas, do Brasil inteiro e de outros países, até a Praia do Pinho é o Naturismo, resolvem os associados da AAPP aceitar e difundir entre os freqüentadores da Praia do Pinho o seguinte Código de Ética:

CAPÍTULO I

DOS NATURISTAS

Art. 1º - Para os efeitos do presente Código, são consideradas naturistas todas as pessoas que, nos limites da praia ou do camping, estiverem nuas ou, ainda, no caso das mulheres, de 'topless'.

Art. 2º - São consideradas condutas éticas, segundo o presente código, e como tal devendo ser praticadas e difundidas pelos associados, as abaixo relacionadas:

a) transitar ou instalar-se em qualquer local da praia ou do camping, respeitando os espaços e/ou privacidade desejados por outros naturistas já instalados;

b) receber com simpatia e aceitação qualquer tentativa amigável e respeitosa de aproximação para travar conhecimento de quem assim o deseje;

c) prestar auxílio sempre que possível e se assim for solicitado por outro naturista, nas dependências do camping ou da praia;

d) estimular, através da discrição, respeito e amabilidade, a que visitantes, ainda não adeptos do Naturismo, sintam-se à vontade para iniciarem-se nesta prática.

Art. 3º - São consideradas condutas antiéticas, segundo o presente Código, e como tal devendo ser evitadas e fiscalizadas pelos associados, as abaixo relacionadas:

a) praticar atos de caráter sexual ou obscenos, nas áreas públicas do camping ou da praia;

b) fotografar, gravar ou filmar qualquer pessoa ou grupo, seja de qual distância for, sem a permissão dos mesmos;

c) não respeitar os espaços, ou privacidade, desejados por outros naturistas já instalados nas áreas do camping e da praia;

d) agir de maneira desrespeitosa e/ou agressiva com quem quer que seja, em qualquer situação;

e) constranger, através de atitudes passivas ou ativas (olhares, gestos ou ações) outros naturistas nas áreas citadas;

f) praticar jogos ou outras atividades nas áreas citadas, que possam interferir na segurança ou tranqüilidade dos demais naturistas, bem como o uso de rádios ou aparelhos sonoros em volume que os possa perturbar;

g) satisfazer necessidades fisiológicas nas áreas públicas;

h) deixar lixo, de qualquer espécie, nas áreas citadas.

CAPÍTULO II

DOS VISITANTES

Art. 4º - São considerados visitantes todos aqueles que não se enquadrem no Art. 1o, Capítulo I, deste Código.

Art. 5º - São consideradas condutas éticas, segundo o presente Código, e como tal devendo ser praticadas pelos visitantes, as previstas nas alíneas 'a', 'b', 'c', e 'd' do Art. 2º , Capítulo I , deste Código.

Parágrafo Único: É considerada área de privacidade dos naturistas, no que tange à alínea 'a', do Art. 2o, Capítulo I, a segunda metade da praia, dividida por balizamento ou corda, não devendo ali instalar-se pessoas que não queiram aderir ao Naturismo.

Art. 6º - São consideradas condutas antiéticas, e como tal devendo ser evitadas pelos visitantes, todas as alíneas do Art. 3º, Capítulo I, deste Código.

Este Código entra em vigor a partir desta data e assinam, em nome da Associação Amigos da Praia do Pinho, os associados Alberto Pedro e Celso Rossi.

Balneário Camboriú, 22 de janeiro de 1987."

Este código de ética, afixado no mural, auxiliava bastante nossa argumentação na praia, uma vez que passamos a ter "algo escrito" com relação às normas de convívio na praia.

Vinte e cinco anos antes, um grupo que se intitulava

"Solar Clube", em Porto Alegre, havia firmado a seguinte "Declaração de Princípios":

"SOLAR CLUBE - PORTO ALEGRE
DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Nós acreditamos no NATURISMO, na sua prática, porque temos certeza de que assim alcançaremos uma perfeita harmonia mental e física da criatura humana.

Buscamos, através do pleno contato com a natureza, o sol e o ar, a revitalização do corpo e do espírito, tão necessária nos dias atuais de vida atribulada e estafante, e o fazemos despidos por estarmos certos de que o corpo e o espírito serão beneficiados de modo total.

Não vemos no corpo humano partes obscenas e não-obscenas, partes que devem ser ocultas e outras não. Perguntamos: 'Por que devemos nos envergonhar de ser assim, quando Deus não se envergonhou de assim nos criar?'.

Nossos filhos serão os maiores beneficiados com a cultura do corpo livre.

Desejamos criá-los na vida ao ar livre, fazendo-os, desde cedo, amarem e aproveitarem a natureza, na busca de um corpo e mente sadios, sem mistérios, ignorâncias ou deturpações.

Desejamos criá-los sem medo, com liberdade, fazendo-os verem o próprio corpo como algo de criação divina e não um objeto de mórbida curiosidade.

O NATURISMO é aceito e praticado no mundo inteiro, sem distinção de raça, cor, religião, ideologia ou classe social. Por isso, nada criamos nem inovamos.

No NATURISMO, todos se nivelam para a satisfação única da inteira liberdade física, com o conseqüente equilíbrio mental e espiritual, na prática de esportes, ou somente descansando ao ar livre e ao sol.

Seu fundamento é a família e sua finalidade primeira e última a criação de um mundo melhor."

Dois dias foram suficientes para que os principais

jornais do estado de Santa Catarina acorressem ao local para registrar a primeira manifestação oficial de organização de uma praia de nudismo no continente.

Pela manhã, bem cedo, já haviam me avisado de que dois repórteres queriam fazer uma matéria sobre a praia. Eles estavam sentados sobre as pedras do costão Sul. Fui até lá e, como estavam ambos sem roupa, convidei-os a virem até o nosso grupo, onde poderíamos sentar à sombra.

Era o repórter Jéferson Lima e o fotógrafo Lourival Bento, do jornal O Estado. Fui logo avisando ao fotógrafo que "fotos, somente com autorização". Alguns minutos mais tarde, porém, enquanto conversava com Jéferson, escutei o "clic" da máquina fotográfica: o fotógrafo estava atrás de mim e havia batido uma foto, com teleobjetiva, de uma moça, de frente, saindo do mar.

- Só um minuto, Jéferson - interrompi a conversa com o repórter e chamei o fotógrafo.

Eu sabia perfeitamente o risco que correríamos, se fizesse algo contra a atitude do fotógrafo, de não respeitar minha solicitação de que não tirasse fotos sem autorização, mas eu tinha de fazer algo. Afinal, tínhamos elaborado um código de ética para cumprir e fazer cumprir e eu tinha de dar o exemplo. Mesmo que isso tivesse de custar uma matéria revanchista e desagradável a nosso respeito.

- Vamos esclarecer uma coisa - falei aos dois. Vocês vieram até aqui para fazer uma matéria sobre a Praia do Pinho. Nós estamos dispostos a colaborar, no sentido de que saia uma boa reportagem. Assim, fui até vocês e os trouxe, com toda a consideração que vocês merecem, para dentro do nosso grupo. É nesse mesmo sentido que vou agora pedir que seja aberta a máquina, para velar a foto batida, em nome do respeito que nós merecemos.

Os dois ficaram se olhando, sem saber o que fazer. Eu insisti:

- Depois, vamos ver quais as pessoas que se disporão a ser fotografadas, para colaborar com a sua matéria, mas esta

foto deve ser velada.

- Mas, se eu abrir a máquina, vou estragar todo o filme - protestou o fotógrafo.

- Se tu tivesses atendido a minha solicitação, esta situação não teria se criado - lembrei.

O fotógrafo olhou para o repórter e este murmurou:

- É... Abre a máquina.

Ele abriu. Senti-me parcialmente aliviado, pois ainda não sabia que efeitos isso acarretaria sobre a redação final da matéria. Se bem que, no início da entrevista, impus a condição de que Jéferson me permitiria ver a redação final antes de ir para a impressão.

Ele topou, e cumpriu. No dia seguinte, fui a Camboriú e liguei para Florianópolis, para que ele me lesse a redação final: estava boa.

No mesmo dia, apareceu na praia o repórter Bola Teixeira, do Jornal de Santa Catarina. Como ele não estava a fim de tirar o calção, pedi que esperasse do outro lado da corda, enquanto buscava o meu guarda-sol. Ele esperou. O fotógrafo não bateu fotos sem autorização, com exceção de uma, do próprio repórter, mais tarde, tirando o calção.

No dia 30 de janeiro, os dois jornais publicaram, na primeira página, fotos da Praia do Pinho e as matérias ocuparam página inteira nas capas do segundo caderno de ambos.

Mesmo com toda essa publicidade a respeito da organização da praia, nosso trabalho, no sentido de receber as pessoas, era constante. Em poucos dias, eu já estava habituado àquela função, de tal forma que, para mim, era completamente natural ir, nu, conversar com as pessoas vestidas. As reações delas, entretanto, eram as mais diversas ao estarem frente a frente com um homem nu.

Certa vez, eu havia ido até o restaurante e, quando retornava para a praia, avistei duas senhoras e uma moça, uns cinqüenta metros à minha frente, porém, de costas para mim. Estavam olhando para o lado naturista da praia. Cheguei,

naturalmente, para conversar com elas. Elas ainda não haviam me visto quando, a uns três metros de distância, falei:

- Tudo bem? Vieram conhecer a Praia do Pinho? Gostariam de saber como funciona?

Elas se viraram, num pulo. Uma deu um grito histérico e saiu correndo. As outras duas também saíram correndo. A cena foi hilária, e a "platéia", que estava a tudo assistindo, atrás da cerca, caiu na gargalhada.

Já outras, com idade bem avançada, quando as recebi, surpreenderam-me pedindo que posasse junto com elas para uma foto. Senti-me como um índio de tribo turística. Cada uma delas tinha idade para ser minha avó. Acho que foi por isso que me sensibilizei e deixei que elas tirassem uma foto ao meu lado.

Um dia apareceu um travesti na praia. Era fácil de perceber, pois, apesar de ter um corpo bem feminino, era "a única mulher" que rebolava, caminhando de topless para lá e para cá.

Ele não estava infringindo nenhuma norma do Código de Ética, porém, daria margem a que algumas pessoas, falsos moralistas, alardeassem que todos que freqüentam a Praia do Pinho são travestis, jogando por terra todo o efeito das boas publicações que estavam saindo a respeito da nossa praia. Senti que deveria fazer algo, por mais desagradável e incoerente que fosse com os nossos princípios.

Fui até o meio da praia e o esperei, enquanto ele vinha na minha direção, rebolando provocadoramente.

- Boa tarde - falei com toda a delicadeza possível. - Esta é uma praia de naturismo, na qual as pessoas que não quiserem tirar o "calção" devem permanecer do outro lado daquelas balizas - apontei para o ponto em que a praia era dividida.

- Mas me disseram que eu podia ficar de tanguinha - argumentou ele, requebrando o quadril com a mão na cintura.

"Vou ter de ser um pouco mais direto", pensei.

- Mulher pode, homem não - esclareci, olhando firme em seus olhos.

Não foi fácil para mim tomar aquela atitude, uma vez que feria meus próprios princípios, mas eu tinha de defender nossa imagem e, com ela, nossa praia, a qualquer custo.

Ele aceitou e foi para o outro lado. Meia hora mais tarde, retornou, porém, vestindo uma camisa e sem a tanguinha.

"Meu Deus!", pensei. O resultado foi pior do que a encomenda: como os pais iriam explicar às crianças que, de uma hora para outra, "aquela mulher virou homem"? Antes eu tivesse deixado como estava.

Ao mesmo tempo, Zig veio me chamar, pois havia outros travestis no canto da praia, cercados por um bando de homens.

"Como teriam entrado outros, sem que eu tivesse visto? ", pensei.

Fui até lá, pois aquela nova situação parecia mais urgente. Quando cheguei, havia "duas moças" na água, com um grupo de rapazes a sua volta, em meio a brincadeiras.

- São aquelas? - perguntei ao Zig.

- São - respondeu.

- Mas aquelas são duas meninas que chegaram há pouco, de topless. E, por sinal, são bem bonitas - salientei.

- São bonitas, mas quando chegaram aqui no canto e tiraram a parte de baixo, ficou tudo "balançando" - respondeu ele, confirmando que eram travestis.

Chamei-os para fora da água e expliquei-lhes que aquela era uma praia familiar e "um tanto conservadora", sendo melhor, para todos, que eles fossem procurar outra praia.

Eles concordaram e foram embora.

Quanto ao outro travesti, nosso amigo Zafa já havia conversado com ele e o mesmo já tinha saído.

Existem homossexuais na Praia do Pinho, na mesma proporção que em qualquer outra praia. Apenas não permitimos a presença daqueles que queiram ir lá para "caçar" parceiros. Estes são abordados por membros da associação, que lhes chamam a atenção de que naquela praia, publicamente, homens devem comportar-se normalmente, como homens, e mulheres, como mulheres.

# *Capítulo VI*

## *Que Venham os Leões*

Em meados de fevereiro, tive de voltar a Porto Alegre, pois minhas férias acabavam.

Poucos dias depois, vi publicada em Zero Hora, um dos jornais de maior tiragem do Sul do País, uma matéria sobre Naturismo. Parecia ser matéria "arranjada", pois as fotos eram de duas manequins de topless, na praia de Capão da Canoa. O título da reportagem era "Mulheres pedem espaço para nudismo em Capão".

Segundo a reportagem, elas tiveram uma entrevista com o Prefeito de Capão da Canoa, Egon Birlen, solicitando uma área para nudismo naquela praia. O Prefeito prometia uma solução logo. "Arranjada" ou não, senti que era o momento para "botar mais lenha na fogueira".

A grande maioria dos freqüentadores da Praia do Pinho não assumiam, fora dela, que a freqüentavam. Isso porque o Naturismo era completamente novo no Brasil. Todos tinham medo de ser tachados de imorais ou de estarem "atentando contra os bons costumes", principalmente pelo risco que poderia representar na área profissional e familiar.

A única forma de mudar esse tipo de comportamento era

transformar o Naturismo numa prática comum e aceita pela população como um comportamento normal. Somente assim as pessoas não precisariam mais freqüentar a Praia do Pinho "às escondidas". É claro que esse trabalho levaria anos. Talvez até nem conseguíssemos.

O fato é que o assunto estava quente, e na minha cidade. Era a hora de informar ao Rio Grande do Sul sobre a existência do Naturismo organizado no País.

Mas, como reagiriam meus familiares, se meu nome fosse para os jornais como freqüentador de uma praia de nudismo? E meus colegas de trabalho, em uma empresa familiar que tem como razão social o meu sobrenome, e através da qual eu tinha um amplo relacionamento comercial com vários diretores de outras grandes empresas? Que tipos de reflexos isso geraria? Meus pais poderiam cortar relações comigo, por ter envolvido publicamente o nome da família num escândalo de imoralidade. Eu poderia ser obrigado a me afastar da empresa, cujos sócios poderiam não querer ter, entre seus dirigentes, um que expusesse publicamente seus "desvios de comportamento".

Alguns anos mais tarde, tive em meu poder duas cartas de T. F. Lorgus, datadas de 1966 e 67, que, em alguns parágrafos, demonstram os riscos a que estaria me submetendo:

"Estou, pois, conforme prometi ao amigo, fazendo uma nova tentativa de estabelecer contato, ou restabelecer o elo interrompido há tantos anos, especialmente agora que um pequeno clarão já se observa, ao longe, no céu brasileiro, da possibilidade de um grupo - isolado, é verdade - de pessoas que conscienciaram o autêntico nudismo, como já é praticado há anos na Europa, USA, etc. Pobres de nós, brasileiros! Como nossa atitude revela nossa ignorância... Continuamos vítimas indefesas de velhos tabus e complexos da indecência do nosso maravilhoso corpo, obra máxima da criação Divina! Mas... que fazer? Vamos indo, aos poucos. Creio mesmo que não será para nós vermos uma sociedade nudista aceita publicamente e

reconhecida pelas autoridades e pela família brasileira. Acho que estamos longe ainda, temos de continuar falando baixinho, nos ouvidos uns dos outros, e nos identificando secretamente, por carta.

Por essa razão, deixo de entrar em detalhes quanto a nossa pretensão, aqui no Sul, de formar um grupo 'concreto'. Há certos entraves, o principal sendo nossa mentalidade, nossa gente, incapacitada para aceitar a 'naturalidade' do Naturismo e dos naturistas. Vai levar muitos anos para derrubar os tabus e... ninguém quer ser o pioneiro. As razões são óbvias. É preciso 'peito' mesmo. Parece que por muitos anos - salvo um Naturismo tipo Luz del Fuego - teremos que falar baixinho e sussurrar o que pretendemos, mantendo um círculo fechado, de ferro, para evitar intrusos e curiosos, isto é, ignorantes."

Eu não tinha muito tempo para pensar, pois se fosse realmente fazer algo, não podia deixar o assunto esfriar.

Revi, mentalmente, todos os argumentos de que dispunha a favor do Naturismo, pensei mais alguns minutos, levantei o fone do gancho e liguei para o jornal.

Falei com Adélia Porto, coordenadora de reportagem, sobre a Praia do Pinho e sua organização, fazendo alguns comentários sobre o crescimento do Movimento. Ela perguntou, então:

- Posso colocar o teu nome?

- Pode - respondi, com convicção.

"Se alguém tiver de ser jogado aos leões por assumir, publicamente, algo tão puro e bonito como a prática do Naturismo, pois que venham os leões", pensei.

- Tu tens fotos? - perguntou ela.

- Tenho. Podem vir buscar - respondi.

No dia seguinte, sábado, 21 de fevereiro de 1987, saiu mais uma matéria sobre o Naturismo.

Esta, porém, com uma foto na qual eu aparecia nu, ao lado da Rose, fazendo uma escultura na areia. Evidente que a foto não era de nu frontal, mas eu estava perfeitamente

reconhecível nela. Abaixo, o título "O incentivo que vem de Santa Catarina" abria a segunda parte da reportagem, como segue:

"A idéia de reservar uma área aos naturistas, e encampada pelo Prefeito Egon Birlen, de Capão da Canoa, está recebendo o apoio da primeira praia naturista organizada do Brasil. A Praia do Pinho, em Santa Catarina, é freqüentada há mais de cinco anos por adeptos desta filosofia de vida e que criaram uma associação com estatutos e Código de Ética e que reúne cerca de 200 sócios.

A praia recebe diariamente cerca de cem pessoas, protegida de curiosos numa área balizada e cercada de placas informando que a partir das balizas há nudistas, e pedindo também que os recém-chegados não constranjam homens e mulheres de todas as idades, às vezes famílias inteiras que preferem a integração total com a natureza em clima de solidariedade e respeito.

Celso Rossi, um gaúcho que organizou a associação, disse, esta semana, que se dispõe a dar o mesmo auxílio ao Prefeito de Capão da Canoa. 'Ele tem o nosso apoio e seguramente seu projeto vai dar certo'. Celso não está interessado em atrair mais sócios ou freqüentadores para a pequena Praia do Pinho, que tem 450 metros. O que ele e os outros freqüentadores desejam é que novos núcleos de naturistas se organizem no País, evitando que as pessoas precisem se deslocar de longe para uma praia onde estejam livres de curiosos.

Eles também não estão interessados na presença de pessoas capazes de fantasiar que uma praia de nudismo é um convite a cenas de erotismo. Não se trata disto. 'O ambiente é de extremo respeito, as amizades que se formam são mais sadias, melhores e mais duradouras. E há menos malícia do que em qualquer outra praia onde as pessoas vão vestidas', depõe Celso. Ele e outros adeptos do Naturismo estão seguros de que o maior benefício é psicológico. Nuas, as pessoas deixam

cair as máscaras sociais que carregam e passam a ser elas mesmas, sem disfarces.

É possível também lembrar, segundo eles, que muitos problemas sexuais têm origem na insegurança em relação ao próprio corpo. Mas só o fato de conviver nu com outras pessoas e se sentir aceito desfaz a insegurança. A pessoa pode então gostar de si mesma. 'Não precisa investir dinheiro e gastar anos de vida em psicanálise', assegura Celso. E, na verdade, não precisava tanto: só a possibilidade de se despir para deitar na areia e apanhar sol já é capaz de proporcionar bem-estar e paz de espírito."

Abaixo, publicaram a crítica de um político, sob o título "Deputado teme pela desintegração familiar":

"O deputado Moesés Beriesi, do PDT, manifestou-se, ontem, contra o campo de nudismo que o Prefeito Egon Birlen está querendo criar na cidade. Segundo ele, a proposta de Birlen 'é uma proposta descabida, que atenta à moral e aos bons costumes'. 'Argumentar que mulheres desnudas representam o progresso é uma heresia sem precedentes na história', diz ele, citando Rui Barbosa quando diz que a 'família é a célula da sociedade'.

Moesés Beriesi, que é representante da comunidade evangélica no estado, disse ainda que 'o sinal verde dado pelo prefeito de Capão da Canoa para a implantação de um campo de nudismo atenta contra os princípios morais e o sentimento religioso do povo gaúcho'. Para o deputado, os jovens, menores de idade, ficaram perplexos e até perturbados com o inusitado que viram, referindo-se ao topless praticado pelas manequins na praia de Capão da Canoa, acrescentando que o desfile de mulheres nuas na praia, por si só, caracteriza atentado ao pudor e provoca desvios de comportamento nos jovens.

Por isso, em nome da comunidade evangélica, ele acusa Egon Birlen de, como autoridade, estar contribuindo para que a família acelere sua desintegração com sérias implicações para a ordem vigente."

Depois da publicação da matéria, só me restava esperar

a resposta, através dos comentários das pessoas com quem me relacionava social ou comercialmente. E esta resposta não podia ser pior: silêncio. O pior inimigo é aquele que não podemos ver nem ouvir, contra o qual não podemos nos defender.

Quanto ao meu ambiente familiar, os que mais me preocupavam eram meus pais. Eles somente conseguiram aceitar a coisa toda após algumas visitas que fizemos, juntos, a um psiquiatra, após as quais eles constataram que eu estava mentalmente sadio. Apesar disso, permaneciam insistindo para que eu saísse fora disso, "que eu não tinha nada a ganhar e somente a perder, pondo minha cabeça para fora".

Eu sentia por eles, mas estava determinado a ir em frente, pois acreditava na causa, acreditava no benefício que o Naturismo traz às pessoas e ia lutar por isso.

Mais alguns dias se passaram e recebi a visita do presidente de uma escola de samba de Porto Alegre, solicitando patrocínio para o desfile de Carnaval. Concordei em ajudá-los e ele me apresentou o estatuto da sua escola.

"É bem isso que eu preciso", pensei.

Tirei uma cópia do estatuto e, a partir dele, elaborei o estatuto da AAPP. Era o que estava faltando para registrarmos a nossa associação.

No feriado de Carnaval, voltei ao Pinho, onde soube que um vereador do município havia se manifestado, em sessão da Câmara, contra o nudismo na Praia do Pinho, considerando a nossa "corda", que dividia a praia, uma agressão à população, e havia solicitado sua retirada.

Justamente antes do feriado de Carnaval, aquilo não poderia acontecer, pois era o momento de maior movimento de turistas na praia.

Resolvemos deixar a corda lá mesmo, e mais: durante o feriado não permitiríamos a passagem de pessoas vestidas para o lado naturista da praia, nem para transitar. Era muita gente. Quem estivesse sentado na areia não poderia, sequer, ver o mar, pois a beira da praia se transformava numa

"passarela de curiosos". Apesar de ser uma atitude desagradável a que estávamos praticando, era a única forma de preservarmos o Naturismo na única praia naturista do Brasil. Ou será que aquele povo todo não poderia ir para outra das centenas de praias que existem no nosso País, ao invés de ficar circulando pela Praia do Pinho, como quem passeia por um zoológico? Será que eles nunca tinham tirado sua roupa na frente de um espelho? Ou será que nós éramos a oitava maravilha do mundo?

O fato é que tínhamos de andar rápido na organização da associação, para termos um representante que pudesse ir até os políticos e autoridades e consolidar nossas conquistas obtidas na praia.

Organizei uma Assembléia Geral, na beira da praia mesmo, e pedi que procedessem à leitura do estatuto que havia elaborado, o qual foi aprovado por aclamação. Em seguida, realizamos a eleição dos membros do Conselho Deliberativo, conforme requeria o estatuto. A ata dessa pitoresca assembléia ficou registrada da seguinte forma:

"Ata da Assembléia Geral Ordinária para leitura e aprovação do Estatuto da Associação Amigos da Praia do Pinho e eleição do Conselho Deliberativo, realizada em 1º de março de 1987. Ao primeiro dia do mês de março de um mil novecentos e oitenta e sete, nas areias da Praia do Pinho, município de Balneário Camboriú, os sócios presentes e pretendentes a futuros sócios reuniram-se para leitura e aprovação do Estatuto e, conseqüentemente, para eleição do Conselho Deliberativo, ficando eleitas as seguintes pessoas, onde 10 (dez) são efetivos e 05 (cinco) membros suplentes: Celso Rossi, com 58 (cinqüenta e oito) votos; Roselandi E. Moennich, com 54 (cinqüenta e quatro) votos; Siegfrid Heyder, com 47 (quarenta e sete); Edo H. R. Moennich, com 34 (trinta e quatro); Alberto Pedro, com 26 (vinte e seis); Luiz G. Hause, com 19 (dezenove); Fernando Grieco, com 14 (quatorze); Odone Branco, com 14 (quatorze); Carlos Figueiredo Filho, com 11 (onze); Roberto Mello, com 10 (dez); Paulo S. Pires, com 7 (sete); Roberto Frizel,

com 6 (seis); Antônia Bauer, com 5 (cinco); Amílton Bauer, com 5 (cinco); Sílvio Ferreira, com 4 (quatro); e Pedro Gomes, com 4 (quatro). O documento original, contendo a votação e as assinaturas dos votantes, encontra-se arquivado na sede da AAPP. Vale salientar que todos os sócios existentes até a presente data foram listados como candidato a candidato. Assina a presente transcrição o associado Edo H.R. Moennich;

Balneário Camboriú, 1o de março de 1987."

Estava eleito o Conselho Deliberativo da AAPP, em cuja primeira reunião fui eleito presidente.

Tínhamos, então, o que estava nos faltando: um representante do grupo, legalmente constituído, para lutar por aquela associação. E cabia a mim esta tarefa, à qual estava disposto a me dedicar, mesmo morando a mais de quinhentos quilômetros da Praia do Pinho.

Minha primeira providência, como presidente eleito da AAPP, após constituir a Diretoria, foi redigir uma carta às autoridades locais e levá-la, em mãos, às mesmas.

Redigi a carta com o seguinte teor:

"Balneário Camboriú, 05 de março de 1987.
Aos Srs.
Prefeito e Vice-Prefeito
Secretário de Turismo
Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú.
Prezados Senhores

Elaboramos a presente para a finalidade de apresentarmos a Vossas Senhorias nossa Associação Amigos da Praia do Pinho, nossos objetivos e meios pelos quais pretendemos atingi-los.

A AAPP, fundada em 10 de fevereiro de 1986, é uma entidade que congrega inúmeros sócios para fins recreativos, culturais e ecológicos. Entre seus sócios, figuram pessoas das mais variadas idades e profissões, como médicos, industriais, empresários, advogados, jornalistas, comerciantes, oficiais das polícias Civil e Militar, economistas, engenheiros das mais

variadas áreas, bibliotecários, corretores de imóveis, professores universitários, arquitetos, etc. das mais variadas partes do Brasil e do exterior.

Estas pessoas associam-se em torno de um objetivo comum: a prática do Naturismo. São famílias inteiras, crianças, jovens, adultos e idosos que preferem desfrutar de seus momentos de lazer, sob o sol, junto ao mar da Praia do Pinho, sem ter de usar roupas de banho, o que é indispensável em outras praias, onde estariam, desta forma, infringindo a lei.

A Praia do Pinho, há muitos anos, é reduto de naturistas, por ser um local que oferece privacidade, e que, antes da presença destes, era uma praia deserta.

Movidos pelo grande número de freqüentadores da praia, todos adeptos do Naturismo, e pela avassaladora invasão de curiosos, atraídos pelas reportagens realizadas pelos meios de comunicação do País, os antigos freqüentadores da Praia do Pinho fundaram a AAPP, para o fim de preservar a unidade ética e moral das pessoas que nela gozam suas férias e fins de semana.

A associação cuida dos interesses dos seus associados, proporcionando-lhes a segurança e o bem-estar necessários para que possam desfrutar de seus momentos de lazer com tranqüilidade. Dispõe de bóias e cordas, assim como de bandeiras vermelhas e pretas, para sinalizar locais perigosos para banho, a fim de dar segurança aos banhistas. Promove exposições de desenhos e pinturas, festivais de esculturas na areia, jogos, ginástica, etc., a fim de desenvolver habilidades artísticas e desportivas entre seus associados.

Para conscientizar os visitantes, turistas e curiosos que, invariavelmente, já sabem que a Praia do Pinho é uma praia de Naturismo, a Associação colocou várias placas, a partir da entrada da praia, com o objetivo de incentivar o bom comportamento, respeito e discrição destes.

A última placa, colocada na metade da praia, com os dizeres "Aqui se pratica o Naturismo", sugere aos visitantes que somente ultrapassem aquele ponto as pessoas que

estiverem dispostas a aderir ao Naturismo. Para o mesmo fim, existem pessoas da associação que fazem o trabalho de relações públicas, mantendo contato amigável e respeitoso com os visitantes que ultrapassam a segunda metade, no sentido de explicar-lhes o espírito dos freqüentadores e de solicitar, caso não queiram tornar-se adeptos do Naturismo, que se instalem na primeira metade da praia, onde a areia é igualmente macia, o mar é igualmente bonito e o sol também brilha. Dessa forma, com a colaboração dos visitantes, temos conseguido manter uma área de Naturismo, sem a presença indesejável de pessoas que não participam do mesmo espírito.

O naturismo não é coisa nova, já existe desde o início do século. Na França, em 1970, um grupo de pessoas tomou esta iniciativa numa praia. A polícia local reprimiu os praticantes jogando piche com o uso do helicóptero. No ano seguinte, a polícia não mais interveio e passou a dar proteção aos naturistas. Hoje, não só na França, como em vários outros países da Europa e outros continentes, o Naturismo é algo comum, praticado em qualquer praia, e existem centenas de campos de nudismo onde não são admitidas pessoas vestidas.

Existem várias outras praias no Brasil onde as pessoas desfrutam do sol e do mar sem trajes de banho. Contudo, são praias extensas e desertas, o que não propicia às pessoas travarem conhecimento e fazerem amizades.

A Praia do Pinho, por ter uma pequena extensão de areia, incentiva o relacionamento das pessoas que a escolheram como seu local de veraneio. Movida por essa união é que nasceu a AAPP, dando início à prática organizada do Naturismo no Brasil.

O objetivo da Associação Amigos da Praia do Pinho é o de manter no local o mesmo clima de respeito, amabilidade e tranqüilidade que sempre reinou na praia antes da divulgação promovida pelos meios de comunicação.

Para tanto, pretendemos continuar divulgando o nosso Código de Ética, conforme anexo, e incentivar as pessoas a que se conduzam de acordo com o mesmo.

Neste sentido, dirigimo-nos à Vossa presença, na pessoa de nosso Presidente, para solicitar Vosso apoio, permitindo que continuemos nosso trabalho que, acreditamos, não traz prejuízo a ninguém e permite que famílias inteiras possam desfrutar da natureza com a mesma pureza com que nascemos.

Para finalizar, transcrevemos o pensamento de Max Lerner, segundo o qual 'a queda dos tabus não é decadência moral e sim o resultado da busca de novos valores, pois o homem procura sempre a verdade, esta é sua missão na terra'."

Munido desta carta, fui ter uma audiência com o prefeito e o vice-prefeito de Balneário Camboriú e, pela primeira vez, senti o "peso da pouca idade". E é compreensível, pois dificilmente um jovem de vinte e poucos anos transmite, pela sua aparência física, a imagem de uma associação de nudismo séria.

Quando me sentei à mesa do prefeito, ele começou a largar algumas piadinhas com as quais eu não podia compartilhar, para não cair no ridículo em que ele estava - quem sabe - querendo me colocar.

Fiz ver a ele, então, que, mesmo sendo jovem, eu representava ali, naquele momento, uma coletividade de pessoas, de várias partes do País e do exterior, e como tal ele deveria considerar aquele encontro. Dali, fui à Câmara de Vereadores do município, onde fui bem recebido e dos quais ganhamos o apoio para continuarmos nosso trabalho. Na edição de domingo daquela semana, o Jornal de Santa Catarina divulgou o fato, tornando de conhecimento público que estávamos dispostos a lutar pelo nosso espaço. Sob o título "Praia do Pinho: sem roupa e com respeito", a matéria começava assim:

"'A queda de Tabus não é decadência moral e sim o resultado da busca de novos valores, pois o homem procura sempre a verdade, esta é sua missão na terra'.

Com este pensamento de Max Lerner, os membros da Associação Amigos da Praia do Pinho concluíram a carta que foi apresentada ao Prefeito da cidade de Balneário Camboriú,

Harold Schultz, e encaminhada à Câmara Municipal de Vereadores.

Esta iniciativa de se aproximar da administração pública e do Legislativo municipal se dá justamente quando a AAPP completa seu primeiro ano de atividades, com uma diretoria eleita e muita vontade de manter o clima de respeito que sempre reinou nas areias da Praia do Pinho. 'Movidos pelo grande número de freqüentadores da praia, todos adeptos do naturismo, e pela avassaladora invasão de curiosos, atraídos pelas reportagens realizadas pelos meios de comunicação do País, os antigos freqüentadores da Praia do Pinho fundaram a AAPP, para preservar a unidade ética e moral das pessoas que nela gozam suas férias e fins de semana', esclarece um dos parágrafos da carta assinada pelo presidente da entidade, o empresário porto-alegrense Celso Rossi.

Não resta dúvida que esta foi a temporada de afirmação de mais uma quebra de tabu na sociedade brasileira. Enquanto Balneário Camboriú penava com sua pior temporada dos últimos anos, a Praia do Pinho estampava manchetes de revistas e jornais, atraindo progressivamente a cada dia um número maior de adeptos até chegar o Carnaval, quando foi verificado que a praia estava completamente tomada por naturistas e... curiosos. A euforia foi tamanha durante este período, que a estrada de acesso se tornou pequena para receber a quantidade de carros que por ela circulavam."

A reportagem seguia, ocupando página inteira do jornal, fazendo um breve histórico da Praia do Pinho e da AAPP. A respeito do encontro que mantive com as autoridades, publicaram o seguinte:

"A mentalidade do Prefeito Harold Schultz parece não ser tão retrógrada quanto a esta questão como era há dois anos atrás quando, diante da manchete 'Todo mundo nu em Camboriú', teceu severas críticas, através do Jornal de Verão, à prática do nudismo na Praia do Pinho.

Em nova reportagem veiculada pela revista Manchete

nesta temporada de verão que se conclui, Schultz já se mostrava mais familiarizado com os 'pelados'. Para ter ciência da atual realidade daquela praia, Schultz visitou-a na sexta-feira, dia 6, e recebeu em audiência o presidente da AAPP, Celso Rossi. Na oportunidade, Rossi fez a leitura da carta de apresentação reivindicando ao Prefeito duas coisas: tolerância e a disponibilidade de um salva-vidas permanente na praia, para a próxima temporada.

A resposta de Schultz foi a de que, nas proximidades do mês de outubro, Celso voltasse a contatar com ele. Mas adiantou que será difícil encontrar um salva-vidas que fique nu para atender ao grande contingente de naturistas que freqüentam a Praia do Pinho.

'Das autoridades, nós pretendemos que elas nos dêem liberdade para fazer valer o Código de Ética, tanto na praia para os visitantes, quanto para os associados, visando manter o bem-estar', declarou Rossi."

Na mesma página, publicaram a crítica de um vereador à Praia do Pinho, sob o título "Para vereador, atentado ao pudor", como segue:

"O vereador Rudis Cabral (PDS) se posiciona expressamente contrário à prática do nudismo na Praia do Pinho por princípios legais e morais. Para ele, que já se pronunciou contrário no plenário da Câmara, o nudismo na Praia do Pinho nada mais é do que um 'atentado ao pudor'.

'Todas as praias são públicas. A prática do nudismo na Praia do Pinho fere os princípios legais, não dando oportunidade às pessoas que não lhe são adeptas de freqüentar aquela praia. Até mesmo as pessoas que têm a pesca como lazer têm deixado de ir ao costão da Praia do Pinho para praticá-la', alega o vereador, um dos que compõem a lista de prefeituráveis para o próximo pleito.

Quanto à colocação da corda que separa a praia em duas para melhor orientar os freqüentadores, Cabral considera um ato repulsivo. 'Esta corda não permite o acesso de pessoas que queiram visitar a praia', afirma o vereador que propõe o fim da

prática do nudismo na Praia do Pinho. 'Balneário Camboriú possui maravilhosas praias. Não precisamos vender uma imagem oferecendo a prática do nudismo, que deve ter denegrido o conceito do balneário, prejudicando até mesmo a última temporada de verão, que foi um fracasso. Quem sabe, as famílias tradicionais não deixaram de vir em virtude das notícias relacionadas com a prática do nudismo'.

O presidente da AAPP discorda frontalmente com o posicionamento do vereador pedessista dizendo que 'quem estiver contra a praia, está contra os interesses de Balneário Camboriú, pois a prática do nudismo não prejudica ninguém, uma vez que é uma praia privada onde ninguém passa por acaso e atrai turistas de todo o Brasil e outras partes do mundo'. E Rossi concluiu garantindo que 'quem tem o espírito puro e a consciência tranqüila sente-se à vontade para se despir'.

Ao lado dessa parte da matéria, foi publicada uma ótima charge, descrevendo o perfil do "naturista" e do "moralista", ridicularizando, de certa forma, as pessoas com posicionamento contrário à prática do Naturismo.

# *Capítulo VII*

## *Agitando*

Retornando, mais uma vez, a Porto Alegre, onde trabalhava, senti que deveria continuar "agitando" o Naturismo. Até porque já estava comprometido publicamente com a causa. Se deixasse morrer o assunto, na minha cidade restaria aquela imagem do "cara que revelou ao jornal de maior tiragem do seu estado que vai pelado à praia".

Escrevi, então, um artigo, e consegui sua publicação no Jornal do Comércio, visando atingir, principalmente, o público com o qual me relacionava profissionalmente. O artigo, sob o título "Naturismo: decadência moral, ou reencontro com o homem que Deus criou?", foi assim publicado:

"No momento em que surge, organizada e definitivamente, a primeira praia de Naturismo no Brasil, emergem as mais variadas manifestações de apoio e algumas críticas proferidas por pessoas que não têm o menor conhecimento do que se trata. Só mesmo aqueles que já estiveram na Praia do Pinho, em Santa Catarina, e conviveram com as famílias e pessoas que lá desfrutam seus momentos de lazer, em total harmonia com a natureza, é que podem emitir opiniões a respeito deste assunto.

Segundo a definição dos dicionários da língua portuguesa, Naturismo é 'doutrina religiosa ou filosófica dos que atribuem tudo à natureza como primeiro princípio; estado do que é produzido pela natureza; reprodução exata da natureza nas artes, sem excluir os aspectos feios e repugnantes da natureza e da vida'. Segundo os mesmos dicionários, Naturista é a pessoa partidária do Naturismo.

No nosso entender, poderíamos omitir a religião deste conceito por não haver no Naturismo nenhum culto ou seita e nenhum Deus a adorar, exceto a Natureza.

O homem nasceu nu. Passou a cobrir seu corpo para proteger-se do desconforto que os efeitos climáticos lhe causavam. Encantado com sua criatividade e capacidade de produzir roupas cada vez mais suntuosas e elegantes, mergulhou numa alucinada competição em busca da beleza exterior, esquecendo-se de que o homem sem invólucro é o verdadeiro homem.

As pessoas que se esquecem desta verdade são quem, hoje, criticam aqueles que buscam, a partir da redescoberta de seu próprio corpo e de seus semelhantes, a sua verdadeira condição de ser humano, integrado à natureza.

É indispensável que se faça a ressalva de que nem todo homem, ou mulher, nu é naturista. Naturista é aquele que se despe espontaneamente e tem consciência de que sua nudez é um meio de integração e comunhão com a natureza como um todo.

Para preservar o Naturismo na Praia do Pinho, um grupo de pessoas que comungam do mesmo espírito naturista fundou a Associação Amigos da Praia do Pinho - AAPP, que hoje já congrega um grande numero de sócios, de várias partes de País e do exterior. São pessoas das mais variadas áreas profissionais, em sua maioria famílias e casais que preferem educar seus filhos em um ambiente natural, sem preconceitos, tabus e falsos pudores, e dentro de um clima de muita amizade, amabilidade e respeito, que a convivência naturista proporciona.

A malícia, a imoralidade e a pornografia, incentivadas pela indústria que vê na comercialização do sexo uma enorme fonte de lucros, têm sido nossas maiores inimigas na luta pelo nosso espaço. A redescoberta do corpo nu, como algo natural, desfaz o misticismo criado em relação ao sexo oposto. Matando a 'fome' dessa curiosidade, as pessoas passam a ver e sentir a sensualidade e o erotismo como elementos espontâneos e inerentes às relações de afeto, carinho, paixão e amor, contrapondo-se à realidade que hoje impera, na visão de que a liberação do sexo sugere sua prática indiscriminada e desvinculada de qualquer sentimento.

As próprias restrições religiosas são facilmente rejeitadas pelo simples argumento de que, se tudo o que Deus criou é perfeito, não há razão para ser escondido. Segundo a própria Igreja, Adão e Eva viviam nus, num paraíso. A partir do momento em que desobedeceram a Deus, comendo a maçã, o fruto proibido, começaram a ter sentimentos de maldade, malícia e vergonha e passaram a esconder seus corpos. As pessoas que hoje aderem ao Naturismo, o fazem com a consciência tranqüila e pura de que estão buscando, de volta, aquilo que Deus projetou: o paraíso."

Prevendo que o grande aumento do número de freqüentadores da Praia do Pinho, por ser única do gênero no Brasil, seria um problema de um futuro próximo, senti a necessidade de começar a realizar contatos no sentido de conseguirmos novas áreas, em outros estados.

Estando em Porto Alegre, resolvi começar pelo Rio Grande do Sul. Fui até a CRTUR, empresa oficial de turismo do Estado, para ter uma audiência com seu presidente. Lá, tomei conhecimento de um seminário sobre turismo no RS, que iria acontecer na praia de Torres. Era a grande oportunidade, pois poderia fazer contato diretamente com os secretários de turismo municipais, num mesmo momento.

Fiz um contato com a comissão organizadora, no sentido de preparar uma reunião com todos os secretários de turismo presentes ao seminário.

Não deu outra: apresentei-lhes alguns prospectos de áreas de Naturismo na Europa e falei-lhes sobre a Praia do Pinho e a possibilidade de algo semelhante para incrementar o turismo em seus municípios e todos foram receptivos à idéia. Eu já havia preparado um fotógrafo para registrar a reunião e, com aquilo, fui aos jornais, para comprometê-los publicamente com a idéia.

Vários jornais publicaram. O jornal Zero Hora, em meia página, sob o título "Litoral já pensa numa área especial para o naturismo", publicou:

"O Rio Grande do Sul, a exemplo da Praia do Pinho em Santa Catarina, poderá ter, em breve, áreas dedicadas exclusivamente à prática do Naturismo.

Negociações nesse sentido aconteceram durante o primeiro Turis Sul, ocorrido em Torres há poucos dias, onde se reuniram secretários de turismo de vários municípios litorâneos do Estado, além de prefeitos da mesma região. Capão da Canoa, até agora, é o município do litoral mais propenso a permitir o Naturismo e seu prefeito, Egon Birlen, está estudando a idéia junto à comunidade. Se tudo der certo, os praticantes do naturismo deverão se fixar na Ilha do Pontal, na Lagoa dos Quadros, local que o município reivindica na justiça, já que um invasor se instalou na ilha, segundo o prefeito.

Em Tramandaí, a idéia também foi aceita, mas o assunto será bem estudado, para decidir sobre a viabilidade, segundo o secretário de turismo local, Jorge Neves, que já está mantendo contato com a comunidade do município. A área destinada ao Naturismo, se for aceito pela população, deverá ficar entre Tramandaí e Cidreira, possivelmente na Lagoa da Fortaleza, o que também será definido mais tarde. O município de Tavares, por outro lado, também tem uma área disponível, junto à Lagoa dos Patos, projeto que está sendo igualmente estudado pelo secretário de turismo do município, Luís Agnelo Chaves Martins, assim como os secretários de Osório e Torres.

Para o prefeito de Capão da Canoa, Egon Birlen, a

prática do Naturismo pode trazer o turismo para o município, ameaçado, assim como todo o litoral gaúcho, pela Estrada Rota do Sol, que ligará o litoral catarinense à serra gaúcha, eliminando o turismo das praias do Rio Grande do Sul. Segundo Birlen, é possível que a ala conservadora não goste da idéia, mas ele, como prefeito, afirma não poder pensar assim, pois Capão da Canoa precisa se destacar. Ele é favorável a se ter um local adequado para esta prática, pois, em sua opinião, o que se vê na televisão, no cinema e no meio da sociedade é uma agressão. 'As pessoas que querem praticar o Naturismo, que têm 'cabeça feita' para isso, poderão ter um local adequado em Capão da Canoa', afirma o prefeito, que desenvolve a idéia desde o ano passado.

No encontro ocorrido em Torres, recentemente, as explicações sobre a prática do Naturismo foram dadas aos Secretários de Turismo do Estado pelo presidente da Associação Amigos da Praia do Pinho (AAPP), Celso Rossi."

A matéria tem seqüência com um breve relato da história da AAPP.

No dia seguinte, o Jornal do Comércio publicou uma foto da reunião, sob o título "Naturismo ganha espaço", e o texto começava assim:

"Seguindo o exemplo dos países mais desenvolvidos do continente europeu, onde o Naturismo não é coisa nova, o Brasil segue em largas passadas o mesmo caminho.

Tudo leva a crer que aqui o Naturismo tomará um vulto muito maior do que nos países nórdicos, já que o nosso clima é quente e o brasileiro já está acostumado a ver corpos despidos, ou semidespidos, no Carnaval, nas praias, no cinema e na televisão.

No Rio Grande do Sul, já estão sendo tomadas medidas concretas neste sentido. Dia 9 de agosto, no final do 1o Turis Sul, desenvolvido no Hotel Continental, em Torres, o presidente da AAPP, Celso Rossi, que é gaúcho, esteve reunido com várias autoridades de turismo do Estado.

Na ocasião, manteve contato com o presidente da

CRTUR, Günter Schlieper, e os secretários de Turismo dos municípios litorâneos, além do prefeito de Capão da Canoa, Egon Birlen. O presidente da Associação Amigos da Praia do Pinho fez uma breve explanação sobre o Naturismo e mostrou ao secretário e ao prefeito o grande atrativo turístico que o Naturismo pode representar."

No restante, a matéria seguia nos mesmos moldes da publicada em Zero Hora.

Alguns dias depois, Rose, Diretora do Departamento de Relações Públicas da AAPP, telefonou informando sobre o Seminário de Planejamento da Temporada 87/88, promovido pela Santur, que se realizaria em setembro. Seria uma ótima oportunidade para solicitarmos das autoridades algumas providências em relação à nossa praia. Pedi a ela que nos inscrevesse.

Dia 22 de setembro, tomei o avião para Florianópolis para participar do Seminário. Nossa intenção era sair de lá com a garantia de que teríamos policiamento na praia e salva-vidas para a temporada. Nesse sentido, redigimos uma carta para entregar oficialmente, durante o Seminário, ao presidente da Santur.

Segundo o programa, um dos painéis seria apresentado pelo alto comando da Polícia Militar do Estado e do Grupo de Busca e Salvamento. Bem o que queríamos. Inscrevi-me com a secretária do seminário, para ter a palavra durante esse painel.

Quando iniciou, foi que me dei conta de que estávamos no Palácio de Governo do Estado de Santa Catarina, em meio a uma platéia de umas duzentas pessoas, composta por todas as autoridades de turismo do Estado, além de oficiais da Polícia Civil e Militar, diretores de hotéis, agências de turismo, etc., e, no palco, a mesa, presidida pelo presidente da Santur, tendo à sua direita três oficiais do Grupo de Busca e Salvamento e, à sua esquerda, três oficiais da Polícia Militar, os mesmos que, há pouco tempo, haviam determinado o fechamento da Praia do Pinho e a prisão de todos os naturistas que lá estivessem.

Não era hora de recuar.

Quando fui chamado ao palco pelo presidente da mesa, não fui por ele apresentado. Caberia a mim, então, a difícil tarefa de fazê-lo.

Como eu gostaria de, naquela hora, ter uns vinte ou trinta anos a mais e alguns cabelos brancos, o que sempre impõe mais respeito... Mas, não tinha. E lá estava eu. Um garotão de vinte e poucos anos, presidente de uma "polêmica" associação de "nudistas", para me apresentar e pedir aos Coronéis que designassem um PM para ficar caminhando na praia, em meio aos "pelados".

Para quebrar um pouco o formalismo e minha tensão, peguei o microfone e desci do palco, ficando em pé. Apoiei o pé esquerdo sobre o braço da poltrona do canto da primeira fila e comecei a falar. Já que não podia mudar minha aparência nem minha idade, o melhor que tinha a fazer era ser eu mesmo e impor respeito pela minha capacidade e não pela minha aparência.

Não lembro bem o que falei. Só o que sei é que, depois que me apresentei, todos, tanto na platéia quanto na mesa, começaram a se olhar e cochichar e, logo em seguida, ficaram prestando atenção ao que eu estava dizendo.

Finalizei meu "pronunciamento", entregando a carta da AAPP ao presidente da mesa.

A partir daquele momento o clima do seminário mudou, tendo, inclusive, uma intensa participação nossa nos assuntos que vieram a se seguir.

Quanto ao que fomos lá buscar, conseguimos: promessas. Promessas estas extensamente divulgadas pela imprensa, assim como nossa participação no seminário.

Uma semana depois, embarquei para os Estados Unidos, com planos de fazer um curso de inglês, para visitar as associações naturistas de lá e depois ir à Europa com o mesmo fim. Troquei meu carro por dólares e voei do Brasil.

O curso durou um mês. Antes de iniciar o meu "roteiro naturista", porém, tive um problema de infecção na garganta, o

que me obrigou a ficar alguns dias de repouso.

Já recuperado, aluguei um carro e fui até Kissimmee, na Flórida, onde fica a sede nacional da American Sunbathing Association, quando mantive contato com seu Diretor Executivo, Mr.Arne Eriksen.

Alguns dias mais tarde, o Jornal de Santa Catarina publicava a seguinte nota, abaixo de uma foto minha, ao lado de Mr. Eriksen, e sob o título "Praia do Pinho divulgada nos Estados Unidos":

"Balneário Camboriú - O presidente da Associação Amigos da Praia do Pinho (AAPP), Celso Rossi, encontra-se em Saint Petersburg, nos EUA, mantendo contatos com adeptos do Naturismo, no intuito de divulgar a praia onde é praticado o Naturismo no litoral catarinense. Rossi esteve com o Diretor Executivo da American Sunbathing Association (ASA), Arne Eriksen, em Kissimmee, na Flórida, que demonstrou interesse na Praia do Pinho.

'Os americanos mostraram-se muito interessados e satisfeitos com o desenvolvimento do Naturismo no Brasil', afirmou Rossi, em correspondência enviada à redação do Santa. Rossi considera que este primeiro contato mantido com a associação que congrega os clubes de Naturismo nos EUA seja uma semente plantada, cujos frutos poderão ser colhidos ainda nesta temporada de verão.

'Os americanos têm mania de achar que o Brasil acaba no Rio de Janeiro e São Paulo. Eles desconhecem a existência de um lindo Brasil um pouco mais ao Sul', conclui Rossi, satisfeito com este primeiro contato, onde teve a oportunidade de exibir algum material promocional referente à Praia do Pinho."

No dia seguinte ao que visitei a ASA, fui até o Cypress Cove, um dos maiores centros de nudismo dos EUA. A organização deles é realmente fantástica. No Cypress Cove, como na quase totalidade dos clubes Naturistas americanos e europeus, o direito dos homens solteiros é restringido. No Brasil, nunca foi diferente.

Numa carta que me veio às mãos, de um membro do reduzidíssimo grupo de Naturistas que se correspondiam no Brasil, encontrei o desabafo de um padre católico de Florianópolis em 1966:

"...A corrente clássica se despiu para acabar com preconceitos, mas não teve ainda a coragem de ver o homem em toda plenitude de seus direitos, defendendo preconceitos sobre o fumo, o álcool e considerando um solteiro uma pessoa humana inferior. A base é o equilíbrio. Por isso os irmãos que exageram no uso do fumo, do álcool e da atividade sexual devem ser ajudados, orientados, mesmo por regulamentos moderados. Na Holanda o número era estacionário com 500, mas, depois de humanizar a organização, pulou para dois mil. Agora, nem sei como está. Na Alemanha, encontramos 50.000 sócios, mas mais de dois milhões de praticantes nas praias livres, que têm ginástica, etc., como nos campos. Devemos evitar formar uma casta de pessoas que se isola sob o manto de ser uma 'alta sociedade' da natureza humana."

Visitei todo o clube, em um carro elétrico, acompanhado pelo seu gerente, e mantive contato com várias pessoas da diretoria, mostrando fotos da Praia do Pinho e deixando alguns cartões com a sua localização. Material pobre, pois elaborado com recursos próprios, sem nenhum apoio das pessoas, no Brasil, financeiramente interessadas, ou oficialmente incumbidas deste trabalho.

Depois disso, resolvi ir logo para a Europa, pois meu dinheiro já estava acabando e a vida nos EUA era muito cara.

Comprei passagem de Orlando a Londres, de onde partiria a visitar as associações e os clubes europeus.

Dois dias antes do vôo, fui para Orlando, onde minha garganta voltou a infeccionar, desta vez pra valer. Fiquei mais de uma semana sem poder comer, ou sequer tomar água. Paguei todos os meus pecados passados e futuros, e ainda perdi o vôo e o dinheiro da passagem, pois não era reembolsável.

Depois disso, só me restava voltar ao Brasil, mais magro ainda, com dez quilos a menos.

Meu último dia nos EUA, sem dinheiro e tendo de viajar até Miami para pegar o vôo de volta ao Brasil, foi uma das maiores aventuras de minha vida, que não cabe, porém, aqui relatar.

Chegando ao Brasil, decidi, definitivamente, mudar de vida.

Meu trabalho não me trazia satisfação e, muito menos, possibilidades de realização, pois os meus sonhos não passavam nem de perto pelo mundo dos pregos e parafusos.

Comecei negociando minha saída da empresa da família. Abrindo mão de um emprego com excelente remuneração, estabilidade e um cargo na Direção. Decidi mudar para minha barraca, na Praia do Pinho, deixando um apartamento de cobertura, com piscina, onde morava sozinho - já havia me separado há mais de um ano -, e todo o conforto da vida na cidade.

Com o carro carregado com todos meus apetrechos de camping, cruzei a ponte sobre o rio que marca a divisa entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dando adeus ao meu Rio Grande, onde havia vivido meus 27 anos. Passei então a ser "Barriga Verde", talvez "catarúcho".

Ano novo, vida nova.

Cheguei ao Pinho a tempo de armar minha barraca e participar da festa de Reveillon com os amigos. Mal imaginava eu que os problemas já começariam a acontecer no dia seguinte.

Amanheceu um belo dia 1º do ano. Fui cedo para a praia, que ficava, agora, a uma distância inferior a vinte metros da minha "casa". Na praia, havia ainda alguns corpos esticados, dormindo: "sobras de festa".

Haviam construído dois bares na praia. Um rústico, de propriedade do Alberto, em sociedade com o Zafa, um mineiro de Lavras, que tem um carisma impressionante e que já estava morando na sua barraca há mais de seis meses. Outro, não tão rústico, que Jair, irmão de Ivone, havia construído.

Quando vi aqueles bares, fiquei um pouco apreensivo,

pois bar de praia significa bebida. Bebida significa bêbados e bêbados significam problemas, ainda mais numa praia de nudismo.

Meu maior receio era com relação ao bar do Jair, pois ele não freqüentava a praia e, portanto, não havia acompanhado todo o trabalho que tínhamos enfrentado nos anos anteriores, no sentido de moralizar a praia e fazer dela um ambiente agradável e familiar, sem a presença de pessoas indesejáveis. Para começar, notei que seu garçom estava atendendo as pessoas na beira da praia vestido. Isso complicaria o nosso trabalho na "corda", uma vez que perderíamos o argumento de que todas as pessoas, daquele ponto em diante, deviam estar nuas. Teríamos de explicar a todos que perguntassem "mas como é que aquele cara lá tá com calção?", que "aquele cara lá" é o garçom e, como tal, pode ficar vestido. Aí o turista poderia contra-argumentar: "Mas eu sou turista e, como tal, posso entrar vestido".

Percebi que minhas suspeitas com relação ao bar do Jair iam se confirmar quando o vi chegando em uma pick-up com cinco homens atrás e toda a tralha para fazer um "sambão" na beira da praia.

"Foi-se a nossa tranqüilidade", pensei.

Eram dez horas da manhã, quando começou a batucada. A mais de duzentos metros de distância, o barulho ainda perturbava. Isso, em uma praia de quatrocentos metros, significa que perturbava toda a praia, pois o bar era bem no meio.

Já havia bastante movimento e as pessoas que tinham se instalado defronte ao dito bar começaram a se retirar para longe do barulho. Estava tão claro que ninguém estava gostando daquilo, que até pensei: "Vou esperar mais um pouco para ver se ele se flagra e leva a banda embora".

Passados mais dez minutos, o barulho continuava e as pessoas na praia começavam a me chamar para reclamar. Vi, então, que teria, realmente, de enfrentar a situação. O pior era que eu mal conhecia o Jair e, além do mais, ele era filho do dono

da terra adjacente à praia.

Fui até o bar dele e o chamei para um canto, para termos um "papinho", a sós.

A situação era bastante delicada, pois, certamente, ele havia contratado os músicos para tocar o dia inteiro (Deus me livre!) e, para levá-los embora, teria de pagá-los da mesma forma. Muito pior do que isso seria a situação embaraçosa na qual ele se veria, na frente dos seus empregados, tendo de assumir que, aquela, tinha sido uma idéia infeliz.

De qualquer forma, cruzei os dedos para que ele fosse sensível ao meu apelo, e falei:

- Jair, pessoalmente, eu adoro samba, mas... como tu sabes, eu sou o presidente da associação e porta-voz das pessoas que freqüentam a praia. Eu não sei se tu notaste, mas todas as pessoas que estavam perto do teu bar saíram, logo que começou a batucada, e, além disso, por toda a praia tem gente reclamando do barulho que vem daqui. Eu não sei se tu já leste o nosso Código de Ética...

- Não - antecipou-se.

- Pois é - continuei -, segundo o nosso código, é uma conduta antiética, devendo ser evitada e fiscalizada por todo e qualquer sócio, fazer qualquer barulho em volume que possa perturbar outras pessoas. O som desta batucada está perturbando a todos, menos a mim, que gosto, mas, como porta-voz do grupo, sou obrigado a te pedir para mandar parar o barulho...

- É..., mas eu não vou parar. Contratei eles pra tocar o dia inteiro, custou caro e não vou mandar parar. Se ninguém quiser vir no meu bar, que não venham - disse.

- Eu não sei se tu entendeste bem - insisti. - Nós temos um Código de Ética, aqui, e é minha função fazê-lo valer para que esta praia continue funcionando bem, como está, e atraindo novas pessoas, o que, quem explora economicamente o que a gente faz aqui, deve ter o maior interesse em preservar, ou "a vaca vai pro brejo".

- É... - concordou, contrariado -, mas meu pai é que é

dono de tudo isso aqui. Então, eu vou lá perguntar pra ele quem é que manda aqui.

- Nem precisas ir até a cidade, perguntar pra ele. Eu mesmo posso te dizer - mudei um pouco o tom de voz e olhei firme nos olhos dele.- É simples: da cerca para o morro, quem manda são vocês, pois são donos; da cerca para a praia, quem manda somos nós, pois a praia é pública e eu represento a maioria. Teu bar está dentro da área que nós "mandamos". É uma pena que tu não tenhas perguntado isso antes de construir o bar, assim como é, também, uma pena que tu não tenhas lido o nosso Código de Ética, tão divulgado pela imprensa e fixado em vários pontos da praia, antes de ter contratado esta batucada. Vou te dar um tempo pra pensar... Tu não gostarias que as pessoas viessem mijar aqui dentro do teu bar, assim como elas não estão gostando do barulho que está perturbando o seu sossego e o seu descanso. Essas duas situações podem parecer bem diferentes uma da outra, mas ambas estão previstas no nosso Código de Ética. Basta ler e seguir o que está escrito, para que possamos conviver pacificamente, sem que um desrespeite a liberdade do outro... Eu volto daqui a pouco. Pensa a respeito.

Passaram-se mais alguns minutos e o barulho parou. Não sei o que faria se não tivesse parado, mas alguma coisa eu teria de fazer, ou a nossa associação correria o risco de acabar já no primeiro dia da temporada e, com ela, certamente o Naturismo na Praia do Pinho, pois, ou nós gozamos do respeito e da consideração dos proprietários da área, que exploram comercialmente o nosso trabalho gratuito, ou levamos a associação para qualquer outra praia deserta onde o proprietário nos respeite e não queira matar a galinha dos ovos de ouro.

# *Capítulo VIII*

# *Cuidando da Imagem*

Apesar dos nossos apelos e das promessas do Comando da Polícia Militar e do Grupo de Busca e Salvamento do Estado, iniciamos a temporada sem policiamento na praia.

Graças ao empenho do Secretário de Turismo de Balneário Camboriú, conseguimos salva-vidas. Inicialmente, três: mais do que precisávamos. Posteriormente, dois e, em quatro ou cinco dias, nenhum mais. Por motivos que não chegaram a ficar bem esclarecidos, voltamos a ficar sem salva-vidas e a arriscar nossa própria pele tentando resgatar os mais afoitos ou desavisados quanto aos perigos do mar.

Quanto ao policiamento, já que havíamos ido diretamente ao comando, sem obter resultados, resolvemos reiniciar os contatos. Desta vez, porém, em sentido inverso.

Fomos, Rose e eu, até o destacamento da Polícia Militar, sediado em Balneário Camboriú, para conversarmos com o capitão.

Encontramos o Capitão Fredolino no pátio do quartel. Apresentamo-nos e começamos a argumentar que havíamos solicitado o policiamento para a Praia do Pinho e sobre a urgente necessidade desta medida, uma vez que o movimento

na praia tinha aumentado muito e poderia gerar problemas além do nosso controle, mas ele foi logo nos interrompendo:

- É... Eu sei. Até o prefeito já me pediu, mas para a Praia do Pinho eu não vou mandar. Eu... É, não tem condições.

Voltamos a argumentar e, enquanto conversávamos, passaram por nós vários PMs e nos cumprimentaram, pois já nos conheciam lá da praia. Ele não queria mandar policiais para lá, por medo, talvez, de desmoralizar a PM. Não sabia ele que muitos de seus soldados freqüentavam, normalmente, a Praia do Pinho, até em companhia das suas esposas e filhos.

No final, cortou o assunto com um "vou pensar".

Voltamos à praia, com os dedos cruzados, torcendo para que ele "pensasse" bem e fosse sensível aos nossos apelos. Passou-se mais de uma semana, e nada. Resolvemos, então, ir ao seu superior, Tenente Coronel Hélio, em Itajaí.

Lá chegando, após tomarmos um "chá de banco" de uma hora ou mais, fomos avisados de que ele poderia nos receber no dia seguinte, com mais calma, às oito horas da manhã. Tudo bem. Acordei cedo no dia seguinte, passei na casa da Rose e fomos a Itajaí.

Chegamos no horário marcado, mas ele já havia saído. "Nos deu um balão", pensei. Perguntamos se não havia outra pessoa que pudesse nos atender. Fomos, então, recebidos pelo Major Osmar. Segundo ele, era de sua competência o assunto que até lá nos havia levado. Conversamos, argumentamos, pedimos e, ao final, ele nos disse:

- Eu compreendo perfeitamente a necessidade de vocês e até admiro o trabalho que estão fazendo, que não deve ser fácil, mas não posso atender ao seu pedido. Não podemos comprometer a imagem da Polícia Militar, dando proteção a uma praia de nudismo. Vocês devem trabalhar mais a opinião pública, através da imprensa, para que a população aceite.

Não sei o que mais ele queria, em nível de imprensa, pois até uma pesquisa de opinião pública já havia sido realizada pela própria, na qual obtivemos um resultado favorável superior a oitenta por cento dos entrevistados.

Quatro ou cinco dias após o nosso contato com o Major, o programa A voz do Brasil, editado pela Empresa Brasileira de Notícias, órgão da imprensa oficial do Governo Federal, reconheceu a Praia do Pinho como sendo "a única praia de nudismo do País". Decerto ele era mais um, entre cento e trinta milhões de brasileiros, que desligava o rádio às sete, para voltar a ligar às oito da noite, pois ainda assim continuamos sem o apoio da Polícia Militar.

Graças à irredutibilidade do Major, aquela temporada de verão ficou marcada na minha memória por ter sido obrigado a usar de força física contra outra pessoa, pela primeira vez na minha vida, o que contraria os meus mais fortes princípios.

Eu estava acompanhando a colocação de uma grande placa na estrada que desce à praia. Esse out-door havia sido mais uma conquista das nossas gestões junto ao poder público, pois era patrocinado pela SANTUR, por determinação do nosso amigo Mazoca, então presidente dessa empresa oficial de turismo que, no entanto, "não assinou embaixo".

A placa passaria a nos auxiliar muito, pois continha os seguintes dizeres: "Seja bem-vindo. Área reservada ao Naturismo, regida pelo Código de Ética da AAPP", e, abaixo, um pequeno resumo do nosso Código de Ética, avisando a todos os visitantes sobre as normas básicas de conduta na praia.

Durante a colocação da placa, de quatro metros de altura, por oito de comprimento, percebi que a Sandra chegava, ofegante, para me chamar: havia problemas na praia.

- Celso! - falou ela, ainda sem conseguir respirar direito. - Tu tens que descer para tirar três caras da praia! Eles estão bêbados e ofendendo a todo mundo, dizendo que a gente é naturista de merda e outras coisas piores.

- Me mostra quem são - pedi a ela, indo até uma pedra da qual se avistava a praia.

- São aqueles três, lá perto da "corda". E aquele cara de cabelo grisalho é o que está pior. Ele disse que não tem homem pra tirar ele da praia - alertou-me.

A cada conquista que obtínhamos, surgia uma nova batalha a enfrentar. Não podíamos era "fugir da raia". Se o fizéssemos, perderíamos tudo o que já havíamos conquistado.

Pedi a ela que avisasse o pessoal para me deixar ir sozinho conversar com eles, e que cuidassem para que ninguém da nossa turma se aproximasse.

Eles podiam estar querendo briga, mas eu não e, se eu chegasse com mais gente, seria difícil conter os dois lados.

Sentei junto aos três e me apresentei:

- Tudo bem, gente? Estão gostando da praia? Eu sou o presidente da associação que cuida disso aqui. - Apertei a mão dos dois mais jovens e, quando estendi a mão para o tal de cabelos grisalhos, ele se afastou retrucando:

- Se é pra me dar a mão pra tentá me tirar da praia, não vai levá! - disse-me ele, rispidamente, cerrando os punhos.

- Te tirar da praia? Por quê? Tu estás fazendo alguma coisa errada? - perguntei. Sentindo que deveria usar de muita estratégia para não causar uma situação desagradável a todos que estavam na praia, decidi não fazer nada e mantê-los ocupados comigo, para que não perturbassem mais ninguém.

- Eu não! - respondeu-me ele, completamente embriagado. - Essa gente toda aí é que são tudo uns naturista de merda.

- Por quê? - perguntei, tranqüilamente, como se aquilo não me dissesse respeito.

- Porque eu sou físico nuclear... - respondeu-me, com ar arrogante.

- E então? - perguntei, com a mais humilde curiosidade.

- É que a Física é o que explica tudo, hoje, e essa gente aí não é naturista porra nenhuma! - disse ele, ainda falando alto.

A estas alturas, meus amigos, que já estavam todos preparados para o meu chamado, apenas observavam, de longe. Provavelmente, já me julgando um covarde, por ouvir todas aquelas ofensas e permanecer, humildemente, sentado, escutando.

- Pode falar um pouco mais baixo, pois eu estou aqui

pertinho e escuto bem. Além do mais, estou com um pouco de dor de cabeça - disse-lhe.

Ele abaixou a voz.

Permaneci ali, ouvindo conversa de bêbado, por mais uma hora, até que ele voltou a se entusiasmar:

- ... É, porque as teorias do Einstein são tudo fodida!

Nessa hora, o Tuca, que estava sentado próximo, com sua esposa e, talvez, já cansado de me ver naquela situação, virou-se e dirigiu-se ao grisalho:

- Faça o favor, meu amigo, modere as palavras. Estou com a minha esposa aqui.

Foi o quanto bastou para o grisalho, que queria brigar com quem quer que fosse. Levantou-se e foi até o Tuca, tentando dar-lhe uns tapas. Tuca, vendo-se agredido, saiu no soco para cima do grisalho.

Vi que não adiantava mais conversar.

Levantei, rápido, e segurei o grisalho pelas costas, imobilizando-o.

- Pode deixar, Tuca - falei, para que se afastasse. Então virei-me para os amigos do grisalho que, de pé, assistiam a tudo, sem saber bem o que fazer, e disse-lhes, firme:

- Agora tenho motivos de sobra para tirá-los da praia! Podem arrumar as coisas e levar para o carro, pois este aqui - gesticulei com a cabeça, indicando o grisalho, que ainda mantinha imobilizado - eu vou levar! - falei, ainda tentando demonstrar calma.

- Mas, não é assim que nós vamos sair da praia! - retrucou um dos rapazes.

- É assim, e vocês vão sair já! - gritei, já perdendo a minha habitual serenidade. - Não quero ter de levar vocês, arrebentados, pro hospital! Se vocês são burros e querem brigar, tem pelo menos dez dos nossos para cada um de vocês. E eu sou bonzinho, mas eles não - concluí.

O mais difícil, em toda aquela situação desagradável, que eu queria solucionar da forma mais discreta possível, para não transmitir aos turistas que lá estavam uma má imagem da

nossa praia, era conter o nosso pessoal. Nossa turma estava louca para dar uns tapas naqueles caras, que nos haviam ofendido e, mesmo assim, tinham sido tão bem tratados por mim.

Quem não conhecesse a nossa associação e visse seu presidente agindo daquela forma respeitosa e delicada com pessoas que estavam realmente perturbando e merecendo serem corridas a pontapés, poderia pensar tratar-se a AAPP de uma associação de covardes. Na verdade, o que ocorre é o oposto, pois é preciso ser muito forte para conter a própria raiva e os próprios impulsos que brotam nessas situações. Covarde é aquele que bate quando sabe que é mais forte e o faz somente para se auto-afirmar. Se nós, enquanto seres humanos, temos o dom da palavra, temos de ser inteligentes o suficiente para resolver qualquer situação através do diálogo. Nossa filosofia de volta às origens, através do Naturismo, não é para nos equiparar aos animais, e sim para buscar nossa verdadeira essência de seres humanos, para, com isso, aprimorarmos nossos dotes característicos.

Para nós, a imagem que os turistas levavam consigo, de volta às suas cidades, com relação à nossa praia, era muito importante. Se quiséssemos que o Naturismo fosse conhecido e reconhecido nacionalmente como um movimento organizado e composto por pessoas normais, que simplesmente buscam, através da integração maior com a natureza e do convívio com outros naturistas, o crescimento interior e a busca da felicidade, tínhamos de transmitir uma boa imagem da nossa praia. Por esse motivo, eu sempre desaconselhava qualquer atitude desrespeitosa ou agressiva contra o ataque dos curiosos, que se empoleiravam sobre seus carros, no estacionamento, alguns com binóculos e até lunetas, para melhor ver pessoas nuas.

Nosso trabalho de relações públicas, na "portaria do paraíso", que sempre havia sido passivo, ou seja, apenas conversávamos com as pessoas que quisessem ultrapassar a corda que delimitava a área exclusiva de naturismo, passou a

ser ativo. Muitas pessoas chegavam à praia, ficavam olhando de longe e depois iam embora. Essas pessoas voltavam para suas casas apenas com a confirmação de que realmente existia uma praia de nudismo no Brasil, mas sem a menor idéia de como a mesma funcionava, ou de por que fazíamos aquilo e a quê nos propúnhamos. Para melhor esclarecer a estes, passamos a ir até eles, para conversar.

O resultado foi surpreendente: o número de pessoas que, após o nosso contato, tiravam suas roupas e passavam para o nosso lado era impressionante.

Um aspecto facilmente constatável era o de que todos os casais que chegassem acompanhados de outros amigos dificilmente aderiam. Isso em relação às pessoas que chegam ao Pinho pela primeira vez. Tirar a roupa em público é como saltar de pára-quedas: a primeira vez dá um medo terrível, mas depois torna-se a coisa mais natural do mundo. Entretanto, quando já existe uma relação antiga, através da qual se construiu uma imagem vestida dos amigos dos quais estamos acompanhados, surge uma ansiedade que não acontece quando tiramos a roupa, pela primeira vez, na frente de pessoas desconhecidas. O que existe é uma imagem comprometida com aquela aparência, na qual certas partes do corpo foram sempre ocultadas. No momento de despir-se na frente dos amigos - especialmente do sexo oposto, ou pai e mãe - estaremos jogando aquela imagem antiga para o alto e começando a formar uma nova, mais completa, que inclui o corpo inteiro. A ansiedade é fruto da insegurança com relação à nova avaliação à qual seremos submetidos. É claro que todo esse processo é apenas interno e unilateral, pois pode ser que o amigo que o está acompanhando não esteja nem um pouco preocupado com isso.

Muitas vezes, formavam-se grupos de trinta a quarenta pessoas que não desciam para a praia. Ficavam olhando da estrada, que fica a poucos metros da areia da praia. Nestes casos, assim como quando chegavam excursões, eu ia até eles, pedia que se aproximassem e, às vezes, chegava a dar

verdadeiras palestras sobre a Praia do Pinho e sobre o Naturismo, após as quais boa parte das pessoas sentiam-se encorajadas a participar.

Cinco anos antes, eu não poderia sequer me imaginar falando, nu, para um monte de pessoas vestidas à minha volta. Todo esse desprendimento, segurança e autoconfiança foi a prática do Naturismo que me proporcionou. Depois que descobrimos que podemos ser aceitos como somos, mesmo completamente nus, perdemos o medo de conversar com as outras pessoas, mesmo despidos.

# *Capítulo IX*

# *Federação Brasileira de Naturismo*

Já não estava difícil vislumbrar um futuro, não muito distante, com algumas dezenas de milhares de pessoas praticando o Naturismo no Brasil.

Ao mesmo tempo, dentro de um Movimento tão polêmico, era nada confortável a sensação de se estar com todos os ovos na mesma cesta. Caso alguma coisa acontecesse com a Praia do Pinho, inviabilizando-a para o Naturismo, somente após outros vinte anos, talvez, reunir-se-iam, em um mesmo local e tempo, os fatores necessários ao surgimento e desenvolvimento de uma área naturista. A única maneira de assegurar a continuidade do movimento Naturista Brasileiro era desenvolvê-lo em outros pontos do País.

Na barraca, que era minha casa e escritório, já havia montado uma mesa de bambu, sobre a qual estava a máquina de escrever.

Numa tarde chuvosa do mês de janeiro de 1988, sentei à mesa, rascunhei e datilografei os estatutos da Federação Brasileira de Naturismo - FBN, que seria a entidade nacional que promoveria a fundação e desenvolvimento de novas associações no Brasil e as manteria unidas pelo mesmo ideal.

Como ainda não havia outras associações, e para que a FBN não fosse uma entidade de uma só pessoa, comprei um livro de atas e registrei a fundação da FBN como sendo o resultado de uma reunião ocorrida no restaurante da Praia do Pinho, em 15 de janeiro de 1988, entre o Presidente da AAPP e o representante da International Naturist Federation no Brasil, Hans Frillman.

No feriado da Páscoa, pouco mais de um mês depois disso, aproveitando o grande movimento de naturistas na praia, organizei e presidi três reuniões no mesmo dia: uma às 14 horas, uma às 18 horas e outra às 20 horas, todas no restaurante da Praia do Pinho.

Na primeira reunião, com mais de 20 naturistas do Rio Grande do Sul, fundamos a AGN - Associação Gaúcha de Naturismo.

Na segunda reunião, também com vinte e poucos naturistas do Paraná, fundamos a APAN - Associação Paranaense de Naturismo e, na terceira, com trinta e poucos naturistas de São Paulo, fundamos a SP-Nat - Associação Paulista de Naturismo.

Quando entramos em dúvida quanto ao que vem primeiro: o ovo ou a galinha, para não sucumbir a esse impasse, o melhor mesmo é fazer uma galinha e alguns ovos, para que tudo já comece a funcionar.

No final daquelas reuniões, eu já tinha três outras marcadas para os próximos dias: em Porto Alegre, em Curitiba e em São Paulo.

Naquele mesmo feriado de Páscoa, o jornalista Tarlis Batista, da revista Manchete, esteve na praia, junto com a fotógrafa Cristiana Isidoro. Conseguimos realizar uma excelente matéria, com muitas pessoas colaborando com a fotógrafa, que conseguiu um ótimo material para ilustrar a reportagem.

Para garantir que a matéria não se desviaria dos rumos da realidade, fui ao Rio de Janeiro, onde acompanhei a redação final da reportagem e a seleção fotográfica.

A matéria ficou muito boa e teve uma repercussão excelente.

Tarlis Batista, encantado com o desenvolvimento que conseguimos dar à Praia do Pinho, resolveu nos apoiar no que fosse preciso.

Do Rio de Janeiro, fui a São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, acompanhando as primeiras reuniões da SP-Nat, da APAN e daAGN, para elaboração e aprovação de estatutos.

Vinte dias mais tarde, encarei mais um roteiro de reuniões nas três capitais.

Em Curitiba, os diretores da APAN já haviam feito contato com proprietários de uma chácara ao pé da Serra da Graciosa. Acompanhei as negociações para viabilizar sua utilização pelos naturistas paranaenses e fomos até o local.

Cachoeiras, pequenos chalés em fase de acabamento, área para camping, piscina natural, mato, etc.: ótimo local. Um único problema: os borrachudos.

Esses borrachudos vieram a causar, mais tarde, uma divisão na APAN, entre os que queriam enfrentar os borrachudos e os que preferiram procurar outro local. Dessa divisão, nasceu a UAN - União de Amigos Naturistas, uma associação só de casais e famílias, não admitindo pessoas solteiras, que foi em busca de outra área.

Em São Paulo, após duas reuniões de aprovação de estatutos, eleição, etc., alguém descobriu o proprietário de um sítio que estaria disposto a alugá-lo para os Naturistas da SP-Nat.

Foi marcado um churrasco no local e viajei a São Paulo, novamente para verificar.

Possuía infra-estrutura completa, desde chalés, churrasqueiras até piscinas e sauna. O encontro transcorreu normalmente, a não ser pela chuva, que colaborou para que algumas pessoas abusassem um pouco da bebida.

Da segunda visita àquele sítio, entretanto, não pude participar. Somente mais tarde fiquei sabendo que a companheira do proprietário da área apareceu e demonstrou

que o que queriam não era a prática do Naturismo, dentro dos nossos princípios éticos. Isso inviabilizou o uso daquele local para os encontros dos naturistas da SP-Nat.

Entre encontros e desencontros, as associações iam promovendo reuniões e debates, mas com muito poucos frutos. Era um trabalho difícil.

Com o passar dos anos, fui percebendo que de cada três associações que ajudava a criar, duas sucumbiam em pouco tempo. Geralmente, não sobreviviam às discussões para elaboração dos próprios estatutos. Se passassem disso, corriam sérios riscos de dividirem-se durante os processos eleitorais. Assim, era importante o apoio aos novos grupos.

Da experiência desse processo, acabei desenvolvendo um sistema de núcleos naturistas, comandados por delegados da FBN, nomeados diretamente pelo Presidente. Sem personalidade jurídica própria, eram extensões da federação, com um regulamento já definido. Dessa forma, foram suprimidos os dois maiores obstáculos à afirmação das novas associações: estatutos e eleições. Quando atingiam um porte mais consistente, acima de cinqüenta membros, já com algum tempo de experiências teóricas e práticas no gerenciamento do grupo, transformavam-se, então, em clubes ou associações, rompendo o "cordão umbilical" com a FBN.

# *Capítulo X*

## *Problemas na Terra e no Mar*

Um dos problemas mais delicados que sempre tivemos de enfrentar era com relação aos turistas que, apesar de inúmeras placas proibindo fotografias no local, insistiam em tirar fotos. Por mais que disfarçassem este ato, sempre eram flagrados quando o faziam.

Nosso trabalho de procurar garantir a privacidade das pessoas que freqüentavam a Praia do Pinho não era fácil.

É muito difícil convencer um turista, que tirou fotos de várias outras praias, a nos entregar o filme da sua máquina por ter tirado uma foto de pessoas nuas na Praia do Pinho. Perdi a conta de quantas vezes tivemos de fazê-lo. Sempre de maneira muito delicada, procurando explicar que as pessoas que lá estavam tinham direito à sua privacidade e, portanto, havia várias placas proibindo fotografias. Geralmente, as pessoas compreendiam e nos entregavam o filme. Algumas vezes, porém, a situação se complicava.

Certa tarde, um grupo de rapazes que vinha caminhando pela praia tirou uma foto da Rose e foi flagrado por algumas pessoas da associação.

Logo estava formada a encrenca.

Avistei de longe aquele grupo de pessoas discutindo e fui até lá ver do que se tratava. Quando cheguei perto, alguém me avisou que eles tinham batido uma foto.

Entrei no meio do grupo, notei que um deles era uma espécie de líder e o convidei para conversarmos fora do burburinho. Com ele, teci todas as argumentações possíveis no sentido de que eles deviam nos entregar o filme, mas não tive sucesso. Ele voltou a se reunir ao grupo e disse:

- Não vão levar! E se é para brigar, a gente briga. Nós somos do Mato Grosso e estamos acostumados a isso.

Vendo que eles estavam irredutíveis, falei a todos:

- Se vocês querem brigar, vocês vão brigar. Não comigo, pois eu não estou acostumado com isso. E o nosso pessoal, apesar de sermos em maior número, também não vai brigar, à exceção de um - apontei na direção do Júlio, que de seus um metro e sessenta de altura, braços cruzados, apenas observava tudo, a uma distância de uns cinco metros. E com toda tranqüilidade continuei: - Para ele, defesa pessoal, mais do que um hobby, é uma profissão. Ele é professor e campeão de Karatê e nós vamos apenas assistir enquanto ele, certamente com o cuidado de não matar nenhum de vocês, mais uma vez, vai nos dar uma demonstração de como bater em seis ou sete marmanjos. Só vou pedir que, antes, vocês assinem um documento nos isentando, e a ele, da responsabilidade sobre costelas, braços e pernas que, "por acidente", possam ser quebrados, o que, aliás, sempre acontece.

Eles olharam para o Júlio, que era menor e mais franzino que o menor deles. Enquanto isso, eu cruzava os dedos para que eles acreditassem no meu blefe.

Por sorte minha - e do Júlio - eles mudaram o tom de voz e, no fim, tudo terminou bem.

Com o mesmo objetivo de preservar a privacidade das pessoas que freqüentavam a praia, porém sem assumir publicamente que o faziam, chegaram a ser realizadas verdadeiras perseguições cinematográficas pelas estradas próximas à praia e até mesmo na BR 101.

Todas, porém, resolvidas de forma pacífica no que tange à solicitação do filme.

O Zig, que fazia sua ronda diariamente, passou a munir-se de um apito, o qual levava pendurado ao pescoço. Com o auxílio desse apito, ele podia melhor chamar a atenção das pessoas que, ao longe, tentavam usar binóculos ou máquinas fotográficas ou, ainda, praticar qualquer infração ao Código de Ética. Zig já era uma figura folclórica na praia. Após o uso do apito, passou a ficar mais pitoresco ainda. Era fácil de se prever que, em pouco tempo, as melhores piadas da praia teriam como tema "o apito do Zig" que, incansável, trabalhava o dia inteiro para dar proteção aos naturistas.

Por mais engraçado que pudesse parecer um cara pelado, vestindo apenas boné e apito, ele impunha respeito. O uso do apito acabou imperando, por mostrar-se um método muito prático de advertência a distância. Aquele apito devia soar, em média, umas três ou quatro vezes por dia e sempre significava problemas à vista.

Um dia ouvi soar o apito próximo à entrada da praia. Havia um carro parado num local exclusivo para manobras e seu motorista havia tirado fotos.

Quando o Zig apitou, ele arrancou e foi embora. Alberto, o proprietário do restaurante, tendo assistido à cena, correu para o seu Gurgel e arrancou, morro acima, atrás do automóvel. Enrolei-me em uma toalha e subi, a pé, para ver se ele tinha conseguido alcançá-lo, o que seria difícil, pois o outro levava uma grande vantagem.

Quando cheguei ao topo do morro, notei que Alberto havia, não sei como, conseguido ultrapassar a Paraty, cujo motorista tentava desviar dele, para poder fugir. Quase o atropelou. Cheguei até o carro e pedi ao motorista que se acalmasse, para podermos conversar.

Ele estava esbravejando, disposto a passar por cima do Alberto, que o havia fechado. Por casualidade, era um conhecido meu, de Porto Alegre. Convidei-o a ir comigo até o local de onde ele tinha batido as fotos e mostrei-lhe que, em sua

frente, a menos de dois metros, havia uma placa proibindo o que ele havia feito. Isso, e mais meia hora de argumentação, foi o suficiente para que ele me entregasse o filme.

Os pescadores da região, que possuem barcos, durante a temporada de verão procuram ganhar um dinheiro extra fazendo passeios turísticos pelas praias próximas a Balneário Camboriú. Para isso, atracam seus barcos no terminal turístico da Barra Sul, onde colocam placas com seu itinerário para atrair os turistas. Evidente que os mais procurados são os que possuem em seu itinerário "passeios pela praia de nudismo".

O mar da Praia do Pinho tem a característica de possuir grandes ondas, o que sempre impede uma aproximação maior desses barcos. Na temporada 87/88, entretanto, o mar estava calmo como nunca, o que permitia uma aproximação maior desses barcos.

Os curiosos que vinham por terra, nós já havíamos aprendido a conter, de forma a que os mesmos não invadissem a praia para constranger as pessoas, em especial os "naturistas de primeira viagem". Agora, porém, tínhamos curiosos vindo do mar, contra os quais nada podíamos fazer.

Portando binóculos e gritando para a praia, soltando piadinhas idiotas, eles tentavam ridicularizar os naturistas, sem se dar conta, porém, que, naquela situação, eles é que eram ridículos.

Num sábado, dia de muito movimento na praia, vi o Zig apitando para um barco e gesticulando.

- Tem um cara com filmadora lá, Celso! - disse ele.

Nós havíamos nos disposto a implantar a primeira praia de Naturismo no Brasil e, para tanto, prometíamos segurança e privacidade às pessoas que nela quisessem ingressar. "Como garantir a privacidade das pessoas se elas são alvos de câmeras que vêm do mar? ", pensei.

O pior de tudo era a sensação de total impotência contra aquilo. Da praia, não podíamos fazer nada além de gesticular e "apitar", esperando que a pessoa que estivesse filmando fosse

sensível aos nossos apelos.

Entrei no mar e tentei ir nadando até o barco, mas, lógico, quando me aproximei ele virou e foi embora. Voltei para a praia com uma enorme sensação de frustração. Pela primeira vez, estava me deparando com um problema para o qual não achava solução. Nós tínhamos de nos fazer respeitar, e ao nosso Código de Ética, a qualquer custo, ou corríamos o risco de ver nosso Movimento desmoronar. E, para isso, só podíamos contar conosco. Minha posição como presidente da associação, nestas horas, me deixava numa situação realmente difícil, pois de mim deveria partir alguma decisão ou solução.

Peguei um binóculo, fui para o meu carro e convidei mais um casal para me acompanhar: estava decidido a ir até o fim.

Todos uniformizados com a camiseta que leva o logotipo da associação, subimos o morro em meu carro e tomamos a estrada que acompanha o mar, costeando as montanhas até Balneário Camboriú.

Tal qual um filme de espionagem, a cada um ou dois quilômetros escondíamos o carro, para não sermos identificados e, com o auxílio do binóculo, procurávamos o barco que havia feito a filmagem, em meio a tantos outros que navegavam pelas redondezas, e qual o seu rumo.

Depois de quase uma hora nessa perseguição, chegamos próximo à barra do rio, onde ele deveria atracar. Era a hora de acelerar, pois, se não chegássemos a tempo, de nada valeria todo aquele esforço.

Mas ele não estava lá. "Onde estaria?", pensei. Não havia outro lugar para desembarcar, a não ser, talvez... do outro lado da cidade.

Voltamos correndo para o carro, manobrei e saí rapidamente, pois tínhamos de atravessar toda a cidade, uns dez ou onze quilômetros de ruas, sinaleiras, cruzamentos, movimento e tudo o mais. Dirigi feito um alucinado. A cada ultrapassagem, o risco de uma colisão. Pessoas atravessando a rua, sinais fechando, assobiando os pneus nas curvas.

Chegamos ao outro lado, mas nem sinal do barco. Nós o havíamos perdido. Estacionei na beira da praia, na bela avenida que costeia a baía, que muito se assemelha a Copacabana, porém com uma linda ilha no meio.

Revezando o binóculo, tentávamos ainda localizar o barco.

Mais uns cinco minutos ali, e desistimos.

Fomos voltando para a Praia do Pinho, seguindo por essa avenida que costeia o mar e, quando estávamos mais ou menos na metade dela, Sandra, que estava sentada ao meu lado, avistou o barco, entrando pela barra do rio, uns dois ou três quilômetros adiante. Era hora de, novamente, acelerar. Voamos até a Barra Sul e, quando chegamos, o barco havia recém atracado e as pessoas estavam descendo.

Respirei fundo, para aliviar a tensão e a angústia da perseguição e para poder conversar, simpaticamente, com o homem que havia feito a filmagem. Estávamos em dois casais, o que o faria sentir melhor o porquê da nossa solicitação para que desgravasse as tomadas feitas, uma vez que lá havia famílias inteiras que não desejavam ser filmadas em sua tranqüila intimidade. Ele mostrou-se sensível aos nossos argumentos, pois era um homem culto e educado, e desgravou.

O dia seguinte, domingo, era o pior dia para quem trabalha na manutenção da praia. É no domingo que o pessoal que trabalha nas redondezas vem fazer o seu passeio na "praia dos pelados". É o dia em que pinta todo tipo de gente, desde pescadores até velhas beatas. As pessoas que normalmente freqüentam a praia praticamente não sentem nenhuma diferença, pois esta gente "domingueira" dificilmente tira a roupa e fica, portanto, do outro lado da "corda", somando-se aos turistas que chegam, o que dificulta um bocado o trabalho de relações públicas na praia.

Naquele domingo, não bastassem as dificuldades normais, repetia-se o problema da filmagem por mar. Era só o que faltava, se tivéssemos de colocar mais este no rol dos nossos problemas cotidianos. Desta vez porém, vimos tratar-se de

uma câmera de televisão, o que não mudava em nada a situação: teríamos de repetir a perseguição do dia anterior.

Após acompanharmos sua trajetória até Balneário Camboriú, fomos ao atracadouro da Barra Sul.

Quando o barco atracou, eu estava parado de pé sobre o cais, vestindo calção e a camiseta do Pinho, porém, com os braços cruzados e as mão espalmadas sobre o peito, cobria o logotipo da AAPP, para que não me identificassem antes da hora.

Quando o cinegrafista e o repórter desembarcaram, bem à minha frente, baixei os braços e o repórter viu, escrito na minha camiseta, "Praia do Pinho". Ao mesmo tempo, eu levava minha mão direita à altura da cintura, por baixo da camisa: gesto típico de quem vai puxar uma arma. O repórter ficou branco de pavor, deu um passo atrás e quase caiu na água.

Da cintura, tirei minha carteira e apresentei-me, com meu cartão de presidente da AAPP.

- Precisamos conversar - disse-lhe.

Sentamos numa mesa e a dona do bar, vendo do que se tratava, trouxe logo uma cerveja e uns pastéis:

- É por conta da casa - disse ela.

Falei-lhes da nossa organização, do nosso Código de Ética, a respeito do qual argumentei:

- ...Este artigo tem por fim proteger a privacidade das pessoas, assim como repórteres e cinegrafistas profissionais, como vocês, por exemplo. Não sei se vocês se deram conta de que poderiam estar filmando, lá, o Diretor Presidente da empresa de vocês e, nesse caso, amanhã vocês estariam procurando emprego. Por isso, somente deixamos filmar pessoas que o permitam. Se vocês querem fazer uma reportagem sobre a Praia do Pinho, nós podemos fazer, mas lá na praia, dentro de nossas regras e entrevistando pessoas que se disponham a ser entrevistadas. Só assim vocês poderão fazer uma reportagem fiel ao Naturismo.

Enquanto eu conversava com o repórter, Carlos e Rose, que estavam comigo, assistiam, através do monitor, às cenas

que eles haviam gravado.

Na gravação, o repórter dizia: "Estamos aqui, a uns quinhentos metros da Praia do Pinho, e eles lançaram uma lei, agora, contra os repórteres, considerados como os bisbilhoteiros do século, impedindo qualquer tipo de filmagem. Se, por acaso, eles perceberem que nosso equipamento está ligado, nós corremos o risco de perder tudo. E, se chegamos aqui de barco, teremos de voltar a pé, e sem roupas".

Isso justificava o pavor dele ao me ver na sua frente quando desembarcou.

Dois dias depois, Índio, o repórter da RCE que estava fazendo a matéria para a Rede Bandeirantes, apareceu na praia, conforme o combinado, com sua equipe.

Convidei algumas pessoas, que se dispuseram a ser filmadas e entrevistadas, e fomos para o canto da praia, onde existe uma piscina natural, que naquele dia estava especialmente linda. Adultos e crianças foram entrevistados e a reportagem ficou ótima, indo ao ar umas três vezes em nível regional e outras três vezes em nível nacional.

O efeito positivo foi tão grande que chegou a modificar o movimento na praia. Se antes era grande o número de homens desacompanhados, principalmente jovens, que chegavam à praia, empoleirados sobre pick-ups, em bandos de dez ou doze, depois da reportagem estes pararam de vir, dando lugar a um número maior de casais e famílias e até mesmo mulheres desacompanhadas. Decerto, o clima familiar com que foi produzida a reportagem desestimulou aqueles que pensavam em ir à Praia do Pinho por motivos outros que não a procura por tranqüilidade e paz de espírito, ao mesmo tempo em que encorajou muitos casais a levarem seus filhos para lá, em busca de um ambiente mais sadio para sua educação.

# *Capítulo XI*

## *Ora... Bóias!*

Para resolver o problema dos barcos de turistas, que continuavam chegando, cada vez mais próximos, e evitar novas operações de perseguição aos mesmos, ocorreu-me a idéia de colocar bóias a uns cem metros da praia, o que delimitaria uma área na qual não devessem entrar.

Colocar as bóias não seria o problema. O caso mais difícil seria o de como fazer para que os barqueiros as respeitassem.

Primeiramente, fui com Rose até a Capitania dos Portos, em Itajaí, para saber sobre a possibilidade de colocarmos as bóias.

Lá chegando, fui barrado na porta: eu estava trajando bermudas de veludo, camisa, tênis e meias, porém, lá, só permitem a entrada de homens calçando calças compridas.

Voltei no dia seguinte, trajado de acordo com as exigências do local. Fomos atendidos pelo Sargento Lio e começamos a relatar o nosso problema com os barcos de turistas, quando ele nos interrompeu:

- Eu tenho recebido algumas queixas... Vocês não podem proibir ninguém de ter acesso à praia. A praia é pública e todos

têm direito a freqüentá-la - disse ele. Ao que argumentei:

- Nós não proibimos ninguém de entrar na praia. Assim como, ontem, eu não fui proibido de entrar aqui, por não estar trajando calças compridas. Nós apenas, como vocês, aqui neste local público, fixamos o traje para ingresso na praia. O traje, lá, é nu - defendi. Sem ter como rebater ao meu argumento, ele se prontificou a nos ajudar.

Fizemos, então, com base na Portaria 0001/87 do Ministério da Marinha, que determina que nenhuma embarcação com propulsão a motor deve se aproximar a uma distância inferior a duzentos metros da rebentação, em praias de banhistas, um requerimento, redigido em papel timbrado da AAPP, que foi protocolado. Nesse requerimento, solicitávamos permissão para colocar bóias, para melhor fiscalizar o cumprimento da Portaria 0001/87.

Dois dias depois, recebemos um recado de que o próprio Capitão dos Portos de Itajaí gostaria de nos receber.

Fomos até lá. Ele teceu uma série de elogios ao nosso trabalho na Praia do Pinho, disse que não havia problemas quanto à colocação das bóias, porém eles não dispunham de pessoas para realizar a fiscalização; portanto, queria solicitar que nós mesmos a fizéssemos.

- É claro que faremos.

Ele nos delegou poderes para fiscalizar, instruindo-nos como anotar o nome e o prefixo das embarcações, assim como o município de registro das mesmas. Foi ótima a visita. Finalmente, um bom apoio! Claro que ainda baseado no nosso trabalho, uma vez que nós é que teríamos de colocar as bóias e fiscalizar os barcos, mas, mesmo assim, já era ótimo termos a quem recorrer.

Saímos dali e já fomos comprar material para confeccionar as bóias.

No dia seguinte, bem cedo, nadei até um ponto onde julguei ser uma distância apropriada para a passagem dos barcos, "nem tanto ao mar, nem tanto à terra", no sentido literal da expressão. A profundidade era em torno de oito

metros e a distância da praia era de uns cem metros.

Três paralelepípedos de peso, para manter a bóia ancorada, uma corda com dez metros de comprimento, um destorcedor e a bóia propriamente dita, feita de isopor, envolta por um tecido cor-de-laranja, para ser facilmente avistada, constituíam a tralha de cada bóia. Fiz três. Levei-as a nado, com o auxílio da bóia de salvamento, para sustentar o peso dos paralelepípedos.

Ao meio-dia, estavam as três bóias colocadas e alinhadas, a cem metros da praia.

Pelas duas horas da tarde, chegou o primeiro barco. Nem tomou conhecimento das bóias. Passou direto por elas. É claro. Como iam saber do que se tratavam aquelas bóias, se nunca viram nada parecido em qualquer outra praia, mesmo nas de banhistas.

Nadei até o barco e expliquei ao barqueiro sobre as bóias e que tínhamos a autorização da Capitania dos Portos para fiscalizar aquela delimitação. Dali meia hora, outro barco. E mais outro. Resolvi poupar braçadas e gastar um pouco de gasolina. No dia seguinte, fui até a Barra Sul e reuni o maior número de proprietários de barcos que consegui.

Fiz a eles uma explanação sobre a nossa organização, sobre os problemas que estavam causando por sua aproximação demasiada à praia, sobre o nosso requerimento à Capitania dos Portos, sobre as bóias e tudo mais.

Disse-lhes que tínhamos permissão para colocar as bóias a uma distância de duzentos metros da rebentação, mas eu as havia colocado apenas a cem metros da areia, para não prejudicá-los. Para que fizéssemos uma "política de boa vizinhança".

Todos aceitaram, menos um. "Sempre tem um 'pé-no-saco' para complicar a jogada", pensei.

- Eu sou advogado e tenho três barcos. Levo eles aonde eu quiser. Se o turista quiser filmar bem de pertinho e me pagar para isso, eu levo ele lá na areia. E tem mais: se um dos meus barcos se enroscar nessas bóias de vocês, vocês vão se ver

comigo! - disse ele, esbravejando e segurando uma garrafa de cerveja pelo gargalo, como um porrete.

- Tu tens bons timoneiros? - perguntei.

- Os melhores - respondeu.

- Então não vou precisar me preocupar com isso, pois somente um timoneiro muito "tapado" pra conseguir não ver alguma das nossas bóias - concluí.

Agradeci a presença dos barqueiros e fui tomar uma cerveja com o "bronqueiro". Depois de uns goles, ficou tudo bem.

Na manhã seguinte, as bóias não estavam mais lá: alguém as havia cortado.

Fiz novas bóias para refazer o alinhamento. Prometi a mim mesmo que faria trezentas bóias e nadaria trezentas vezes com elas para o mar, se fosse preciso.

Quando eu estava levando a terceira bóia, naquele dia, a bóia de salvamento, que sustentava os paralelepípedos, furou e encheu d'água. Passei o maior sufoco para nadar com todo aquele peso, sem o auxílio da bóia de salvamento, mas, no fim, deu tudo certo.

No outro dia, porém, mais duas bóias foram cortadas.

Fiz outras e coloquei no lugar das anteriores. Se eles pensavam que iam me matar no cansaço, estavam enganados.

O Zig, que até então vestia apenas boné e apito, passou a "vestir", também, um binóculo, embaixo do braço, para anotar o nome das embarcações que não respeitavam as bóias. Acho que vencemos, pois as bóias não foram mais cortadas e eles passaram a respeitar o alinhamento. Foi mais uma difícil vitória da nossa persistência.

Qualquer coisa que alguém se proponha a fazer, neste País, é difícil. Uma praia de nudismo, funcionando bem, é muito mais difícil. O brasileiro não tem o hábito de respeitar nem as leis do País, muito menos um Código de Ética de uma associação de nudistas. Foi preciso muita garra e determinação para nos fazermos respeitar.

"Os problemas vindos por terra, já havíamos aprendido

a resolver, e agora aprendemos a resolver os problemas vindos por mar", pensei. Mas estava enganado. Mal podia imaginar o que teríamos de enfrentar dali a alguns dias.

# *Capítulo XII*

## *Uma Baleia! E Agora?*

Era uma manhã de sol, ótima, com exceção do vento leste, que soprava um pouco forte. Estava tudo tranqüilo na praia, até que alguém avistou uma coisa estranha no mar. A quinhentos metros, defronte ao costão norte, algo muito grande, amarelado, boiava no mar, sendo trazido pela correnteza e pelo vento na direção da praia.

Busquei o binóculo, mas não consegui identificar o que era, dava para perceber apenas uma pequena parte aparecendo e outra, maior, submersa, como um iceberg. Não pude identificar, mas pude imaginar do que se tratava. No dia anterior, tinha ouvido alguns comentários a respeito de uma baleia que encalhara na praia de Taquaras, ao lado da Praia do Pinho. "Mas se ela encalhou lá, como teria voltado para o mar? Só se os pescadores a tivessem rebocado, com os barcos, de volta para o mar", pensei.

Era ela. Estava morta, de barriga para cima e fedendo muito. A quatrocentos metros da praia, já podíamos sentir o mau cheiro, trazido pelo vento. "E agora?", pensei. "Se esta baleia vier pra cá - e virá -, a prefeitura é que não vai retirá-la e nós não teremos como cavar um buraco suficientemente

profundo, na areia, para enterrá-la. As velhas beatas vão dizer que foi Deus quem mandou, para acabar com a pouca-vergonha, pois ninguém conseguirá ficar na praia, por uns quinze dias, pelo menos".

Enquanto eu pensava no triste, e cada vez mais próximo, futuro da nossa temporada de verão, a baleia ia chegando, trazida pelo vento e pela maré. Carlos Armim, veterinário, estava ao meu lado, procurando avaliar, à distância, seu tamanho e peso.

- Deve ter umas cinco ou seis toneladas - disse ele. - Ela vai encalhar na beira do mar, sobre a areia úmida. Vai ser impossível enterrá-la.

- E se nos cavarmos um buraco mais para cima? Na areia seca. Depois a puxamos para dentro - sugeri.

- Como? - perguntou ele. - Cinco toneladas!

- Puxamos com os carros - insisti.

- Nem com dez carros; além disso, não teríamos onde colocá-los - desencorajou-me.

- E com um barco? Puxar pra fora? - perguntei.

- Depois que ela encalhar, é muito difícil - respondeu-me, com ar de desânimo. - A arrebentação está muito forte.

A baleia estava se aproximando. O cheiro era terrível. Já a cento e cinqüenta metros, começava a pegar o embalo das ondas, o que acelerava sua aproximação.

- Acho que vou entrar nadando para tentar segurá-la lá fora, enquanto alguém vai até a praia ao lado e contrata um barco para rebocá-la para fora - falei.

- Nem pensar! - disse ele. - Mesmo que o vento e a maré não a estivessem trazendo pra cá, dificilmente tu conseguirias mover um metro aquele monstro. Deve ter um peso equivalente a oito ou nove fuscas. Ainda mais agora, que está pegando o embalo das ondas.

Era verdade. "Se eu tivesse entrado antes e com mais gente para me ajudar, era capaz até de segurá-la, nadando", pensei.

Ivone e Rose chegaram, apreensivas.

- O que vamos fazer? - perguntou Ivone. Se essa baleia ficar apodrecendo aqui na frente, ninguém vai conseguir nem dormir neste fedor.

Alguma coisa eu tinha de fazer, e rápido. Uma pequena multidão já se aglomerava no local onde ela ia encalhar, para, apesar do cheiro, vê-la de perto, antes de irem embora.

- Vocês pegam o carro e vão até Taquaras, contratar um barco para rebocá-la. Eu vou tentar segurá-la, lá fora - disse para as duas, enquanto corria até a barraca para pegar os pés-de-pato.

Vesti a roupa de mergulho, para proteger o corpo, pois naquele estado de putrefação ela poderia estar soltando alguma substância perigosa para a pele. Peguei um rolo de corda e coloquei-o dentro da roupa, junto ao peito. Caminhei rapidamente até o mar, coloquei os pés-de-pato e saí nadando em direção à baleia.

Se eu conseguisse mantê-la fora da praia até chegar o barco, certamente iria frustrar a expectativa daquelas pessoas que nunca haviam visto uma baleia de perto. Se não conseguisse, certamente iria frustrar seus próximos quinze ou vinte dias de férias, ou o tempo necessário para que os urubus terminassem com ela, e, além disso, iria me desmoralizar, por ter tentado algo impossível.

O fato é que eu já estava chegando na baleia e, intimamente, acreditava que conseguiria, mesmo sozinho.

Havia uma corda presa em seu corpo, quase na cauda. Estava num local desconfortável para que eu a usasse, pois teria de ficar com a cabeça embaixo da cauda, que deveria ter, pelo menos, uns quatro ou cinco metros de largura.

Não havia tempo para eu tentar amarrar a corda que trazia comigo, pois já estávamos entrando na rebentação. Tive de agarrar a que dava a volta no corpo da baleia e comecei a nadar com o braço esquerdo e a bater os pés, com toda a força que tinha no momento. Parecia uma ilha. Nem se movia com a minha ação. As ondas nos arrastavam, aos poucos, para a praia.

Não desisti, continuei colocando toda a minha energia para tentar conter o seu movimento.

Esperava que alguém fosse aparecer para me ajudar, mas ninguém, na verdade, acreditava no sucesso daquela empreitada. Principalmente por já estar muito perto da praia, sobre as ondas.

Após uns dez minutos, nadando com violência, comecei a perceber que meu trabalho estava dando resultado, pois, pela velocidade com que a baleia havia se aproximado da praia, àquelas alturas ela já deveria estar na areia e, no entanto, ainda estávamos a uns dez ou vinte metros fora da arrebentação.

E era fato. Eu havia conseguido deter sua marcha rumo à praia. Restava saber por quanto tempo conseguiria mantê-la ali. Se o barco chegaria antes de eu cansar, pois estava fazendo muita força.

Mais uns quinze minutos e percebi que as pessoas, na praia, estavam ficando menores: eu estava me afastando da praia.

Vi o carro do Alberto voltando pela estrada, o barco já deveria estar vindo. Aproveitei que já estávamos um pouco afastados da área perigosa, próxima à rebentação, e amarrei a corda que trazia comigo, dentro da roupa, na corda que estava presa à baleia.

Afastei-me dela, uns cinco metros, para evitar o mau cheiro, pois eu estava nadando contra o vento e, agora, podia nadar com a cabeça sempre para fora d'água, pois a posição em que estava a corda dos pescadores me forçava a nadar com a cabeça debaixo da cauda da baleia. Estendida horizontalmente sobre a superfície, com o balanço das ondas, subia e descia, saindo e entrando na água. Quando descia, mergulhava minha cabeça na água, forçando-me a trancar a respiração até que ela voltasse a subir e eu pudesse, novamente, respirar.

A todo momento, olhava para o lado de onde deveria vir o barco, mas nada dele aparecer. Só me restava continuar nadando.

Por um momento, pensei: "Este não é dos piores problemas que já enfrentei por aqui. Esta baleia não fala, não argumenta, não tem maldade, não tem malícia, sequer tem curiosidade por ver pessoas nuas. Aposto até que ela nunca teve em suas nadadeiras uma máquina fotográfica ou um binóculo para melhor penetrar na privacidade dos outros. Ela é apenas uma baleia, infelizmente morta, que foi usada pela maldade das pessoas que queriam acabar com o nosso paraíso".

Enquanto pensava, ia me afastando cada vez mais da costa. Percebi que o barco não viria mesmo. O jeito era levá-la até um ponto em que a corrente a levasse para outro lugar.

Pensei em tubarões atraídos pelo odor da baleia morta. Poderiam querer me comer, como aperitivo. Tratei logo de tirar esse pensamento da cabeça, pois não me ajudaria em nada, naquela hora.

Quando estava a uns oitocentos metros da praia, vi que vinham chegando algumas pessoas nadando, trazendo uma bóia. Eram três. "Finalmente - pensei - alguém acreditou que é possível rebocar uma baleia a nado. Quando se tem fé naquilo que se quer atingir, tudo é possível".

Eram Márcia, Edgar e Beto.

- Tá cansado? - perguntou Márcia.

- Não - respondi, tranqüilamente. Não estava mesmo. Não sabia como, depois de todo o esforço que havia feito, mas o fato é que eu não estava cansado.

- Não quer revezar? - perguntou Edgar.

- Não precisa, estou bem... no embalo - respondi.

Eu ainda dispunha de um pouco de corda enrolada. Alcancei, então, a ponta para o Beto, que estava usando pés-de-pato bem longos, com bastante força de tração.

Quando chegamos a uma distância de aproximadamente um quilômetro e meio da praia, senti que o vento havia mudado para Nordeste: o que levaria a baleia para outro lado que não a Praia do Pinho. Achei que era hora de soltá-la.

- Acho que está bem aqui! - gritei. - Com este vento ela

vai embora!

Soltamos a baleia e começamos a voltar.

O vento e a maré arrastavam-nos para cima do costão Sul da Praia do Pinho. Tínhamos de nadar quase no sentido oposto à praia, para não corrermos o risco de sermos jogados contra as pedras.

Edgar cansou e agarrou-se à bóia. Amarrei a corda nela e comecei a puxá-lo. E assim, fomos voltando, contra o vento e as ondas, até atingir um ponto seguro em que pudéssemos nadar no sentido da praia.

Beto e eu revezávamos, puxando a bóia. Márcia vinha bem. Ela já estava acostumada a nadar grandes distâncias. Nenhum de nós, entretanto, já havia nadado tão distante da praia e tínhamos toda a volta ainda pela frente.

Mais uma hora nadando e chegamos à praia, onde umas trinta ou quarenta pessoas nos receberam com um caloroso aplauso e cumprimentos, após termos vencido a aventura de "salvar" a praia de uma baleia morta.

Pelo menos, foi uma boa resposta aos nossos vizinhos, que precisaram de barcos para rebocar a baleia até o costão do Pinho. Nós devolvemos a baleia, a nado.

Problemas do mar continuaram a nos dar trabalho, mas foram sempre superados satisfatoriamente.

Noutro deles, a Praia do Pinho voltou a ocupar as páginas dos jornais. No dia 16 de janeiro de 1992, o jornal Zero Hora destacou a seguinte manchete: "O dia em que os nudistas foram heróis no mar", abaixo de uma foto, na qual apareciam dezenas de naturistas salvando os náufragos de uma escuna encalhada. A matéria discorria assim:

"Turistas queriam ver a praia de naturismo bem de perto. Acabaram encalhados e foram salvos por dezenas de veranistas. Capitania abriu inquérito.

Eles tinham tanta vontade de ver gente pelada, tomando banho de sol na bela Praia do Pinho, a 12 quilômetros de Camboriú, que não observaram os limites de navegação - e acabaram encalhados. Por ironia, os 30 turistas que alugaram

a escuna Sonho Meu para um passeio pelo litoral e uma olhada à distância nos adeptos do chamado naturismo acabaram sendo salvos numa operação rápida por boa parte das 300 pessoas que estavam na praia no primeiro dia do ano. O que se viu, então, durante vários minutos, foi gente de roupa, abraçada em veranistas pelados, procurando chegar até a areia, e vendo os naturistas bem mais perto do que planejavam.

O que parecia uma brincadeira virou assunto sério. Só nos últimos dias, o incidente chegou ao conhecimento da Capitania dos Portos de Itajaí, que abriu inquérito para apurar as causas e descobrir os responsáveis. A escuna Sonho Meu, usada para estes passeios, estava com a licença vencida, teve problemas no motor e encalhou a poucos metros da praia. Os resultados da investigação serão depois encaminhados ao Tribunal Marítimo, que dará o parecer final.

ROTINA - Passeios como este da Sonho Meu não são novidades nesta parte do litoral catarinense. Desde que a comunidade de naturistas escolheu a paradisíaca Praia do Pinho como refúgio, a curiosidade dos turistas tem aumentado ano a ano, e os passeios de barco se tornaram rotina - a diferença é que, desta vez, a escuna chegou perto demais e encalhou.

No início, a curiosidade até incomodava, mas agora já é aceita. Os sócios da comunidade buscaram uma solução, é verdade, mas viram que seria muito difícil manter as pessoas afastadas e decidiram enfrentar a situação à sua maneira. Sempre que os limites eram rompidos, eles nadavam até os barcos para dar explicações sobre os objetivos do local. Mas nunca precisaram salvar turistas como aconteceu no primeiro dia do ano(...)."

# *Capítulo XIII*

## *Terra, Mar e... Ar!*

Se na temporada de verão 87/88 tivemos de enfrentar desafios vindos por terra e pelo mar, só faltava, para completar, virem problemas pelo céu. E vieram.

Era normal passarem helicópteros, sobrevoando a Praia do Pinho, e até mesmo aviões, em vôos rasantes pelo mar. Estes, porém, sempre guardavam uma distância de segurança da praia e das pessoas que ali estivessem.

Nessa temporada, entretanto, apareceu um helicóptero cujo piloto fez questão de não dar qualquer atenção à segurança e à tranqüilidade das pessoas que estavam na praia.

Logo que apareceu, vindo do lado do Balneário Camboriú, veio num vôo rasante, muito baixo, sobre a areia. Aquilo logo chamou a atenção, mas pensei que ele iria embora, o que não ocorreu. Deu meia volta sobre o morro e desceu em mais um vôo rasante, a uns dez metros de altura, sobre a areia e, conseqüentemente, sobre as pessoas que ali estavam.

Cheguei a sentir um arrepio, pelo perigo que aquilo representava.

Ele subiu até a altura do morro e estolou o helicóptero, vindo novamente na direção das pessoas.

Corri para o meio da praia e comecei a acenar, junto com Carlos, para que ele se afastasse para o mar.

Ele não deu a menor atenção. Veio na nossa direção e passou por cima de mim, a uns seis ou oito metros de altura.

Eu nunca tinha visto um helicóptero tão perto em toda minha vida.

Desconsiderando completamente os nossos apelos, ele deu mais uns dois ou três vôos rasantes, antes de ir embora.

Senti-me novamente impotente. "Será que nunca vamos ter sossego?", pensei.

Dois dias depois, ele voltou. Fazendo o mesmo tipo de acrobacias, porém mais arrojadas ainda, começou a causar pânico na praia. Crianças saíam correndo, chorando, em direção ao camping, à procura dos seus pais; mulheres colocavam as mãos na cabeça, apavoradas; Edo tentou pegar seu revólver, mas a Rose o impediu.

Fui novamente para o meio da praia e ajudei Carlos a riscar, rapidamente, na areia as letras "DAC", sigla da entidade que fiscaliza estas atitudes dos pilotos.

Fizemos letras de mais de dois metros. Pela altura na qual ele dava os rasantes, seria necessário apenas letras de trinta ou quarenta centímetros.

Quando ele passou novamente, apontamos para o chão, para que ele visse a inscrição. Ele passou, subiu novamente até a altura do morro, voltou a virar para o nosso lado, colocou o helicóptero numa posição quase vertical, com a frente para baixo e veio novamente na nossa direção. Parecia que estava mesmo disposto a nos atropelar. Quando chegou à nossa frente, voltamos a apontar as letras no chão, ao que ele respondeu colocando a mão para fora da janela e fazendo um gesto obsceno.

Desta vez era demais. Resolvi ir até o fim.

No dia seguinte, acompanhado mais uma vez pela Rose, Diretora do Departamento de Relações Públicas da AAPP, fui até Navegantes, o aeroporto mais próximo.

Acompanhados pelo diretor da Infraero, fomos até o

DAC, onde registramos a queixa, em nome da Associação Amigos da Praia do Pinho.

Alguns dias depois, tivemos a notícia de que, além de uma pesada multa, o piloto havia sofrido suspensão da sua licença. Nunca mais aquele helicóptero passou por lá.

Estávamos, dessa forma, resolvendo os problemas que surgiam, através dos canais competentes: com os barqueiros, junto à Capitania dos Portos; com os helicópteros, junto ao DAC; com os turistas e curiosos, na base do contato direto; e com as baleias, na base da garra e da coragem: a nado.

Os feriados relativos ao dia de Carnaval sempre foram, para as pessoas que dirigiam a AAPP, responsáveis pela tranqüilidade de todos os freqüentadores da Praia do Pinho, o momento crítico de qualquer temporada. Este era o período de maior freqüência na praia e no camping.

Não bastassem os problemas externos, que tínhamos de vencer, cabia-nos levar a bom termo os problemas internos da AAPP. Por mais amigas e companheiras que sejam, as pessoas são sempre diferentes umas das outras, o que gera inevitáveis choques de interesses, quando estas convivem em um mesmo ambiente.

Durante os feriados de Carnaval, por exemplo, havia pessoas interessadas em aproveitar aqueles dias para descansar, enquanto outras queriam mais era "fazer a festa".

Muitas "baleias vivas" tive de rebocar, no sentido de levar a bom termo negociações entre os próprios associados, ou com os proprietários da área. Com isso, inevitavelmente, surgiam algumas dissidências. Como as eleições ocorriam no domingo que antecede ao feriado de Carnaval, a agitação dessas dissidências se refletia "nas urnas". Porém, por serem eleições indiretas e por existir uma unidade filosófica muito grande entre o grupo que realmente trabalhava para a AAPP e, assim, era eleito, "essas campanhas de oposição" não eram capazes de evitar a reeleição da diretoria que construiu a AAPP e, com ela, o Naturismo na Praia do Pinho.

O que essas pessoas muitas vezes não compreendiam

era a nossa rigidez de princípios, mas esqueciam-se elas de que era graças a essa rigidez que a Praia do Pinho mantinha-se respeitada dentro e fora dos seus limites geográficos.

Quanto aos nossos princípios de convivência interna, no que fosse além de nosso Código de Ética, procurávamos dar liberdade aos naturistas, para não incorrermos em radicalismos.

Num parágrafo de uma carta do professor Daniel de Brito, em 1959, podemos ver claramente esta questão:

"Sim, continuamos com o nosso grupo aqui, embora tenha sido um tanto reduzido em número de famílias que cada vez selecionamos mais, pois temos necessidade de um naturismo muito puro, sem álcool e, possivelmente, sem tabaco e carne de cadáver, para o que estamos preparando gradativamente os que ainda não estão, como deveriam estar, preparados. Não seremos extremistas como os amigos Suíços do Clube de Tielle, onde estivemos em 1957, minha mulher e eu, assim como em outros da Europa, mas temos necessidade de ser algo severos."

Como resultado da divulgação que havíamos feito no exterior, a respeito do naturismo praticado na Praia do Pinho, começaram a aparecer os primeiros turistas estrangeiros.

Tudo isso ainda era um pequeno e tardio engatinhar, pois um jornal brasileiro, vinte anos antes, já publicava, sob o título "Nudismo na praia":

"Há muita gente favorável ao nudismo. Se não houvesse, não funcionaria, como funcionam, colônias nudistas em numerosos lugares e em diversos países. Legais e ilegais. E não haveria, também, essas turmas que aproveitam qualquer oportunidade para tomar seus banhos de mar em pêlo.

Do mesmo modo, há muita gente contra o nudismo, uns por convicção, outros por religião, outros por pudor e alguns por uma questão de estética: para estes últimos só as pessoas de plástica perfeita teriam o direito de andar nuas.

Na Alemanha há numerosas colônias nudistas e nas praias onde é possível, os banhistas não usam maiôs. É o que

acontece nas praias da ilha de Sylt, no mar do Norte. Sem nenhum segredo, tanto que há estatísticas a respeito. Anualmente, funcionários do Estado fazem minuciosos relatórios sobre os hábitos balneares dos hóspedes veranistas. Esse relatório compreende, além de minuciosas informações, um gráfico em que se calcula, ano por ano, com precisão teutônica, o número de veranistas que vão às ondas do mar sem roupa. No ano de 1968 registrou-se considerável aumento: 40 por cento de aumento sobre os banhistas do ano anterior.

Todos os anos se verifica aumento, mas pequeno. Este de 1968 foi o maior já constatado num ano, até agora, o que parece indicar que daqui por diante os aumentos serão maiores."

Surpreendentemente, para nós, que havíamos baseado toda a organização da praia na nossa própria sensibilidade, as manifestações desses estrangeiros, com relação à mesma, não poderiam ter sido melhores. Alguns, que já conheciam dezenas de praias do gênero, em vários países, chegaram a afirmar que nunca haviam estado antes em uma praia de Naturismo tão bem organizada, tão agradável e com gente tão amiga. Outros chegaram a escrever, posteriormente, ao Governo do Estado de Santa Catarina, elogiando a organização da Praia do Pinho e o nosso trabalho, lá realizado. Outros, ainda, como foi o caso de alguns suíços e californianos, deram-se ao trabalho de, retornando aos seus países de origem, procurar os presidentes de suas federações nacionais, para falar-lhes sobre a Praia do Pinho.

Como resultado, federações de outros países e editores de revistas especializadas começaram a escrever, solicitando maiores informações e fotos para serem publicadas em seus países.

Que atrativo, até então, um estado como Santa Catarina, apesar de suas incontestáveis belezas naturais, poderia oferecer para turistas europeus ou americanos?

# *Capítulo XIV*

## *O Paraíso da Tartaruga*

O mês de agosto começava a se aproximar, e com ele o XXI Congresso Internacional de Naturismo, na Iugoslávia. Seria um ótimo momento para divulgarmos o nosso trabalho para o público europeu e norte-americano.

Rose e eu mantínhamos vários contatos com o presidente da SANTUR, Osmar Nunes Filho, e de duas reuniões que tive, uma no Rio de Janeiro e outra em Balneário Camboriú, juntamente com o presidente da SANTUR e o jornalista Tarlis Batista, ficou decidido que eu elaboraria um projeto, que seria levado pelo Tarlis, com endosso da SANTUR, ao presidente da EMBRATUR, João Dória Jr. A finalidade era conseguirmos passagens e ajudas de custo para a nossa participação nesse congresso.

Deu certo. Vinte dias mais tarde, tive a confirmação de que poderia apanhar duas passagens para a Iugoslávia, na EMBRATUR, das mãos do seu presidente.

Passados mais quinze dias, quando eu estava pronto a ir ao Rio para, de lá, embarcar para a Iugoslávia, faleceu o Ministro da Indústria e Comércio e João Dória Jr. colocou seu cargo à disposição e, com isso, "morreu" nossa participação no

congresso, que somente voltaria a se realizar dali a dois anos.

O projeto "Brazil Naturist", entretanto, acabou virando notícia e ocupou uma página inteira no Jornal de Santa Catarina.

No dia seguinte ao da publicação, fui procurado pelo Comendador Aloísio Camargo de Araújo, que, com o jornal nas mãos, veio me convidar a instalar a sede da FBN em suas terras, ao lado da Praia do Pinho.

Sentamos, conversamos e fomos até o local.

Mata virgem, defrontando-se com o costão de pedras que faz a encosta Norte da Praia.

Já há muito tempo, o relacionamento da diretoria da AAPP com os proprietários do restaurante e do camping à beira da praia estava abalado e isso, de certa forma, colocava em risco nossa persistência na luta pela Praia do Pinho. Por várias vezes pensamos em abandoná-la e recomeçar em outra praia deserta, aproveitando o nosso know-how.

Nossa associação já estava muito grande para continuar sobrevivendo sem um espaço físico, como escritório, biblioteca, local para reuniões, etc.

O mato que o Patrãozinho, como era mais conhecido o Comendador, estava me oferecendo representava a possibilidade de termos o nosso "quartel general", indispensável para o nosso desenvolvimento futuro. Aquele mato fechado, onde nem um cachorro teria condições de entrar, tal a quantidade de cipós e espinhos que se entrelaçavam entre as árvores, representava a possibilidade de termos um lar.

Na ponta do terreno que ficava mais próxima à praia, erguia-se um platô, trinta metros acima do mar. O suficiente para avistar, de cima, toda a Praia do Pinho, a partir de cem metros de distância, além das praias de Porto Belo, Itapema, etc.: uma das mais belas paisagens do Brasil.

Fomos a um advogado, juntamente com Antônio Camargo de Araújo, irmão do Patrãozinho, para assinarmos um contrato de Comodato.

Vislumbrando a evidente valorização que teriam suas

terras, que ao todo somavam quase trezentos mil metros quadrados, assinaram um contrato de Comodato com a FBN, de um espaço de vinte e dois mil metros quadrados. Daquela forma, ficou garantido que por mais cinco anos a capital do Naturismo no Brasil permaneceria sendo a Praia do Pinho, da qual suas terras, tal qual uma arquibancada de um campo de futebol, faziam costado.

A extensão da rede elétrica até o local ficaria por conta dos proprietários e eu tratei, imediatamente, de conseguir um projeto arquitetônico para a nossa sede no ponto mais deslumbrante dos dois hectares, dos quais já tínhamos a posse.

AAAPP não tinha recursos e a FBN muito menos: todas as despesas com viagens que eu estava realizando pela FBN estavam saindo do meu bolso. Tratei de enrolar o projeto debaixo do braço e saí à procura de auxílio para a construção.

Fui em todas as entidades administrativas possíveis e imagináveis, além de construtoras e importantes empresas da região, que teriam interesse indireto no nosso desenvolvimento, mas não consegui nada. Para não dizer nada, apenas o telhado: uma promessa do Mazoca.

Teria de reformular meus planos e não havia tempo. Já estávamos entrando em setembro e era muito importante que já tivéssemos alguma coisa funcionando na temporada, em dezembro. Ao mesmo tempo, para efetivar o projeto, teria de morar no local. Sozinho, entretanto, seria impraticável.

Dois companheiros, o Zafa e o Paulo, deixaram-me na expectativa, se viriam ou não comigo. O tempo passava e eles não se posicionavam.

Resolvi que teria que montar uma sociedade com fins lucrativos, para arrecadar recursos e construir um mínimo de infra-estrutura necessária. Fui novamente a São Paulo, para outra reunião da SP-Nat, e, lá, consegui dois sócios para montar uma empresa, que batizei de NATURIS. Roberto Lion e Roberto Pelegrini seriam meus sócios. Cada um entraria com um terço do capital necessário. Em outubro eu iria morar no mato, que já tinha nome: Paraíso da Tartaruga, e começaria a

construção de um banheiro, camping e dez cabanas rústicas.

Roberto Lion, logo após a temporada, em março, viria morar em Balneário Camboriú, onde gerenciaria a agência de turismo da Naturis, e o Pelegrini, advogado, cuidaria da parte legal da empresa, gerenciando cruzeiros naturistas, em saveiros, pelo litoral paulista.

Enquanto estava em São Paulo, Tarlis Batista fez contato comigo, pois queria fazer uma reportagem sobre o Naturismo, já lançando outras áreas no Brasil.

Combinei a reportagem para dali a alguns dias, quando nos encontraríamos em Porto Alegre. O prefeito de Capão da Canoa, Egon Birlen, estava fazendo propaganda sobre o lançamento de uma ilha na lagoa dos Quadros para a prática do Naturismo e começaríamos a reportagem por lá, terminando em São Paulo, num cruzeiro naturista promovido pela Naturis.

A "ilha de nudismo" de Capão da Canoa já havia sido lançada em revistas como a Playboy.

Eu sabia, porém, que lá não existia nada de concreto, pois um posseiro tomara conta da ilha e não deixava ninguém desembarcar.

Telefonei para Capão da Canoa e falei com o Secretário de Turismo. Disse-lhe que alugasse um barco e fosse até a ilha para verificar as reais condições, pois dali a uma semana estaria chegando lá com a equipe de reportagem da revista Manchete e vários naturistas, para dar credibilidade ao que eles estavam anunciando e começar, definitivamente, a prática do Naturismo naquele local.

Quando cheguei a Porto Alegre, telefonei novamente para Capão da Canoa e o secretário Becker contou-me que não havia sequer conseguido desembarcar na ilha: o posseiro, armado de espingarda e acompanhado de dois enormes cães, o impediu.

Era uma terça-feira, dia útil. Não consegui ninguém em Porto Alegre que pudesse viajar cem quilômetros no dia seguinte, quando chegaria o pessoal da Manchete para fazer as fotos.

Resolvi, na última hora, mudar o local da reportagem para a praia de Cidreira, que eu já conhecia bem. Próximo a essa praia está uma área composta por dezenas de quilômetros quadrados de dunas, de areia branca, que entesta para uma linda lagoa de águas cristalinas: um local lindo e deserto.

De nada adiantaria, entretanto, tentar lançar uma área de Naturismo mostrando apenas uma paisagem deserta. Precisava de pessoas para fotografar.

No fundo da minha agenda de telefones de naturistas ainda havia mais um número que não tinha tentado. Estava escrito: "Paula - Bip: 0R5".

Liguei para aquela central de recados e fiquei aguardando o telefone tocar.

Quinze minutos mais e fui chamado ao telefone. Era uma voz desconhecida, feminina, aparentava um sotaque carioca e foi logo me perguntando sobre a Praia do Pinho.

Mesmo sem ligar o nome à pessoa, expliquei a razão do meu telefonema, esperando mais uma resposta evasiva, mas...

- Claro! Posso ir, sim - respondeu ela.

No dia seguinte, juntamente com Tarlis Batista e a fotógrafa Cristiana Isidoro, alugamos um carro e, às sete da manhã, passamos no local que havia combinado com ela.

Um pouco menos de um metro e sessenta, loira, cabelo raspado na nuca como cadete, olhos azuis e um jeito muito expressivo de falar, Paula entrou no carro e rumamos para Cidreira.

Caminhamos alguns minutos pelas dunas e fizemos várias fotos à beira da Lagoa.

Executado o trabalho fotográfico, fomos à procura do prefeito, recém-eleito, Carniel Wagner, que já era meu conhecido, do tempo em que eu veraneava naquela praia.

Ao chegarmos na prefeitura, fomos informados que ele estava em Porto Alegre, na Assembléia Legislativa.

Entramos no carro e voltamos para Porto Alegre.

Durante a viagem, Paula e eu conversávamos. Contei a ela que tinha conseguido uma linda área ao lado da Praia do

Pinho e que já havia iniciado a construção de banheiros e cabanas. Ela me contou que já havia sido proprietária de um restaurante de comida natural em Curitiba.

No dia seguinte, cinco horas da madrugada, apanhei a Paula, com uma mochila e duas sacolas, e pegamos a BR 101 rumo à Praia do Pinho, ao Paraíso da Tartaruga, onde passaríamos a morar. Eu, construindo a sede da FBN, e ela, montando um restaurante.

Naquele dia, ainda mantive contato com os proprietários da praia de Taquarinhas, a dois quilômetros da Praia do Pinho, para lançá-la, já naquela reportagem, como mais um local de expansão futura do Naturismo.

Mudei meus planos e deixei que Tarlis e Cristiana fossem para São Paulo, encontrar-se com o pessoal da SP-Nat, sem a minha companhia.

Já era noite, quando Paula e eu fomos até a casa da Rose, em Balneário Camboriú, onde peguei um colchonete e alguns lençóis. Depois, compramos uns peixes, uma lanterna e fomos para o Paraíso da Tartaruga.

Noite escura. No meio do mato, até onde era possível ir de carro, fomos. Desliguei os faróis, peguei o colchonete, Paula, os peixes, e a lanterna nos iluminou o caminho para dentro de uma picada sinuosa, que conduzia ao local onde estavam construindo os banheiros.

Havia um pequeno barraco, de nove metros quadrados, feito de cascas de árvores, onde estava depositado o material de construção: sacos de cimento, carrinho de mão, pás, enxadas, ferramentas diversas.

O chão estava completamente sujo de areia e cimento. Acendi uma vela e, na penumbra, afastei os sacos de cimento para um canto, o carrinho de mão sobre eles, e sobrou o justo espaço para colocar o colchão. Não tínhamos vassoura. Paula pegou um lençol e o colocou sobre o chão, e, em cima deste, o colchonete.

Amarrei uma rede entre as árvores à frente do barraco, acendi uma pequena fogueira no chão e comecei a fazer espetos

de madeira para assar os peixes.

A sensação de que havia reconquistado o sonho dos náufragos na ilha deserta era fantástica e inebriante.

A temperatura agradável daquela noite de 9 de dezembro de 1988 e o fogo atraindo os vaga-lumes ao seu redor faziam do romantismo um sonho real.

O sabor da aventura que estava começando era o de um renascer para a vida: descobrir que tão pouco pode ser mais do que suficiente para a felicidade.

O dia seguinte amanheceu abruptamente: os pedreiros, que estavam trabalhando na construção do banheiro, vieram pegar as ferramentas e, quando abriram a porta do barraco, viram dois corpos nus sobre um colchonete: saíram correndo assustados.

Levantei e me espreguicei. Fui até eles e acalmei-os alertando que era bom começarem a se acostumar com a visão de pessoas nuas por ali.

A parte dos recursos que me cabia investir, já tinha gasto.

Liguei para São Paulo, para pedir remessas de dinheiro dos dois outros sócios da Naturis. Roberto Pelegrini desistiu do negócio. Roberto Lion mandou um terço da parte que lhe cabia e, dois dias depois, sua esposa telefonou para que eu mandasse o dinheiro de volta.

Não me cabia mais recuar.

AAAPP tinha alguns recursos e os utilizei para acabar a construção dos banheiros. Passei a exploração do camping para a AAPP e "engavetei" a idéia da Naturis.

Comecei a limpeza do mato. Sem luz elétrica e sem banheiro, Paula e eu montamos uma barraca e nos mudamos para ela. Transformei o pequeno barraco em escritório da AAPP e da FBN.

De uma nascente, que ficava a uns trezentos metros do local, puxei uma mangueira pelo mato. Assim, tínhamos água para cozinhar e, com alguma dificuldade, tomar banho, pois ora a água vinha, ora não.

O WC era no mato, mesmo.

Alguns dias mais tarde, instalei uma caixa de descarga, presa a uma árvore e, na saída, adaptei um chuveiro de plástico. Pela tampa, enfiei a mangueira que vinha da nascente, que ficava enchendo a caixa. Na hora do banho, era só puxar a cordinha e a água saía pelo chuveiro.

Instalei um assento de WC sobre um buraco, no mato, e, assim, começou a funcionar o nosso camping.

Vinte dias depois, em primeiro de janeiro de 1989, estava pronto o banheiro: que conforto!

Paula trabalhava direto na praia, vendendo adesivos da FBN, para tentar cobrir os cheques dos credores que eu não conseguia "empurrar com a barriga".

Elmo, que também veio morar no Paraíso, cuidava, diariamente, da portaria da praia.

E, assim, fomos levando aquela temporada 88/89.

Dois meses antes dessa temporada, eu havia viajado a Buenos Aires, levando material fotográfico sobre a Praia do Pinho, e realizei algumas reportagens em jornais e importantes revistas da Argentina. Fruto desse trabalho, vários turistas argentinos começaram a vir à Praia do Pinho.

Na mesma oportunidade, aproveitei para fazer uma reunião com os naturistas "portenhos".

Naquela reunião, estiveram presentes antigos sócios da PANDA - Primera Asociación Naturo Desnudista Argentina, fundada em 1934, que durou até meados da década de 80.

Discutimos a possibilidade de reconstrução da PANDA, que, inclusive, dispunha de uma área para a prática do Naturismo, nas proximidades do rio Tigre.

Um dos argentinos presentes à reunião informou haver mantido contato com o prefeito de um município próximo a Mar del Plata, que estava disposto a destinar o canto de uma praia, em seu município.

No final da reunião, optou-se pela criação de uma nova organização, cujo nome ficou definido como CAN - Club Argentino de Naturismo, mais tarde rebatizado com a sigla

NAT.

Três anos depois, recebi a visita dos amigos Fernando Griecco e Jorge Biagosch, trazendo-me notícias e fotos do club que Jorge estava construindo em um terreno de sua propriedade, tendo como vizinho Christian Vogt, antigo batalhador pelo Naturismo na Argentina.

A temporada 1988/89 marcou a história da Praia do Pinho por termos, finalmente, conseguido a proteção da Polícia Militar para nossa praia.

Foi a conquista de uma luta de anos, nos meios políticos e administrativos do Estado de Santa Catarina, que, por fim, colocou-nos em destaque no cenário internacional, pois são poucas as praias de Naturismo no mundo que gozam de proteção policial. Da mesma polícia que, em 1986, realizou uma "grande operação" para prender os naturistas.

Depois disso fui convidado para participar de um programa de debates, na Rede Bandeirantes de Televisão, chamado Canal Livre.

O programa enfocava o Naturismo e foram convidados um delegado de polícia, um pastor da Assembléia de Deus, o presidente da SANTUR e eu.

- ...Eu não aceito, de maneira nenhuma! - exclamou o pastor, já no ar, quando ficou sabendo do que se trataria o programa. - Isso é uma pouca-vergonha! Já no paraíso, Deus chamou por Adão: "Adão, onde estás? Eva, onde estás?". A que Adão respondeu: "Estou escondido, Senhor, porque pequei." Eles ficaram com vergonha, pois comeram a fruta proibida.

Pegando a deixa do pastor, tomei a palavra e questionei o delegado:

- Concordo, senhor pastor, que Adão e Eva deveriam ter vergonha ao desobedecer a Deus. Pergunto, entretanto, ao Delegado Caliri: Se meu avô, há cinqüenta anos atrás, tivesse cometido um crime, como seu neto, até hoje eu estaria preso?

- De forma nenhuma - afirmou o delegado. - As penalidades não se transmitem aos sucessores.

Lá pelas tantas, o próprio Delegado Caliri confirmou

que conhecia a Praia do Pinho e até afirmou que "não conhecia nenhuma outra praia onde houvesse tanto respeito quanto na Praia do Pinho".

O programa teve duração de uma hora e conseguimos uma grande participação dos telespectadores que, a todo momento, telefonavam para nos apoiar.

A revista Playboy também veio fazer uma reportagem na praia. O repórter ficou encantado, pois, na ocasião, Cris, nossa professora de ginástica aeróbica, estava ministrando aulas com uma grande participação de homens, mulheres e crianças, o que formava um lindo espetáculo na beira da praia.

Outro evento que logo tornou-se tradicional foi a Gincana de Páscoa da AAPP, sempre com tarefas originais e com as equipes disputando provas de hilariante efeito visual na praia, o que estimulava a participação de todos.

Numa dessas gincanas, ocorreu um fato inesperado e tremendamente desagradável.

Sempre foi difícil solucionar os problemas relativos às fotografias que os naturistas desejavam nesses eventos. Era uma questão muito delicada.

Para resolver a questão, convidei dois associados para que, como "Fotógrafos Oficiais da AAPP", documentassem a gincana. Assim, posteriormente, faríamos a seleção das fotos, excluindo aquelas nas quais figurassem pessoas que não desejassem ser fotografadas, e forneceríamos aos associados.

Tudo bem, e a gincana transcorreu normalmente.

Para minha surpresa, no final da gincana, os dois fotógrafos foram embora, negando-se a entregar os filmes para a AAPP.

Como eram nossos amigos, deixei que fossem, para esfriar os ânimos, e, dias depois, voltei a procurá-los. O assunto era de extrema gravidade e a responsabilidade toda nossa.

Um dos voluntários, uma moça, entregou todo o material a um fotógrafo profissional com quem vivia. Fui, então, negociar com ele a recuperação dos negativos. Apesar de ele não estar interessado em devolver os filmes, insisti. Pediu-

me um preço altíssimo para me entregar os negativos. Paguei e fui embora, com a metade do problema resolvido.

O outro voluntário, alegando questões pessoais e distribuindo cartas caluniosas contra mim, dificultou durante meses a situação, que ficou muito tensa e quase foi parar na Justiça.

Finalmente, através da mediação de dois casais, sócios da AAPP, conseguimos com que ele destruísse todos os negativos na presença dos mesmos, dos quais consegui receber o material danificado.

Uma das maiores lições que aprendi nesse processo, trabalhando voluntariamente para a realização de um sonho coletivo, foi a de nada esperar daqueles que se aproximam, entusiasmados, querendo ajudar. A grande maioria das pessoas têm simpatia pelo nosso trabalho, e até gostariam de participar; porém, nas primeiras dificuldades se afastam, pois não estão firmemente determinadas ou comprometidas com os objetivos comuns.

Num artigo/desabafo que escrevi para o informativo da UAN - União de Amigos Naturistas, no Paraná, no final de 1990, contei da seguinte forma o surgimento de PinhoÉ, uma modesta revista interna de naturismo que Paula e eu começamos a editar desde que nos mudamos para o Paraíso da Tartaruga, sob o título "Vamos dar as mãos":

"Acabo de ler o informativo da UAN, nov/dez 90, o número 1.

Lembro quando a Paula e eu elaboramos o primeiro PinhoÉ, no meio do mato, debaixo de chuva. Não havia paredes e o vento levava os papéis para o chão. A máquina de escrever, portátil, já um tanto enferrujada, não colaborava: trancava as letras e não dava espaços. Molho de macarrão caía sobre as folhas matrizes, pois a redação e a edição eram, também, a nossa cozinha e refeitório.

A AAPP não tinha dinheiro e tínhamos de bancar os custos de xerox com nossos próprios recursos: duzentos exemplares, mais envelopes e selos. Fazíamos tudo com

entusiasmo e confiança de que era um trabalho muito importante para o Naturismo, enquanto veículo de idéias e de manutenção da chama naturista no peito de todos.

Saído o primeiro número, escutamos, calados, as críticas e as insinuações de que era 'fogo de palha'. Poucos elogios e quase nenhum apoio.

Certamente, uma elevada percentagem de iniciativas como essa morrem após o 'primeiro grito'. Os idealizadores e pioneiros incorrem geralmente no mesmo erro: achar que todos que lhes cercam têm o mesmo espírito cooperativo e que, em função disso, vão engajar-se com entusiasmo na empreitada, que é para o bem de todos. Desiludidos após as primeiras críticas e surpresos com a omissão geral, deixam-se vencer e seu espírito de luta se esvai, dando lugar à frustração do sonho abortado pela falta de apoio.

Hoje, o PinhoÉ já é um consagrado veículo de idéias naturistas. Todas as nossas edições recebem a colaboração dos nossos associados, geram debates e até controvérsias; estimulam as pessoas a pensar, raciocinar e se posicionar. Hoje, o PinhoÉ não é só um retrato do que acontece. Ele faz acontecer.

Aos leitores do informativo da UAN, lembro que a responsabilidade pela continuidade é tanto deles, quanto dos editores. Se não houver apoio e colaboração dos leitores, por mais forte que seja a persistência dos editores, não vingará.

Todos DEVEM colaborar. No teatro da vida, você tem de sair da platéia e subir ao palco para PARTICIPAR. Quem tem medo de errar ou ser mal julgado e, por isso, apenas assiste ao espetáculo dos que FAZEM ACONTECER, corre o risco de chegar 'do outro lado' com as mãos vazias, a cabeça baixa, o queixo caído, os pés arrastando e o coração lacrado, como uma garrafa de vinho, que azedou sem jamais ter sido aberta.

Desculpem a dureza de minhas palavras, mas descubram nelas as cicatrizes de alguém que muito lutou por um ideal, colocando seus interesses pessoais sempre em segundo plano, e que, cada vez mais, acredita que seu trabalho

não foi em vão.
Parabéns à UAN por ter ingressado nessa luta. Vamos dar as mãos!"

# *Capítulo XV*

## *Cobras e Lagartos*

Cobras e lagartos. Enfrentamos de tudo para desbravar o Paraíso da Tartaruga.

Os primeiros seis meses em que moramos na nossa barraca foram, talvez, o período mais chuvoso dos últimos anos na região. Nossa barraca ficava à sombra das árvores, com uma drenagem mal feita, toda a chuva que caía inundava nosso quarto e sala. Molhava o colchão, o cobertor, os lençóis. Não dava tempo suficiente de secar tudo e já vinha outra chuva.

A barraca toda cheirava a mofo.

Em janeiro, resolvemos ter um filho. Paula foi ao médico e retirou o DIU. No mês seguinte estava grávida.

Moramos até junho naquela barraca mofada e apodrecendo, com mais duas gatas, Lucy e July, e a Paula grávida de quatro meses.

Essa é uma questão interessante: ter um filho. Eu já havia sido casado com outra pessoa, por vários anos, sem nunca ter sentido segurança suficiente para ter filhos. Paula idem.

De repente, morando no extremo desconforto, desempregados, sem nenhuma segurança quanto ao futuro,

resolvemos ter um filho.

Paula e eu tínhamos duas histórias de vida completamente diferentes. Até decidir morar na Praia do Pinho, eu era um "almofadinha da cidade", executivo, diretor de empresa: o filho exemplar.

Paula, o oposto. Rebelde, saiu de casa ainda garota, acreditando que sabia tudo da vida, viajando sozinha de carona pela América Latina, aos 17 anos. Deixou para trás uma vida confortável, de uma família bem situada socialmente, para ganhar o mundo.

Quando a conheci, no dia em que fomos fazer a reportagem da Manchete, era quase uma punk, com roupas rasgadas, cabelo raspado, pintado de branco, luvas de couro e tudo o mais.

Dentre outros bicos, produzia bandas de rock e vivia mais à noite do que de dia.

Tanto ela quanto eu já havíamos passado por outras relações, sem jamais pensar em ter filhos, em função da definitiva responsabilidade que isso gera.

Eu mesmo tinha saído de um casamento de seis anos e agora olhava para aquela mulher com quem estava há menos de um mês, com quem nem sequer pensava em namorar, e, no entanto, escutava uma voz interior que dizia: "Essa é a pessoa que me transmite confiança para ser a mãe dos meus filhos".

Na verdade, minha vida toda mudou a partir do momento em que fui morar naquele mato. Não era somente pela Paula, ou por ter deixado o emprego que não mais me satisfazia, ou por estar morando num lugar lindo e selvagem. Minha intuição gritava tão alto, que era quase impossível não a compreender: eu estava, finalmente, trilhando o meu caminho.

Todo o meu passado começava a ficar cada vez mais distante. Era quase como uma estória que alguém tinha me contado e não que eu tivesse realmente vivido. Todos aqueles anos, afastado do meu verdadeiro rumo, o qual, agora percebia, estava definitivamente balizado, pareciam ser a vida de uma outra pessoa.

A palavra insegurança já não fazia sentido aos meus ouvidos. O futuro já não me preocupava mais, pois o momento presente era completo. Quando a gente encontra o rumo para o qual foi projetado desde que nasceu, o futuro transforma-se apenas na seqüência natural dos dias. O futuro deixa de ser a promessa de uma felicidade que não estamos vivendo hoje.

A partir daí, a idéia de ter um filho passa a ser apenas uma conseqüência lógica, fruto do chamado instinto da natureza. O conforto passa a ser detalhe; aliás, um detalhe gelado, principalmente na hora do banho.

Era difícil entrar no chuveiro:

- Um, dois e... Um, dois e... três, quatro...

Sair era bem mais fácil.

Às vezes, saíamos para fazer compras e voltávamos à noite - a lanterna era sempre esquecida. Eu estacionava o carro na entrada do mato e, quando apagava os faróis - breu, escuridão total.

O caminho que levava até nossa barraca serpenteava por dentro do mato, entre as árvores, por uma distância de cinqüenta ou sessenta metros.

Descia do carro, tirava os sapatos, segurava a mão da Paula com a mão esquerda e punha o braço direito à frente do rosto para não me machucar contra os galhos. No escuro total, tentava lembrar o caminho, tateando com os pés descalços e avaliando as distâncias, até achar a barraca. Uma vez nela, tateava à procura do lampião a querosene e da caixa de fósforos.

Numa noite de calor, eu estava dormindo sem lençol, quando, repentinamente, acordei com alguma coisa subindo pela minha perna. Era uma aranha, e das grandes. Somente consegui compreender o que estava acontecendo quando ela já estava na altura da minha coxa direita e vinha subindo rapidamente pelo meu corpo nu.

A sensação desagradável que uma situação dessas proporciona, no escuro total, dentro de um apertado quarto de barraca, é inimaginável.

Tentei afastá-la rapidamente, com as mãos, enquanto pulava para encontrar o feixo da barraca e procurar alguma luz.

Enquanto isso, Paula estava às gargalhadas. Não sei se gozando da minha cara ou de nervosa, pois a aranha ainda estava sobre o nosso colchão, em algum lugar no escuro. Eu tateava, desesperadamente, à procura do lampião e da caixa de fósforos. Nessas horas, a lanterna está sempre perdida ou estragada.

Depois de muito custo, consegui acender o lampião e achar a aranha: era grande mesmo.

Fechei a barraca e tentei voltar a dormir, mas fiquei sentindo arrepios até amanhecer o dia.

Noutra ocasião, a situação foi realmente engraçada: eu estava com as duas mãos ocupadas, tentando abrir a porta do barraco, que era nosso escritório. Não percebi que havia uma perereca grudada no cadeado. Quando mexi na porta, ela pulou contra mim e agarrou-se no meu pênis. Essa dá para imaginar: eu rebolando para um lado e para outro, com as mãos ocupadas, tentando me livrar do gelado "abraço" de uma perereca.

Cobras corais, urutus, jararacas, jararacuçus, lagartos enormes, quatis, gambás, capivaras, gatos do mato, faziam parte do nosso dia-a-dia.

Outro animalzinho silvestre que sempre vinha nos visitar, à noite, era a catita. Um marsupial de mão pelada, pêlo claro, parecido com um rato grande, porém de rabo branco e olhos enormes. Muito desastrado e lerdo. Caminhava pelo meio das coisas da cozinha, derrubando tudo. Manso, fácil de pegar com a mão e colocá-lo para fora, de volta para as árvores.

Com a idéia de capturar vivas algumas cobras venenosas e, em troca delas, conseguir um pouco de soro antiofídico, construí uma pequena haste, de um metro de comprimento, adaptada com um pedaço de fio que armava uma alça na ponta da haste.

Certa tarde, a Rose me chamou, pois havia uma cobra no telhado do albergue. Peguei meu "equipamento" e fui para

lá.

Por dentro de um orifício no telhado, pelo qual passava uma árvore, que foi poupada pela construção, dava para avistar a cabeça da tal cobra. Estiquei o braço esquerdo, erguendo a haste com o laço na ponta, para, cuidadosamente, envolver a cabeça da cobra, enquanto, com a mão direita, estava pronto a puxar o fio que a prenderia.

Por um momento, hesitei, pois a cobra não estava no chão e, sim, sobre a minha cabeça e também porque podia apenas ver sua cabeça, sem poder avaliar o seu tamanho.

- Vai, Celso! Puxa! - exclamou Rose, vendo que o pescoço da cobra já estava envolto pelo laço.

Minhas pernas começaram a tremer, mas puxei forte o fio, prendendo a cobra, que começou a se contorcer em cima do telhado e, enrolando-se pela haste, que eu ainda segurava erguida, aproximava-se cada vez mais de mim.

Com uma mão segurando a haste e a outra a ponta do laço, estava sem ação, com ambas as mãos ocupadas, enquanto a cobra continuava saindo do buraco no telhado. Seu corpo envolveu toda a haste e enrolou-se pelo meu braço direito, ficando com a ponta do rabo estalando em nervosas chicotadas contra o meu rosto.

Depois de morta, tirei-lhe o couro de três metros de comprimento, para enfeitar a parede da sala.

Noutra ocasião, quando estava saindo do Paraíso da Tartaruga, dando a ré no carro, vi, pelo espelho retrovisor, uma enorme cobra coral atravessando a rua. Tentei mirar o pneu do carro em cima dela mas não tive sucesso. Num ato reflexo, saltei do carro, enquanto ela tentava fugir, embrenhando-se por uma espessa touceira.

Percorri com os olhos a área ao redor e, não encontrando nenhum pedaço de pau que pudesse usar, pulei, instintivamente, para cima da cobra, da qual ainda restava mais de meio metro da cauda para fora da touceira, e agarrei-lhe o rabo com as duas mãos.

- Larga esse bicho! Larga esse bicho! - gritava a Paula,

apavorada, de dentro do carro.

Eu segurava o rabo da cobra com toda força e ela, enroscada na touceira, tentava vir na minha direção e não conseguia, pois cobra não anda para atrás. Àquelas alturas, eu já estava com medo de soltar a cobra que, com a cauda livre, poderia partir para cima de mim.

Por fim, ela conseguiu escorregar das minhas mãos e, por sorte, fugiu para o outro lado.

Por ser uma área cheia de turistas e crianças, nunca dei ouvido às críticas dos ecologistas, quanto a matar cobras venenosas. Para mim, a segurança das pessoas vem em primeiro lugar.

# *Capítulo XVI*

# *CONGRENAT: Um Desafio.*

Na temporada de 89, surgiu mais uma luz de entusiasmo no Movimento Naturista Brasileiro: Sérgio Oliveira. Carioca, cabelos grisalhos e pele morena, Sérgio encampou logo nosso ideal. Arrojo e determinação, qualidades típicas de um militar que esteve comandando na campanha, o qualificavam para organizar uma possível associação no Rio de Janeiro. Incansável, paciente, diplomático e idealista, passava todos os dias de suas férias trabalhando na portaria da Praia do Pinho, recebendo turistas e curiosos.

Conversamos, por longos períodos, e ele assumiu a idéia de organizar a Rio-Nat. Passei-lhe todos os nomes e endereços de naturistas cariocas que figuravam nos arquivos da Federação e fiquei na esperança de que algum ramo brotasse daquela semente.

Alguns dias mais tarde, ele retornou do Rio com uma proposta de estatutos para a associação e já tendo mantido contatos com vários naturistas. Revisamos os estatutos e ele voltou ao Rio, "com força total".

Passados pouco mais de trinta dias, eu já estava recebendo notícias do bom andamento da Rio-Nat.

Um mês antes do feriado de sete de setembro de 1989, Paula, Rose e eu resolvemos realizar algum evento para aquela data.

Pensamos, discutimos e resolvemos organizar o CONGRENAT - Congresso Brasileiro de Naturismo. Era uma idéia arrojada para ser executada num período tão curto, mas como estávamos decididos, imediatamente pusemos mãos à obra.

Não dispúnhamos de um local, em nossa sede, que pudesse abrigar um grande contingente de pessoas. A área do Paraíso da Tartaruga não dispunha de nenhum local plano com tamanho suficiente para colocarmos cem cadeiras, pois todos os vinte e dois mil metros quadrados estavam na encosta do morro.

Resolvi cavar e fazer um platô defronte ao novo prédio de escritórios que havia construído, em madeira rústica.

Precisava terraplenar uma área de, pelo menos, cem metros quadrados, sobre a qual, em caso de chuva, poderia colocar toldos presos às árvores.

Picareta, pá e carro de mão, comecei a cavar e carregar a terra, escorando-a com tocos e galhos, contra as árvores.

Paula e Rose providenciavam o resto: elaboração de convites, programas, palestrantes, autoridades e convidados, imprensa, patrocínio, cadeiras, etc.

Sem descanso e praticamente sem ajuda, fiquei cavando e transportando terra durante vinte e oito dias, de sol a sol. Ao final, poucos dias antes do congresso, dei-me ao trabalho de calcular o que havia feito: cento e vinte mil golpes de picareta, oitenta mil pás de terra despejadas sobre quatro mil carrinhos-de-mão, empurrados por uma distância equivalente a vinte e quatro quilômetros!

A expectativa da imprensa era grande, pois vislumbravam a possibilidade de fotografar, lado a lado, pessoas nuas e autoridades estaduais e municipais convidadas.

Tratamos de aproveitar o momento para conseguir a

extensão da rede elétrica até a nossa sede. Foi um árduo trabalho político e somente conseguimos a resposta quando, trinta horas antes da abertura do congresso, chegaram os caminhões da companhia de energia elétrica. Seus homens realizaram o trabalho tipo "SWAT" para colocar postes e puxar fios por uma distância de mais de quatrocentos metros, instalar transformador, etc.

Mal terminaram o trabalho, começou a chover. Chover... Chover... Choveu a noite inteira e o dia da abertura do CONGRENAT amanheceu chovendo.

A estrada não dava mais acesso para automóveis.

A chuva rompeu nosso reservatório de água e tive de ir consertá-lo, poucas horas antes da abertura do congresso.

Tanto naturistas quanto convidados e imprensa chegavam ao pé do morro, com seus carros, não conseguiam subir, davam a volta e iam embora.

"O que fazer?" - pensei.

O Mazoca havia oferecido o auditório da SANTUR para a realização do congresso. Seria a única saída ou... cancelar.

Fugir da raia nunca foi característica nossa e não ia ser naquela hora, quando estávamos prestes a conseguir a atenção da imprensa e das autoridades para o fato de que o Naturismo não é apenas ficar pelado na praia.

Conversei com a Paula e com a Rose e transferimos o congresso para o auditório da SANTUR, sem adiar o horário de início dos trabalhos.

Corri até as rádios para largar a informação no ar, a todo minuto, de que o CONGRENAT seria realizado na SANTUR e não mais na sede da FBN/AAPP. Era a única maneira de tentar trazer de volta os turistas que já haviam se dispersado, como um ônibus da Rio-Nat, cujos ocupantes, impossibilitados de subir ao Paraíso da Tartaruga, tinham ido passear em Blumenau.

Fomos para o auditório e começamos a reorganizar tudo: bandeiras, faixas, crachás, etc.

Trinta minutos antes do horário marcado para a

solenidade de abertura, não havia praticamente ninguém no local, apenas nosso pequeno grupo, dando os retoques finais no auditório. Enquanto isso, eu tentava manter a atenção de alguns repórteres de televisão e jornais, dando entrevistas a respeito das finalidades do nosso congresso e dos objetivos do Movimento Naturista Brasileiro.

O desânimo da nossa equipe era visível e começaram a me sugerir que adiasse o CONGRENAT para outra ocasião.

- Nada de adiamento! Vou abrir este congresso nem que fique sozinho falando na mesa - garanti.

Continuava chovendo forte.

Mais alguns minutos, chegou o presidente da SANTUR. Depois, o representante da Polícia Militar, o prefeito Leonel Pavan, o Vice-Prefeito, o Secretário de Turismo. Mais repórteres de revistas e jornais. Nada de Naturistas. Chegou o Secretário da Indústria, do Comércio e do Turismo do Estado, representando o Governador.

Era hora de começar.

Pedi a J. Daires, que faria o papel de mestre-de-cerimônias, que fosse ao microfone e convidasse as autoridades para compor a mesa. Até que a última autoridade tomou seu lugar, já havia vinte ou trinta pessoas no auditório. Na maioria, jornalistas e convidados. Peguei o microfone, saudei as autoridades e declarei aberto o I CONGRENAT - Congresso Brasileiro de Naturismo. Li os telegramas enviados pelo Governador e pelos candidatos à Presidência da República e passei a palavra às autoridades convidadas.

Estava dado o passo que assegurava, pelo menos, uma grande conquista: em nenhuma época, em nenhum outro local do mundo, um congresso de Naturismo havia reunido tal rol de autoridades em sua solenidade de abertura. O resto, que viesse, era lucro.

O CONGRENAT duraria mais dois dias, e, aos poucos, foram chegando os palestrantes, mais turistas, o ônibus da Rio-Nat e, no fim, foi um sucesso.

Naquele feriado de sete de setembro, Tarlis Batista

chegou do Rio de Janeiro, acompanhado de uma numerosa equipe de reportagem da TV e da revista Manchete. Haviam programado uma grande reportagem, com filmagens aéreas, por barco e tudo mais. A chuva frustrou as expectativas e, mesmo com mau tempo, tentaram realizar a reportagem. Tarlis havia me dito que a matéria destinava-se a um programa de grande audiência e bom nível, tipo Globo Repórter.

O apresentador do programa, entretanto, bem "afetado" e fazendo perguntas bobas, somente voltadas ao sexo, não condizia com o que Tarlis havia me informado.

Fiquei muito preocupado com os rumos que tomaria a reportagem e pedi ao Tarlis que, quando da edição da matéria, no Rio, a acompanhasse, pois eu não dispunha de recursos para viajar.

- Eu também estou preocupado, Celso. Podes confiar em mim, que eu vou acompanhar tudo até o final - disse ele.

Numa outra conversa que tivemos, na cozinha da minha casa, Tarlis perguntou o que eu acharia de ele fazer alguma menção, na reportagem que sairia na revista Manchete, sobre o Mário, dono do prostíbulo que havia cedido os figurantes para a primeira reportagem sobre o Pinho, em 1984.

- Nem pensar, Tarlis! - cortei logo o assunto. - Passamos cinco anos trabalhando para retirar o mau efeito que aquelas fotos causaram sobre a comunidade, comprometendo-nos com a imagem das prostitutas. Colocar o Mario's House nesta reportagem seria pôr tudo a perder!

Ele concordou.

Passados alguns dias, ainda não refeito do stress e da extrema tensão vividos nos dias do CONGRENAT, fui informado que a reportagem da TV Manchete sobre a Praia do Pinho tinha ido ao ar. Como não conseguimos captar os sinais dessa emissora no Paraíso da Tartaruga, fui até a casa dos amigos Domingos e Dalva, que haviam gravado a reportagem, para assisti-la.

No meio de um programa de baixíssimo nível, entre duas outras reportagens enfocando temas como trocas de casais, violência sexual e prostituição infantil, saiu a reportagem sobre o I CONGRENAT.

Das duas entrevistas que dei, na ocasião, uma tendo a mesa das autoridades ao fundo e outra defronte ao escritório da FBN/AAPP, ambas com vários minutos de duração, editaram apenas dois segundos, durante os quais nem dava para entender a que eu estava me referindo. Por outro lado, durante um bom tempo, aparecia a Ivone, dona do restaurante, falando: "...é, os homens ficam 'exitados', mas isso é normal... faz parte do Naturismo...", dando a entender que a Praia do Pinho é um local onde os homens caminham para lá e para cá, de pênis ereto, exibindo suas qualidades.

Todo o resto da reportagem foi nesse nível, com exceção dos pronunciamentos do Paulo e da Rose, que souberam contornar as perguntas maldosas do repórter, mas que, por terem um bom "visual", foram ao ar.

Indignado, revoltado, sentindo-me fulminantemente traído, saí da casa do Domingos, para retornar ao Paraíso da Tartaruga. No caminho, passei por uma banca de revistas e comprei a Manchete, que já anunciava na capa o "Boom do Naturismo".

Ainda dentro do carro, folheei a revista e me deparei com duas fotos grandes, de igual tamanho: uma da mesa de abertura do CONGRENAT, com todas as autoridades, e outra, logo abaixo, com o dono do prostíbulo, vestindo um turbante e sendo abanado por um escravo, portando um enorme leque de plumas e rodeado de prostitutas.

Parei no primeiro telefone público que encontrei e liguei para a Manchete. Tarlis não estava. Nem sei quem estava ao telefone, mas não pude conter meu desabafo.

Quando cheguei em casa, já não estava me sentindo bem. Tremores, fotofobia, febre, etc.

Dois dias depois, estava internado no hospital de Balneário Camboriú. Paula, com oito meses de gravidez,

começava a ter sintomas de parto.

Do hospital de Camboriú, fui transferido para Porto Alegre, onde um extenso rol de exames não constatava nada. Diagnóstico: estafa psíquico-emocional.

Tivemos de esperar o Gabriel nascer para, quinze dias depois, voltar ao Paraíso da Tartaruga, que recebeu, com muito sol, seu mais novo morador.

Enquanto estivemos fora, o Zig ficou morando no Paraíso: dois meses. Tempo suficiente para apaixonar-se pelo local e começar a fazer planos de morar definitivamente na sede da FBN/AAPP.

Quando da realização do CONGRENAT, recebi a visita do prefeito Aluísio Régis, do município de Conde, na Paraíba. Ele estava há anos acompanhando a história da Praia do Pinho, através de revistas e jornais, e estava disposto a organizar uma praia, em seu município, para a prática do Naturismo. Era a praia de Tambaba.

Conversamos várias horas e contei-lhe das dificuldades que ele encontraria nessa empreitada. Forneci-lhe o material de que dispunha e um Código de Ética.

Poucos meses depois, através de uma reportagem que recebi de um jornal, tomei conhecimento de que, na praia de Tambaba, já havia um grande out-door informando ser, aquela, uma praia de Naturismo e enumerando alguns artigos do Código de Ética.

Além de dois guardas da Polícia Militar, Tambaba já dispunha de dois funcionários da Prefeitura realizando o trabalho de fiscalização e orientação na praia.

Foi um ato de coragem e de visão de Aluísio Régis, pois percebera o grande atrativo turístico que uma praia de Naturismo representava.

Dali para a frente, continuei a receber, com freqüência, reportagens sobre Tambaba e o seu desenvolvimento. Dois anos mais tarde, Tambaba sediaria o II CONGRENAT.

As dificuldades financeiras da AAPP e da FBN sempre foram grandes. A maior parte dos associados da AAPP residia

longe da Praia do Pinho. A quinhentos, setecentos, mil quilômetros de distância ou, até mesmo, fora do País.

Em função disso, muitos deixavam de cumprir com suas contribuições sociais e nós, que vivíamos como voluntários no Paraíso da Tartaruga, tendo nossas despesas com alimentação sendo cobertas com esses recursos, às vezes nos víamos mal. O dinheiro entrava somente durante a temporada, por meio de jóias de ingresso de novos sócios, ou da quitação de contribuições sociais atrasadas de sócios antigos.

A temporada 89/90 encerrou com o Carnaval e a AAPP com uma dívida de mil e quinhentos dólares, de alimentação dos voluntários que trabalharam na praia. Nós, que ainda teríamos de sobreviver todo o inverno, teríamos de fazer milagres para sustentar o Paraíso da Tartaruga funcionando.

# *Capítulo XVII*

## *Inédito no Mundo*

Era preciso dar mais infra-estrutura e habitabilidade à nossa sede, para que as pessoas acreditassem mais no nosso trabalho e mantivessem suas contribuições sociais em dia.

Elaborei, então, o "Plano Férias no Paraíso". Este plano consistia em vender o direito de uso sobre cabanas construídas com os próprios recursos das vendas. Desenvolvi um estilo de construção rústica e extremamente econômica, que nos possibilitava vender uma cabana rústica e aconchegante, com vista para o mar, por um preço inferior ao que custaria trinta dias de aluguel de um apartamento em Balneário Camboriú.

Sobre essas construções, em diferentes tipos de cabanas, trabalhei todo o ano de 1990, transformando o Paraíso da Tartaruga numa pequena comunidade naturista. Tudo isso, praticamente sem dinheiro, o que gerou, inclusive, uma reportagem especial de página inteira no Caderno Econômico do Jornal de Santa Catarina, conforme segue, sob o título

"UM PROJETO TURÍSTICO REVOLUCIONÁRIO E INÉDITO NO MUNDO EM SANTA CATARINA":

"Nos próximos cinco anos, a Praia do Pinho vai se transformar numa cidade naturista. A previsão é do presidente da FBN (Federação Brasileira de Naturismo), Celso Rossi, 30 anos, e que fundou no local a Associação Amigos da Praia do Pinho (AAPP) e há quase dois anos desenvolve ali um projeto de ocupação revolucionário e inédito no mundo.

Convivendo em harmonia com a natureza, Celso já construiu nas encostas que protegem a praia umas 10 casas sem que se aviste um único telhado entre a vegetação, cuidadosamente preservada. Ele pretende erguer ao todo cinqüenta moradias até 1995, época em que espera ver funcionando no lugar bares, restaurantes, lojas, enfim, uma comunidade efervescente de novas concepções: 'Nosso desejo é oferecer uma alternativa de vida produtiva para as pessoas que estiverem interessadas em buscar novos caminhos e gerar com isso uma importante fonte de divisas para o Estado', resume.

ALTERNATIVA PARA UMA MUDANÇA - O desenvolvimento de uma cidade naturista na Praia do Pinho vai propiciar condições de trabalho alternativo para os naturistas que queiram mudar de vida, como o próprio Rossi. Ele abandonou uma carreira 'bem-sucedida' de executivo numa grande empresa e deixou Porto Alegre 'para trabalhar com a alegria de sentir-se vivo, em crescimento'.

Satisfeito com a nova escolha, quer agora estimular a formação de comunidades próximas às áreas de naturismo, de modo a tirar a sazonalidade da ocupação desses locais. 'Em qualquer época do ano os naturistas virão, porque sabem que vão encontrar pessoas que compartilham das suas idéias. Pessoas são um fator importante no Naturismo. Lugares onde há gente interessante, atraem mais gente interessante. E o Pinho está formando uma comunidade que é um centro de pensamento. Já temos aqui entre os ocupantes das casas profissionais de bioenergética, de psicologia e medicina alternativa', informa.

Que venha mais gente é o que quer a AAPP: 'Vamos

desenvolver o Naturismo sempre respeitando nossa ética moral. Temos uma cidade sem competição. O comércio vai se adaptar ao esquema da FBN. Quem chegar primeiro tem o direito de vetar novos empreendimentos se eles se limitarem à concorrência pura e simples. Cada qual deve oferecer novas opções. Assim os restaurantes serão diferentes em seus estilos e tudo mais seguirá essa regra básica e será submetido à discussão do grupo'.

HOMEM E NATUREZA EM EQUILÍBRIO PERFEITO - As casas instaladas no Pinho são feitas com uma estrutura de toras de eucalipto e paredes de casca de pinho recheadas de placas de isopor. Algumas receberam acabamento de cordas de sisal. Sólidas, elas estão protegidas dos ventos pela vegetação que as circunda e que funciona também como uma estufa natural, assegurando temperatura agradável em todas as estações do ano. Em algumas, até o banheiro é em madeira, mas em outras o térreo é de alvenaria. Um modelo de 60 metros quadrados está cotado em 5000 BTNFs (Cr$ 60.000,00, já com aquecimento a gás).

'A concepção cultural das construções comuns implica em edificar prédios que vão durar uns 500 anos, mas as pessoas têm uma expectativa de vida muito mais curta. Depois que se forem, outros virão e provavelmente a demolição acontecerá bem antes de passado tanto tempo. É um desperdício', lamenta Celso.

Ele que era estudante de Direto e quando chegou ao Pinho pensava não saber fazer nem uma 'casinha de cachorro', agora orienta os carpinteiros e vê surgir em oito dias uma nova morada. 'O que nos impede de conceber algo diferente é o tempo que se passa às vezes dentro de uma faculdade, sendo condicionado a pensar de maneira padrão. A criatividade não se solta, não há novas concepções a partir da base', comenta.

Criatividade há de sobra na cidade naturista do Pinho: onde faltou tijolo, entraram garrafões de vidro acoplados à parede como se fossem placas luminosas. Onde a parede encontrou uma árvore fez-se uma fenda para permitir a

convivência entre as duas. Assim é que não se vê uma clareira na encosta do morro que detém as casas. As árvores continuam lá, intactas. E quem olha da praia diz que o lugar jamais foi tocado. A sensibilidade de quem chegou ali primeiro está permitindo que ele se mantenha íntegro. Prova de que pode ser pacífica a convivência do homem com a natureza.

Desde que surgiu como centro de naturismo, a Praia do Pinho vem despertando discussões éticas e morais, como a mantida pela Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú, há poucos dias. É encarada com desconfiança pelos que não conhecem a filosofia naturista e não aceitam o nu com facilidade. Mas apaixona instantaneamente os adeptos do nudismo. Eles acorrem de todas as partes do mundo, atraídos pelo fascínio proporcionado por uma combinação aparentemente impossível: infra-estrutura completa numa paisagem intocada

O segredo, no caso, não é segredo, mas simplicidade. Celso Rossi não projeta as construções num papel: 'Elas vão surgindo de acordo com a sugestão da natureza e do terreno', explica, enquanto vai mostrando as casas, todas em Eucaliptos e Pinus. A escolha desse tipo de madeira exótica reflete uma preocupação com a preservação da mata nativa: 'Só compramos essas pois são provenientes de reflorestamento e assim não se estimula o desmate. E também porque os bichos não as atacam, já que elas não fazem parte da flora natural a que eles estão adaptados, além do custo, que é menor'.

Toda a concepção da construção é inovadora: primeiro, ela é iniciada de cima para abaixo, faz-se a estrutura do telhado e a parte superior, depois o térreo. De modelos e tamanhos variados, as casas estão destinadas a uma comercialização muito diferente. Delas, será vendido o direito de uso vitalício, em dois sistemas: num, o comprador leva a chave, podendo se utilizar do lugar pela vida toda, passando-a ao cônjuge em caso de morte. Com o desaparecimento do casal, a moradia volta às mãos da associação. No outro, o sócio pode usufruir da casa por determinado número de dias durante o ano. Os preços são

indexados ao BTNF.

O terreno onde já foram erguidas 10 residências e que deve receber mais umas seis até o verão mede dois hectares e meio e vai ser aumentado mediante acordo com o proprietário da área limítrofe. 'Vamos acertar com ele o usufruto vitalício de uma parte ideal da terra', conta Celso, satisfeito com a receptividade que vem encontrando essa maneira revolucionária de lidar com a propriedade.

OVOS DE OURO - 'Quem sai da sua cidade para fazer turismo procura o quê?', Celso Rossi faz pergunta e ele mesmo responde: 'Complexos turísticos de concreto que violentam a paisagem e levam as pessoas apenas a trocar de paredes, por certo que não. Oferecer beleza natural como atrativo e depois destruí-la para criar uma infra-estrutura para o turista é matar a galinha dos ovos de ouro. Aqui se pretende o contrário. Importa-nos manter as pessoas em contato com a natureza, ao mesmo tempo em que lhes é oferecido o aconchego de uma casa, com água quente, comodidade.'

O retorno do investimento, conforme o presidente da FBN, é muito rápido. 'Recebemos aqui franceses, holandeses, alemães, suíços. Todos saem encantados. E retornam com mais gente. O turismo naturista no hemisfério norte aumenta ano a ano. Em 89 rendeu mais de 400 milhões de dólares. E as praias de lá sequer têm areia. São costões de pedra. O Pinho é uma das mais lindas e organizadas praias de naturismo do mundo, o turismo aqui é barato. Temos tudo para criar uma economia alternativa benéfica para toda a região. Mas falta-nos apoio'.

Há quase três meses a FBN enviou à Embratur um projeto de divulgação do Pinho no vigésimo segundo Congresso Internacional de Naturismo, que se desenvolve entre os dias 30 e 02 de setembro, na Suíça. A intenção é carrear parte daqueles 400 milhões de dólares para o Brasil. Mas até agora a Embratur não deu resposta, embora a Santur e a Prefeitura Municipal tivessem enviado ofício solicitando urgência no encaminhamento desse projeto. 'Nossa participação lá incluiria a apresentação de um audiovisual. Que atraíssemos

então 200 turistas e eles deixassem aqui nesta temporada mil dólares cada um, seriam 200 mil dólares. No outro ano viriam 500 e assim por diante. Mas tudo depende de 4 mil dólares, que é o custo de nossa ida ao Congresso', observa Rossi. Ele não gostaria de adiar mais uma vez a divulgação do Pinho no exterior. Há dois anos quase conseguiu ir à Iugoslávia no congresso naturista anterior, mas mudanças na Embratur cancelaram os recursos para a viagem, que a FBN sozinha não pode bancar."

O custo da mão-de-obra especializada era altíssimo e inviabilizava o projeto. Resolvi formar uma equipe de filhos de pescadores da própria praia vizinha, Taquaras, e ensinar-lhes o que eu também tinha de aprender: construir casas.

A partir de então, começamos a desenvolver um bom relacionamento com os moradores de Taquaras, que antes queriam acabar com a Praia do Pinho. Eles começaram a perceber que éramos de boa índole e, se praticávamos o Naturismo, isso não deveria ser algo tão mau assim. Eventualmente, nos traziam peixe, farinha, passaram a nos convidar (Paula e eu) para festas da igreja e, em pouco tempo, eu já fazia parte do Conselho Fiscal da AMOTA - Associação dos Moradores de Taquaras.

No primeiro aniversário do Gabriel, convidamos as crianças da escolinha de Taquaras para uma festinha no Paraíso da Tartaruga. Queríamos medir até onde havia chegado a aceitação da comunidade de crentes aos "vizinhos pelados". Mais de vinte crianças, acompanhadas das mães, subiram o morro e vieram à festa.

Um mês mais tarde, fomos convidados a ser padrinhos de formatura da terceira série da escolinha. Numa solenidade formal, com as autoridades municipais presentes, o prefeito Leonel Pavan ficou boquiaberto ao ouvir sermos chamados para apadrinhar os garotos.

Depois disso, ele resolveu assinar o decreto que, há anos, vínhamos solicitando, para regulamentar a Praia do Pinho como área de Naturismo.

Na verdade, nem tudo foi assim tão fácil como parece. Alguns meses antes, um jornal da região, pouco convencional, o Diário do Litoral, sob o título "BEATAS DA CÂMARA QUEREM ACABAR COM O NUDISMO", noticiava:

"Os beatos, caxias e reacionários de Balneário Camboriú marcaram um ponto essa semana. Na hilária sessão da Câmara de Vereadores da última quinta-feira, conseguiram aprovar, em primeira votação, um ridículo projeto que determina a proibição do nudismo na Praia do Pinho, que já é famosa mundialmente e hoje se transformou num dos maiores atrativos turísticos da região. O autor do projeto é nada mais nada menos que o vereador evangélico Paulo Corrêa, já apelidado de 'São Paulo Corrêa' e que na justificativa do que propôs chegou ao cúmulo de ameaçar a cidade com um dilúvio.

Na verdade o que as 'beatas' da Câmara de Balneário Camboriú querem é promover um verdadeiro 'caça às bruxas' aos peladões, que, para 'São Paulo Corrêa', são representantes do 'quimbinga'. Como aqui se mata a cobra e mostra o pau damos a relação dos caras que tiveram a cara de pau de votar favorável ao projeto e que, segundo dizem, já estão se integrando às Legionárias de Maria. São eles: José Roberto Spósito (aquele que esqueceu uma compressa de gaze dentro do paciente), Iolanda Achutti, Jorge Cachel, José Celia e, é claro, o gagá do Paulo.

Nessa história toda, dois estão no 'chove não molha', ou melhor, tão de cuecas. Não tiram nem colocam a roupa, tirando o 'seu' da reta. São Eduardo Rodrigues, mais conhecido como 'Macaco', e o Evaristo, vulgo 'Ito de Cristo', que está mais para Pilatos do que para Jesus.

Quem teve colhão de não entrar nessa 'canoa furada', e assumir a defesa da Praia do Pinho, provando que são dos nossos foram o Luis Eduardo Cherem, mais conhecido como 'Dado', o José Lourenço, ou 'Zezo', o Jair Rebello e a vereadora Roseli. Esses, deixaram tirar a roupa, enquanto os outros 'babacas' querem dar uma de freiras enclausuradas e nesse nosso litoral tropical andar com pano até o pescoço.

Nesse tira-não-tira, o projeto do vereador São Paulo Corrêa vai para segunda votação nas próximas semanas. Vai ser uma briga de crucifixo contra tridente, ou de gagás contra avançadinhos. Se o projeto for aprovado, quem ganha, certamente, são os beatos, e, quem perde, toda a população da região, que vai ver por água abaixo um dos maiores projetos turísticos que já pintaram por aqui.

Quanto ao dilúvio que o Paulo Corrêa ameaçou, ele que peça ao São Pedro que faça chover lá no Nordeste do Brasil, que tá enfrentando mais uma seca. Que não perca tempo com os peladões aqui em Cambú, que nem molhar a roupa vão..."

Era verdade. Pressionando os outros vereadores com ameaças de que denunciariam aos pastores aqueles que votassem contra o seu projeto, além de garantir que os mesmos seriam riscados do "Livro da Vida" (a nominata de quem vai para o céu), Paulo Corrêa conseguiu, na primeira votação, uma vitória de cinco votos contra quatro. Essa primeira votação foi numa quinta-feira e na segunda-feira seguinte, três dias depois, seria a segunda votação, que ratificaria o fim do Naturismo na Praia do Pinho.

Somente no sábado tomei conhecimento do fato, quando Bola Teixeira, assessor de imprensa da Prefeitura e nosso fiel protetor, veio ao Paraíso, assustado, me comunicar. Era pleno inverno e o grande contingente de naturistas que freqüentavam o Pinho estavam trabalhando em suas cidades e nada poderiam fazer para nos ajudar.

Rapidamente, Bola e eu montamos uma estratégia para fazer frente aos vereadores reacionários, para tentar reverter a votação de segunda-feira. Tínhamos de contar com o apoio da comunidade local, mesmo os não-naturistas. Fui às rádios AM e FM da região, onde realizei entrevistas e convoquei a rádio Camboriú para fazer uma pesquisa popular, ao vivo, por telefone, para trazer ao conhecimento público a verdadeira opinião da comunidade à respeito da Praia do Pinho.

A proposta da pesquisa, lancei durante uma entrevista, ao vivo, e somente depois fui me dar conta do perigo: e se a

pesquisa nos fosse desfavorável nessa época de inverno? Bem, tinha de dar certo e era um bom momento de avaliar o verdadeiro efeito das reportagens e artigos que havia escrito para jornais e revistas da região nos últimos anos.

Enquanto isso, via telex e telefone, Bola agitava toda a imprensa nacional, para conseguirmos uma grande repercussão imediata e, com ela, pressionarmos os vereadores.

- ...E então, amigos ouvintes, segunda-feira, às dezenove horas, não haverá sessão de cinema. A sessão será na Câmara, e todos devem estar presentes para demonstrar que os interesses da comunidade são na linha do progresso e não da repressão! - Através dos microfones das rádios, eu convocava a comunidade.

Na segunda-feira, o dia "D", enquanto Rose contatava políticos importantes e autoridades do Estado, Paula preparava bandeiras, faixas e adesivos, Bola e eu percorríamos todos os principais hotéis e estabelecimentos comerciais, convidando seus gerentes e proprietários a estarem presentes na sessão da Câmara e nos apoiar.

Dezenove horas e trinta minutos, a Câmara de Vereadores estava lotada. Bandeiras da FBN e da AAPP, adesivos colados no peito das pessoas, faixas, emissoras de televisão, rádios, repórteres de jornais e revistas documentando o maior acontecimento da história da Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú.

Resultado: antes mesmo de começar a sessão, os vereadores se reuniram e decidiram.

Quando o assunto entrou em pauta, o vereador Spósito falou em nome de todos, elogiando o Naturismo enquanto filosofia de culto ao corpo, os benefícios que a Praia do Pinho tinha trazido para a comunidade, etc., etc. Finalmente, comunicou que o autor do projeto, por não ter real conhecimento do assunto, havia decidido retirá-lo.

O presidente da sessão, que era o próprio autor do projeto, não conseguiu conter, com sua sineta, a vibração geral de todos os presentes que, em seguida, deixaram a sessão para

confraternizar do lado de fora.

Não houvesse a nossa presença, durante todo o ano, fazendo plantão na Praia do Pinho pela proteção do Naturismo, não sei o que teria acontecido num momento como aquele.

# *Capítulo XVIII*

## *Quinze Milhões de Naturistas*

Ao contrário do que se poderia imaginar, o desenvolvimento do hábito nudista nas praias não é como um outro modismo qualquer, pois o corpo humano, nu, é um estado permanente de ser. Na língua portuguesa, os verbos "ser" e "estar" têm conotações bem distintas e podem estabelecer claramente a relação do homem com a nudez: o homem pode "estar" vestido, mas por baixo de suas roupas ele "é" - e continuará "sendo" - nu.

Em 1967, o jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, publicava uma pessimista e conservadora matéria sobre o assunto, sob o título: "Ascensão e queda do Nudismo", conforme segue:

"O NUDISMO, prática revolucionária na década de 20, sobrevive hoje apenas como justificativa das publicações especializadas, que ainda encontram compradores nos Estados Unidos. O 'todo mundo nu' entrou em decadência para dar lugar à pouca roupa, porque é isto que a estética moderna prega, sendo o prato principal dos costureiros que, antes de mais nada, são seres humanos e precisam ganhar a vida.

Com a criação do primeiro clube de Nudismo, o German

Nacktkulture, foi estabelecida uma teoria baseada em termos sanitários, inclusive o conceito de que o 'sexo não têm nada de mais'. Mas os próprios adeptos não estavam muito seguros com as possibilidades de ordem nos seus locais de encontros e foi preciso bastante tempo para que homens e mulheres se confraternizassem, como Adão e Eva.

Vencida a timidez inicial, graças ao período de relaxamento dos costumes, logo após a Primeira Guerra Mundial, as primeiras estatísticas foram surpreendentes: a classe média forneceu o grosso dos contingentes que se despiam em conjunto para jogar vôlei, nadar, passear no jardim ou bater papo na varanda. Não é necessário dizer que os locais escolhidos eram áreas restritas que, graças à propaganda, passaram a ser denominados campos de nudismo, por mostrarem sempre fotografias cheias de verde, significando o ar puro, sem nenhuma preocupação quanto à identidade das pessoas, mas sob ângulos que garantiam a 'moralidade' defendida pelos não-iniciados. E, isto é importante, mostrando mais velhos do que gente jovem.

Dos países que melhor souberam explorar a novidade, os Estados Unidos figura em primeiro lugar, exportando, durante algum tempo, revistas e até filmes, apesar de seu pequeno poder de convencimento.

Era muito difícil que o mundo compreendesse o nu apenas através da linguagem científica, na base do 'é preciso eliminar o conceito de que o corpo humano é indecente; nossos jovens devem ser educados com melhores bases, habituados à vida sadia que só se obtém permitindo-lhes uma exposição benéfica aos raios solares, à vida em contato pleno com a natureza'.

A primeira dose de escândalo em torno da prática do nudismo foi dada por Paris, com seus 'solariuns' funcionando em prédios ocupados por saunas e academias de cultura física, que despertaram o interesse das 'strip-teasers'. Elas conseguiam durante o dia uma coloração uniforme em todo o corpo, compensando com o bronzeado do sol a cor pálida que

noites e noites de trabalho nos cabarés terminavam mantendo como marca registrada de sua categoria profissional.

Ainda mais ortodoxa que os 'solariuns' de Paris, a praia de Pampelonne, em Saint-Tropez, tornou-se um verdadeiro campo de batalha entre nudistas e policiais. Para se defenderem da ameaça de uma multa de 600 francos, os adeptos do 'todo mundo nu' deixavam por perto seus biquínis e calções, que eram enfiados em segundos quando os guardas chegavam. Houve escaramuças, com uso de megafones, barcos e até disfarces, por parte dos policiais.

Mas como todas as outras, esta moda também passou, para a tristeza das revistas que se serviram das teleobjetivas, registrando os melhores lances daquele duelo ao sol.

Quanto ao Brasil, o nosso subdesenvolvimento em matéria de nudismo é total, se é que a volta do homem ao estado natural pode ser entendida como progresso. A única experiência nacional neste ramo de atividades foi promovida pela senhora Dora Vivacqua, a 'vedete' Luz del Fuego, que transferiu para uma ilhota de Guanabara, como ciência, o que antes fazia como arte. Ao que tudo indica, a tentativa não foi das mais felizes, pois ela e a ilha andavam no maior esquecimento até pouco tempo atrás, quando surgiram manchetes sobre seu suposto assassinato. O que vem provar que o Paraíso foi perdido para Adão e Eva para o todo e sempre. (Copyright AJB)"

No final do ano de 1990, recebemos, por quinze dias, a visita do presidente do INIC - International Naturist Information Center, o holandês Robbert Broeckstra.

Muitas conversas tivemos com ele, que ficou maravilhado com o nosso trabalho no Brasil, e pudemos avaliar nossa real situação, em comparação com as demais áreas e praias de Naturismo do mundo.

Tudo nos levava a crer que a Praia do Pinho além de uma das mais lindas, era, provavelmente, a mais bem organizada praia de Naturismo no mundo. Se não fosse, no mínimo era a mais acolhedora.

A rapidez do nosso desenvolvimento é fantástica, se comparada ao ritmo de implantação do Naturismo em outros países. Segundo Robbert, na Holanda, seu país de origem, o Naturismo começou há menos de cinqüenta anos. Hoje setenta e dois por cento da população aprova o Naturismo. Um país que cabe dentro do Estado de Santa Catarina e possui um clima muito desfavorável, a Holanda abriga um milhão e meio de naturistas: dez por cento da sua população total.

O desenvolvimento do Naturismo no Brasil tem sido muito mais rápido e, em função do nosso clima propício e do nosso povo, tudo nos leva a crer que na metade do tempo, ou seja, em vinte e cinco anos, atingiremos a mesma porcentagem de naturistas. Se fosse hoje, teríamos quinze milhões de naturistas.

A Praia do Pinho é pequena: quinhentos metros de areia. Comporta, com tranqüilidade, quinhentas pessoas. Se considerarmos que cada pessoa passa, em média, cinco dias por ano na praia, durante a temporada - noventa dias - podemos dizer que a Praia do Pinho comporta nove mil pessoas por ano.

Considerando um Brasil com quinze milhões de naturistas, sendo que dez por cento desses possam ir à praia durante cinco dias por ano, teremos um milhão e meio de naturistas à procura de praias onde possam tirar suas roupas. Serão necessárias cento e sessenta e seis Praias do Pinho, ou oitenta e três quilômetros de areia, para abrigar tantos naturistas.

O mais provável que aconteça, no futuro, é que não haja mais a necessidade de serem criadas áreas especiais para o Naturismo: as praias, em geral, tornar-se-ão naturistas, como ocorre na maior parte da Europa, hoje. Ou seja: o corpo humano, nu, não causará mais espanto a ninguém. Será visto com naturalidade.

Como resultado da visita de Mr. Broeckstra ao Brasil, tivemos, nos meses que se seguiram, dezenas de páginas publicadas sobre o nosso trabalho, em diversas revistas especializadas da Europa e dos EUA. Na qualidade de

correspondente dessas publicações, Robbert realizou um excelente trabalho fotográfico durante sua viagem e reportou suas impressões sobre o Naturismo no Brasil aos quatro cantos do mundo.

A divulgação que uma praia de Naturismo proporciona a um município é, realmente, um fator de peso no nosso relacionamento com as autoridades. Dez anos de atividades naturistas no Brasil permitiram-nos montar um compêndio de mais de mil páginas de matérias publicadas sobre o Naturismo no Brasil, em jornais e revistas. Destas, mais de cem páginas em jornais e revistas da Europa, EUA e outros continentes.

Certa vez, o prefeito de Balneário Camboriú, Leonel Pavan, comentou comigo que havia ido a um congresso de prefeitos no interior de São Paulo e, lá, muitos nunca tinham ouvido falar de Balneário Camboriú, mas quando Pavan falava que é onde fica a Praia do Pinho... todos sabiam onde era.

Quanto vale uma atração como esta para um município turístico?

Vale milhões de dólares. Infelizmente, "santo de casa não faz milagres", e o apoio que recebíamos da prefeitura de Balneário Camboriú era muito aquém do que merecíamos. Um artigo que escrevi naquela época retratava bem a nossa indignação, conforme transcrevo:

"Acabamos de retornar de João Pessoa, Estado da Paraíba, onde estivemos a convite da Prefeitura Municipal do Conde, para vistoriar a Praia de Tambaba e acompanhar o início dos trabalhos para a realização do II Encontro Brasileiro de Naturismo, com data marcada para outubro próximo.

Há seis anos, trabalhamos voluntariamente pelo Naturismo no Brasil. Fundamos a Associação Amigos da Praia do Pinho, em 1986, a Federação Brasileira de Naturismo, em 1988, e promovemos a organização de várias outras associações no Brasil e na Argentina.

Desde o princípio desse trabalho, puramente idealista, vínhamos alertando às autoridades municipais e Estaduais, responsáveis pelo desenvolvimento do Turismo em Santa

Catarina e Balneário Camboriú, do grande potencial que o Naturismo representava como sendo, talvez, o único atrativo forte o suficiente para arrastar o turismo internacional, que circula do Rio de Janeiro ao Nordeste, para Santa Catarina: durante quatro anos a Praia do Pinho foi a única praia organizada de Naturismo no Brasil.

Santo de casa não faz milagre e, como tal, nosso trabalho não foi suficientemente apoiado pela 'máquina estatal', cuja obrigação é a de não perder oportunidades para o desenvolvimento turístico da região.

Quando realizamos o I CONGRENAT - Congresso Brasileiro de Naturismo, três anos atrás, a Praia do Pinho ainda era a única do gênero no País. Naquela ocasião, perante um completo rol de autoridades Municipais e Estaduais, alertamos que se quisessem colher os frutos da exclusividade em favor de Santa Catarina, teriam de fazê-lo logo, pois a FBN logo distribuiria outras praias de Naturismo pelo Brasil.

Apenas promessas, e nem sequer um folheto turístico sobre a Praia do Pinho foi financiado pelo Estado - principal interessado.

Na ocasião, de passagem por Balneário Camboriú, o prefeito do Município do Conde, Aluísio Régis, procurou-nos, interessado em destinar uma das praias do seu Município, na Paraíba, para a prática do Naturismo.

Abrimos-lhe as portas da FBN e lhe prestamos todas as instruções necessárias.

Poucos meses depois, o trabalho em Tambaba já estava sendo noticiado pela imprensa de todo o País.

Realmente determinados a desenvolver o Turismo na Paraíba, o prefeito Aluísio Regis, juntamente com o PB-TUR e o governo daquele Estado, seguiram todas as instruções da FBN, colocando três funcionários da Prefeitura permanentemente na organização da praia. Fizeram folhetos, adesivos, camisetas e começaram a promover, juntamente com as agências de turismo locais, roteiros turísticos para vôos charter, vindos até do Canadá, tendo como chamada central a praia de Tambaba.

Um trabalho realmente profissional, de administradores com sensibilidade para vislumbrar e coragem para executar os mais arrojados projetos, em benefício de sua comunidade.

O Naturismo cresceu. A FBN não podia ficar marcando passo no tempo e, hoje, já temos duas novas praias de Naturismo no Brasil, uma no Rio de Janeiro e outra na Paraíba, possibilitando o turismo naturista e, em pouco tempo, teremos muitas mais.

A comunidade catarinense não perdeu, pois, com a Praia do Pinho, ocupou espaços na mídia nacional e internacional, como jamais houvera sonhado.

A comunidade catarinense não perdeu, apenas deixou de ganhar o que já estava praticamente na mão.

Dentro de dois meses, um grupo suíço inicia a construção de um projeto de quatro milhões de dólares em Tambaba e outro, francês, tem a intenção de construir um hotel com mil apartamentos, exclusivamente para naturistas, em especial vindos da Europa e dos EUA.

Em outubro, realizaremos o II Encontro Brasileiro de Naturismo em Tambaba, o que fará seu desenvolvimento superar a Praia do Pinho já na próxima temporada. Além do que, a FBN já recebeu propostas tentadoras para a transferência da sua sede, de Santa Catarina para a Paraíba, o que não está fora de cogitação, para os próximos anos.

A comunidade catarinense não está perdendo.
A comunidade catarinense está deixando de ganhar, por não ter fé em seus 'santos de casa'.

# *Capítulo XIX*

# *XXIII Congresso Internacional de Naturismo*

Depois de seis anos de gestões junto a órgãos administrativos em nível municipal, estadual e até federal, conseguimos embarcar no vôo 767 da Transbrasil, com destino a Orlando, no dia 27 de agosto de 1992, para participarmos de um congresso internacional de Naturismo. Graças ao apoio de Wilson Carlotti, da MSW de São Paulo, que conseguiu as passagens junto à VASP, além de uma colaboração da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, conseguida pela Rose, e à contribuição de vários naturistas que nos ajudaram a participar do XXIII Congresso Internacional de Naturismo da INF.

Após oito horas e meia de viagem, fomos recebidos no aeroporto pelo amigo Cláudio Cortelazzo, presidente da Verona Tours Inc., que, além de antigo freqüentador da Praia do Pinho, é a pessoa que, nos EUA, em nome da MSW, viria canalizar os turistas naturistas americanos para o Brasil. Cláudio levou-nos até Tampa, ao Clube Paradise Lakes, sede do congresso, onde ficamos até o dia 31.

O Clube Paradise é bem diferente do nosso Paraíso da Tartaruga, a começar pelas construções, cujas paredes são de

plástico, os telhados de alumínio e o chão de carpete. Afora isso, tem uma grande estrutura, montada ao redor de pisos de concreto e ruas de asfalto.

A sexta-feira, dia 28, amanheceu chovendo forte e a abertura do congresso foi transferida para o salão do "Club Fred", pois a enorme barraca de lona branca, montada sobre um gigantesco tapete de grama artificial, produzia muito barulho com a chuva metralhando sua cobertura. A transferência do local, na última hora, acabou por tumultuar a organização do congresso e retirou a pompa esperada para a abertura dos trabalhos. Para confundir ainda mais, antes da abertura propriamente dita, Fred Bishop, proprietário do Paradise Lakes, conforme estava no programa, tomou o microfone, fez a saudação aos presentes e começou a fazer uma exposição sobre o seu novo empreendimento na República Dominicana, denominado Paradise Bay Beach Resort. Um empreendimento tipo "condomínio naturista", porém "optional clothes" (para naturistas e não naturistas) e com preços variando entre 50 e 110 mil dólares. Apresentou algumas imagens em vídeo, mal produzidas, alguns slides, pouco convidativos, e referiu-se de maneira muito pouco delicada aos habitantes da região, como sendo um povo alegre, amistoso e que faz qualquer coisa "por míseros 90 dólares por mês".

Após um breve intervalo, a chuva diminuiu e pudemos, então, nos dirigir para o local do congresso propriamente dito. Não foi difícil encontrar a bandeira do Brasil no meio de tantas outras de cores vermelho, azul e branco, além de algumas amarelas, vermelhas e pretas.

Foi realizada a abertura oficial do congresso e o início dos trabalhos foi marcado pela aprovação dos relatórios da gestão anterior e pela discussão em torno do aumento das contribuições das federações para a INF. Para nós, brasileiros, um reajuste de 10% após dois anos era algo quase fora da nossa compreensão, pois estávamos acostumados a uma inflação altíssima. Mesmo assim, as federações da França e da Alemanha relutaram bastante em aprová-lo.

Apesar de não fazer parte da programação, conseguimos a autorização para passarmos uma fita de vídeo sobre a Praia do Pinho, durante um coquetel, ao final dos trabalhos do dia. Em função da diferença de sistemas, as imagens saíram em preto e branco e eu mesmo fiz a locução em inglês, na hora da projeção, pois a narração original era em português. As imagens da Praia do Pinho e do Paraíso da Tartaruga impressionaram a todos e o vídeo da Praia do Pinho passou a ser o assunto do dia entre os congressistas.

Sexta-feira à noite, após o jantar, como era natural, fomos até o bar chamado "Club Fred", dentro do Paradise Lakes.

Logo que entramos, uma garçonete veio nos atender: calçava sapatos de salto alto e uma minúscula calcinha de renda, trazendo os seios fartos sobre a bandeja. Pedimos uma cerveja e sentamos para observar o bar. Na pista de dança, uma senhora, aparentando quarenta ou cinqüenta anos, com algumas gorduras a mais, trajando uma camisola transparente, sem calcinhas, sapatos de salto alto e meias com cinta-liga, dançava com um rapaz de vinte e poucos anos, musculoso, corpo bem formado, vestindo um short jeans, sem camisa.

Também na pista de dança, sobriamente vestido, um velhinho aparentando mais de noventa anos movia-se com dificuldade, abraçado a uma linda jovem completamente nua, à qual beijava na boca enquanto seus dedos artrosados apertavam-lhe as belas nádegas, trazendo o ventre da garota para junto do seu corpo esquelético e rígido.

Apesar de estarmos normalmente vestidos, homens e mulheres que circulavam pela boate insinuavam-se, lançando-nos olhares carregados de intenções sexuais.

Sentados ao redor de três ou quatro mesas encostadas, estavam o presidente da International Naturist Federation e quase todo o Comitê Central da IFN, acompanhados de suas esposas, assistindo a tudo e conversando alegremente, como se nada de anormal estivesse acontecendo.

Dos demais delegados que participavam do congresso, apenas dois ou três estavam no balcão do bar ou em alguma mesa.

Terminamos a cerveja e fomos dormir. Dormir é força de expressão, pois, após assistir a tudo aquilo, minha cabeça estava em ebulição. Não conseguia acreditar que a cúpula da INF estivesse aceitando aquele comportamento com naturalidade, dentro de uma área dita naturista, cujo regulamento local considerava expressamente inaceitável tanto a conduta como a simples aparência de comportamento sexualmente ostensivo. Também não entendia que razões teriam levado o Comitê Central a realizar o congresso no Paradise Lakes, que não é uma área exclusiva de naturistas, enquanto que, muito próximo, havia o Cypress Cove, um local exclusivamente naturista, com praticamente a mesma infra-estrutura, e que não permitia aberrações como as que presenciamos no "Club Fred".

A manhã de sábado começou com a divisão dos delegados em três grupos: os de língua inglesa numa sala; os de língua alemã em outra; e outra sala para os que falavam francês.

Incumbi a Paula de tentar, junto à organização do congresso, a autorização para projetarmos os mais de cinqüenta slides da Praia do Pinho, que tínhamos levado.

Também a ela coube a difícil tarefa de cobrar a ajuda de custo que a INF tinha nos prometido.

O vídeo que havíamos apresentado, apesar de não ser à cores, já tinha ofuscado o brilho da propaganda que o Fred Bishop havia feito do seu empreendimento da República Dominicana e o pessoal do Paradise Lakes, empregados do Mr. Bishop, não estava nem um pouco disposto a apresentar os nossos slides para os congressistas, por motivos óbvios.

Fui dar um apoio à Paula, insistindo junto a Bart Wijnberg, presidente da INF, para que ele nos desse a autorização para a projeção dos slides e acabei chegando atrasado para a reunião de língua inglesa, mas conseguimos a

promessa de que a nossa projeção poderia ser feita durante o próximo coquetel, que se realizaria à tarde, no salão do "Club Fred". Quando nos pediram os slides, para que ficassem em poder deles até a hora da projeção, senti cheiro de sabotagem e inventei uma desculpa para que ficassem com a Paula até a hora do coquetel.

Quando cheguei à reunião do grupo que falava inglês, o assunto em pauta era a legislação e a legalização das áreas de Naturismo. Sentei-me ao lado do delegado americano e, quando senti a oportunidade, pedi a palavra e fiz uma pequena palestra para o grupo, relatando sucintamente os problemas que havíamos enfrentado na implantação do Naturismo no Brasil e discorri sobre a estratégia que utilizamos para a legalização das áreas naturistas no nosso país.

Pelo que pude sentir da reação de admiração dos presentes, o nosso trabalho no Brasil, no que tange às nossas relações com o poder público, estava ao nível das principais potências do Naturismo no mundo. Até poderíamos dizer que, nesse campo, já temos mais a ensinar do que a aprender com as organizações do primeiro mundo. Isto decorre do fato de termos, desde o princípio, implantado o Naturismo com as portas abertas à imprensa em geral e ativado contatos com os poderes públicos municipais, estaduais e federal. Nesse ponto, nossa história é completamente diferente do que aconteceu no resto do mundo, onde, durante muitas décadas, os naturistas reuniram-se em locais escondidos, chamados "colônias de nudismo", sem manter relações com a sociedade do lado de fora.

Após o almoço, o congresso voltou a funcionar na tenda principal, onde foram discutidos novos assuntos e os candidatos às vice-presidências da INF apresentaram suas plataformas de trabalho. Chamou-me a atenção o excesso de "confetes" jogados pelo Comitê Central sobre o candidato americano, Arne Ericksen. Diretor Executivo da American Sunbathing Association, ele havia ingressado na organização quando a mesma contava com 9.000 sócios e, após alguns anos

de trabalho, alavancou esse número para 42.000, o que gerava, então, um faturamento anual em torno de dois milhões de dólares para a ASA.

A INF, conforme informações de seus dirigentes, estava enfrentando uma má fase financeira, o que explicava o festejo ao candidato americano que, sendo eleito, poderia resolver o problema de caixa da Federação Internacional de Naturismo.

Já começava a ficar tudo mais claro para nós, brasileiros, que vivíamos momentos de CPI sobre corrupção no Governo Federal. Arne Ericksen, candidato americano à vice-presidência da INF, era funcionário da ASA e Fred Bishop, um dos principais, se não o principal empresário do Naturismo americano, era amigo de Ericksen. Arne Ericksen, com seu prestígio, teria conseguido da INF a realização do congresso no Paradise Lakes, de propriedade do seu amigo Fred, e não em qualquer outro dos grandes clubes da Flórida.

Assim, Fred Bishop conseguiria a aprovação e o apoio da INF aos seus clubes, onde você não precisa ser naturista para ingressar e nas boates, à noite, abertas ao público, pode rolar qualquer coisa.

O que eu não conseguia entender era o fato de estarem ali reunidos os presidentes de dezenas de federações de Naturismo poderosas, do mundo inteiro, sem se manifestar a respeito do tal "Club Fred".

Enquanto eu pensava sobre isso, assistia a Phillip Cardin, presidente da Federação Francesa de Naturismo, falando em francês e eu recebendo a tradução em inglês. Uma das grandes forças do Naturismo mundial, Phillip representava um país com mais de cento e vinte praias de Naturismo, cidades naturistas, como Cap D'Agde, além de dezenas de clubes no interior.

Percebi que, de repente, Phillip dirigiu-se ao Comitê Central e perguntou se aquilo que acontecia à noite, no "Club Fred", era Naturismo.

O presidente da INF, Bart Wijnberg, imediatamente tomou a palavra e, sem dar qualquer resposta ao francês,

interrompeu os trabalhos para um lanche.

Foi um alívio, para mim, ver que eu não era o único que estava chocado com o que acontecia no Paradise Lakes. Ao mesmo tempo, parecia estar confirmada a conivência do Comitê Central com o "Club Fred" e demonstraram estar dispostos a abafar qualquer tentativa isolada de questionar as regras do Clube anfitrião.

À noite, Carlos Moraes, Paula e eu nos reunimos para ir ao jantar festivo. Paula, que estava em tempo integral cercando o vice-presidente da INF, Karl Dressen, tentando receber a ajuda de custo que ele nos tinha prometido, já não tinha mais estômago para tanta hipocrisia. Especialmente pelo fato de terem cancelado o coquetel no qual faríamos a projeção dos slides do Pinho. Disse que estava se sentindo mal e saiu da festa.

Antes de irmos dormir, demos mais uma passada pelo "Club Fred", para confirmar nossa impressão da noite anterior.

Tal qual um supermercado de prazeres sexuais, o "Club Fred" oferecia desde loiras com peitos grandiosos até negros com dois metros de altura, com tanga de tecido tigrado e capa de super-herói de histórias em quadrinhos, além de homens e mulheres vestindo adornos de fantasias sado-masoquistas ou, simplesmente, lingeries rendadas e transparentes sobre corpos nem sempre atraentes.

O último dia do congresso amanheceu sem muitas expectativas com relação às eleições, pois o candidato americano estava garantido para o cargo, uma vez que todos os outros candidatos, somados, não chegavam a cinqüenta por cento do prestígio político de Arne Ericksen.

Eu amanheci com "um ovo entalado na garganta". Para mim era praticamente inviável engolir a situação. Sempre tive forças para enfrentar situações difíceis no desenvolvimento do Naturismo no Brasil e essa força vinha do fato de eu acreditar profundamente no que fazia. E o fazia com muita seriedade.

Por outro lado, colocar para fora tudo que estava trancado na minha garganta e não me deixava sequer dormir à

noite significava criticar duramente a INF e, principalmente, os anfitriões americanos. Seria uma situação muito antipática e era por isso, talvez, que ninguém, à exceção de Phillip, havia tocado no assunto: por educação.

A questão em pauta era a fiscalização sobre as publicações naturistas. Bart Wijnberg criticava duramente a revista H&E, por ser uma publicação com reportagens naturistas e, ao mesmo tempo, abrigar nas páginas centrais fotos de mulheres em posições sensuais e sexualmente ostensivas.

Não pude agüentar mais tanta hipocrisia e pedi a palavra. Enquanto tratavam de instalar o microfone à minha frente, eu pensava numa estratégia para impedir o Comitê Central de me interromper. Tinha chegado a hora de falar, e eu estava disposto a falar tudo o que estava engasgado desde o começo do congresso. Meu vocabulário em inglês não era muito extenso, mas acho que consegui transmitir o que queria:

- É a primeira vez que participo de um congresso internacional de Naturismo e sou o mais jovem presidente de federação aqui presente. Talvez por isso é que não compreendo certas coisas que estão acontecendo aqui. Assim como todos vocês, estou representando meu país e isto é uma honra e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade a que espero fazer jus... Ontem, assisti o presidente da INF deixar sem resposta e cortar a manifestação do nosso amigo Phillip, presidente de uma das mais poderosas federações de Naturismo aqui presentes. Eu represento a menor força política deste congresso, pois a FBN é a única federação que tem voto peso 1, em comparação a outras que têm voto peso 20 ou 30. Não vou levar isto em consideração e sei que o Comitê Central também não e não vai me interromper até eu terminar tudo o que eu tenho a dizer...Acho que posso falar de igual para igual com todos vocês, pois, apesar de ser muito jovem, não sei quantos trabalham em tempo integral para o Naturismo; não sei se algum de vocês, como eu, investiu cem por cento do seu patrimônio pessoal no Naturismo e, principalmente, não sei se

algum dos presentes foi a pessoa que liderou a implantação do Naturismo no seu país e, como tal, sabe das dores do parto da criança que nasce...

Naquele momento, aconteceu um fato inusitado: um pequeno iguana - saído sabe-se lá de onde - correu sobre o tapete de grama artificial e parou bem no meio do "U" formado pelas mesas. Aproveitei a situação e, apontando para o pequeno animal, continuei:

- No Brasil, Naturismo é isso. É Natureza. Quando você chega ao Paraíso da Tartaruga, você mergulha na mata e sente, naturalmente, o efeito que ela produz sobre o espírito. A nudez é incentivada como uma forma de despertar a inocência, que é fundamental para a construção de relacionamentos sadios e puros como o das crianças. Quando cheguei a este clube, tratei logo de ler o regulamento de conduta, para não cometer nenhuma gafe. Não entendo completamente o inglês e, talvez por isso, quando li um dos itens que falava sobre "jóias penduradas sobre partes do corpo, exceto nas orelhas, são proibidas", tratei logo de tirar o relógio do pulso e a Paula retirou os anéis dos dedos. Quando chegamos até a piscina, vimos várias pessoas de relógios e outras jóias. Certamente eu não havia entendido o verdadeiro sentido daquela proibição que se referia, na verdade, a brincos pendurados nos seios ou nas partes genitais. Entretanto, aquela outra norma que diz "comportamento sexualmente ostensivo ou aparência de comportamento sexualmente ostensivo são inaceitáveis", é difícil que eu não tenha compreendido exatamente o que quer dizer. Sou muito jovem para ser moralista, mas sou consciente o bastante para saber que comportamento sexualmente ostensivo é o que é praticado todas as noites nessa boate chamada "Club Fred", dentro do Paradise Lakes. É muito fácil distinguir um local naturista de outro não-naturista: se os meus filhos podem me acompanhar, a qualquer hora do dia e da noite, é uma área naturista, caso contrário não é. E este aqui não é um clube naturista, - falei apontando para o chão.

Tomei um gole de água e prossegui meu discurso, antes

que tentassem me interromper:

- No meu país, nesse exato momento, o povo está derrubando seu presidente, por ter descoberto indícios de corrupção que o incriminam.

E, apontando para as mesas do Comitê Central, continuei:

- Não sei que tipo de vantagens o Comitê Central recebeu para realizar este congresso neste clube, que não é um clube de Naturismo, ao invés de fazê-lo em qualquer outro dos grandes clubes de Naturismo, sérios, que existem nas redondezas. Eu não poderia fechar meus olhos e calar a minha boca neste momento, pois, se o fizesse, estaria sendo conivente com tudo o que está acontecendo aqui. A FBN é, certamente, a mais pobre de todas as federações aqui presentes e confesso que vim para este congresso motivado a pedir ajuda financeira para o nosso Movimento no Brasil, mas mudei de idéia. Luto por um ideal calcado nos princípios básicos do Naturismo e não vendo a lealdade a esses princípios por dinheiro nenhum. Prefiro continuar lutando contra nossas dificuldades financeiras, no Brasil, e independente da ajuda da INF, a me calar agora e sustentar o peso na consciência por ter sido conivente com a corrupção dos valores morais do Naturismo.

Eu tinha perfeita consciência do que estava fazendo. Além antipático para com os anfitriões, estava sendo até arrogante para cima da cúpula da Federação Internacional de Naturismo que, entre pasma e apreensiva, assistia ao meu discurso, ora inflamado, ora emocionado, mas sempre sério e contundente. Não tinha a menor idéia do que iria acontecer depois daquilo. Talvez fôssemos convidados a ir embora, talvez fôssemos desligados da INF. Entretanto, já que o fogo estava feito, não custava nada pôr um pouco mais de lenha na fogueira, e continuei:

- E tem mais: nós só conseguimos participar deste congresso graças à ajuda dos amigos naturistas do Brasil e a uma promessa do Sr. Karl Dressen, vice-presidente da INF, aqui presente, que nos ofereceu a quantia de 1.000 francos

suíços, através desta carta - apresentei a carta -, que ainda diz "esperamos que, com esta ajuda, vocês possam participar do congresso", e, até agora, apesar de termos solicitado inúmeras vezes o dinheiro prometido, só fomos enrolados pelo Sr. Dressen, a quem pergunto agora, em público, se vai ou não cumprir com seu compromisso.

Antes que ele tentasse responder, concluí:

- Não sei se consegui me fazer entender completamente, pois meu vocabulário em inglês é pequeno, mas tenho certeza de que a minha consciência, a partir de agora, está leve e não vai sobrecarregar o peso do avião, na hora em que eu estiver voltando para o Brasil. Agradeço a simpatia e a hospitalidade dos funcionários do Paradise Lakes, que nos receberam com um carinho imenso e acima de qualquer crítica e sinto muito se minhas palavras feriram a quem quer que seja. Apenas cumpri com minha consciência e com a minha responsabilidade. Amo todos vocês.

Metade dos presentes me aplaudiu. Outra metade ficou em silêncio, meio atônita, esperando ver o que ia acontecer.

O presidente retornou ao assunto da revista H&E, que estava sendo discutido antes do meu discurso, e prosseguiu como se nada tivesse ocorrido.

O representante da Inglaterra, que estava sentado ao meu lado, cochichou no meu ouvido, dizendo que concordava comigo.

Alguns, que estavam sentados do outro lado do salão, à minha frente, cumprimentavam-me com os olhos. Outros, não querendo se comprometer, evitavam me olhar.

Nita, uma senhora de cabelos grisalhos, presidente da Federação Holandesa de Naturismo, pediu a palavra e concordou com o presidente da INF no que se referia ao assunto da revista, mas aproveitou o microfone e disse:

- Para mim é uma surpresa muito grande ver um presidente de uma Federação de Naturismo tão jovem, como o presidente da FBN. Tão jovem e, ao mesmo tempo, tão corajoso para levantar o problema que nenhum de nós está querendo

enxergar, talvez por educação, talvez por medo. O fato é que ele está coberto de razão e temos de concordar com ele.

Ufa! Foi um alívio sentir que já não estava mais sozinho. Phillip, presidente da Federação Francesa de Naturismo, também manifestou o seu apoio ao que eu havia falado. E foi só, pois o presidente interrompeu a reunião para o almoço.

Até aquele momento, sempre que interrompiam os trabalhos para algum intervalo, vários congressistas tinham já por hábito vir até onde eu estava para conversar. O pessoal da Itália, Canadá, Luxemburgo, Nova Zelândia e outros simpatizava muito conosco. Naquele intervalo, entretanto, juntei os papéis, levantei e olhei para trás e vi apenas a Paula e o Moraes, confraternizando comigo.

Durante o almoço, a nossa mesa, que era sempre uma das mais disputadas, estava vazia. Depois de um tempo, o representante da Suécia veio falar conosco, e o nosso amigo Vitório, do Canadá. Não reparei se havia mais lugares vagos no salão, mas o fato era que as pessoas pareciam não querer se comprometer conosco, para não correrem o risco de ser antipáticas com os anfitriões, que continuavam sorrindo para nós. Um sorriso, talvez, um pouco forçado.

O fato é que eu havia acusado o Comitê Central de corrupção e criticado duramente o Paradise Lakes e, por extensão, a American Sunbathing Association, e nenhuma defesa ou explicação foi tentada por qualquer dos alvos das minhas acusações. Eles pareciam ter simplesmente calado e consentido. Era só o que podiam fazer, pois sabiam que eu estava com a razão e quanto mais tentassem justificar, pior ficaria.

Após o almoço, o congresso voltou a funcionar no salão principal, apenas para serem realizadas as eleições para as duas vagas na vice-presidência da INF e o posterior encerramento.

As cédulas continham o número do peso de voto de cada delegado e, no nosso caso, era peso 1 em 262 votos possíveis.

Certamente, meu voto não tinha nenhum poder para alterar qualquer resultado nas apurações, mas, mesmo assim, votei coerente com a minha opinião, indicando a candidata do Canadá e o nosso amigo de Luxemburgo, embora fossem os menos prováveis vencedores.

Recolhidas as cédulas e apurados os votos, a secretária da INF leu o resultado: em primeiro lugar, a candidata Petra Scheller, do Canadá; em segundo, o de Luxemburgo; e em terceiro, Arne Eriksen, dos EUA.

Mais uma vez, o silêncio da estupefação reinou por alguns instantes e, depois, Bart, presidente da INF, não conseguindo conter sua expressão de decepção com o resultado, que frustrava completamente as expectativas do Comitê Central da INF, falou, dirigindo-se aos americanos, que estavam sentados à sua esquerda:

- Vocês sabem... A nossa federação é uma entidade democrática... Como tal, temos de aceitar o resultado das votações...

E assim, em vez de parabenizar os eleitos, desculpou-se com os americanos.

Todo o apoio que não me foi dado publicamente, pelos representantes dos vinte e oito países presentes, foi manifestado por meio do voto secreto, alterando completamente o quadro de uma eleição que já estava acertada.

Antes de encerrar oficialmente o congresso, o presidente da INF colocou a palavra à disposição de quem quisesse fazer uso.

Solicitei o microfone e, enquanto o instalavam na minha frente, Bart pediu que eu procurasse ser o mais breve possível no meu pronunciamento, pois da última vez eu havia ocupado o microfone por mais de meia hora. Falou em tom de brincadeira, mas ao mesmo tempo, talvez, preocupado que eu soltasse mais algumas bombas até o final do congresso.

Não era essa minha intenção. Apenas agradeci, mais uma vez, a acolhida do clube Paradise Lakes e enfatizei que

tinha consciência de tudo o quanto eu havia falado e das conseqüências que poderiam advir do meu pronunciamento, podendo mudar os rumos do congresso, das eleições e do próprio futuro do Naturismo. Salientei que, pessoalmente, nada tinha contra o que havia acontecido no "Club Fred".

Dois ou três outros delegados ainda fizeram uso da palavra e, por último, Walt, ex-presidente da ASA e delegado dos Estados Unidos no congresso, leu uma resposta, elaborada em duas páginas, para as denúncias que eu tinha feito a respeito do Clube Paradise Lakes. Em síntese, alegou ser os EUA um país livre e que, como tal, deveria permitir todo e qualquer tipo de manifestação e conduta. Disse que o "Club Fred" era um local para adultos, onde era proibida a entrada de crianças após as 21 horas. Nada do que falou, entretanto, teve peso para justificar a realização do congresso naquele clube e não em qualquer outro, pois o Paradise Lakes é o único que admite tal tipo de comportamento. Admite na prática, pois na teoria o próprio regulamento do clube proíbe.

Encerrando o congresso, Bart agradeceu a presença de todos e fez uma única menção especial à efetiva e importante participação do Brasil que, com muita personalidade, teve uma atuação expressiva durante todo o congresso.

Quando todos se levantaram, fui até ele e disse que apreciava sua permanência no cargo, pois admirava sua habilidade para aquela função. Bart agradeceu e também confidenciou-me que concordava com o meu pronunciamento e que o próprio Arne Eriksen lhe havia dito, após o resultado das eleições, que reconhecia ter sido um erro realizar o congresso naquele local e que tal erro tinha-lhe custado caro.

Depois de falar com Bart, fui até o grupo dos americanos, que conversavam num canto do salão. Quando cheguei, o grupo se abriu e caminhei diretamente até o Eriksen, apertei-lhe a mão e disse-lhe que algumas vezes na vida a gente se defronta com situações onde deve matar ou morrer e que aquela tinha sido uma dessas. Disse-lhe que acompanhava há muitos anos o seu trabalho na ASA, o

admirava muito e esperava que aqueles acontecimentos não viessem a abalar a nossa amizade.

Entre consternado e constrangido, seu olhar emocionado não conseguia conter a grande frustração daquele dia. Mesmo assim, colocou um sorriso nos lábios e disse:

- Não é nada... A vida continua. Desejo sucesso para vocês, no Brasil.

Mesmo depois de tudo, a Paula continuou grudada no calcanhar do Dressen, até receber boa parte da ajuda de custo prometida.

Depois do congresso, ainda ficamos mais alguns dias na Flórida, onde fomos conhecer outros clubes naturistas, enquanto dávamos algum apoio ao Moraes e à Cristiane, que estavam no hospital em Orlando, desde que sua gravidez havia-se tornado de alto risco, com o rompimento da bolsa. Poucos dias antes de voltarmos ao Brasil, nasceu, forte e saudável, com pouco mais de seis meses de gestação, Carolin, mais uma forte promessa para o Naturismo brasileiro.

Quase dez anos mais tarde, já morando no Centro Naturista Colina do Sol vila naturista por nós projetada e implantada no sul do Brasil recebi uma carta de um amigo americano que, em visita anterior à Colina, havia se prontificado a ajudar uma garotinha naturista brasileira que havia nascido sem ambos antebraços.

A carta tinha o seguinte teor:

"Caro Celso,

Eu não sei se você lembra ter contado para mim e para Bárbara suas experiências no Paradise Lakes Naturist Resort, em Land O Lakes, Florida. Você contou que muitos anos atrás, quando você e Paula representavam a Federação Brasileira de Naturismo no congresso da Federação Internacional de Naturismo que aconteceu neste resort, ocorreram muitos fatos e eventos não naturistas e com orientação sexual bem defronte dos seus olhos; vocês os acharam ofensivos, mas o que mais os surpreendeu foi que tais fatos eram apoiados pela gerência e pelos funcionários do resort.

Estou feliz de comunicar que, em agosto de 2001, quando Barbara e eu estávamos procurando auxílio para trazer a pequena Laura Braga, de seis anos de idade, para o Shriners Children's Hospital, em Tampa, Flórida, os novos donos do Paradise Lakes nos contactaram. Eles ofereceram, sem nenhum custo, acomodações para Barbara, para os pais de Laura e para mim, durante todo o tempo em que Laura estivesse no hospital recebendo suas novas próteses para ambos os braços. Estando a apenas desoito quilômetros do hospital que estaria cuidando de Laura, nós aceitamos a oferta. Acredite-me, quando fizemos isso, tua voz, me contando das más experiências que vocês tiveram lá, ecoava na minha mente.

Estou contente de te contar que, durante nossa visita, todos os funcionários do Paradise Lakes mostraram o maior profissionalismo e todos os clientes se comportavam de modo perfeitamente correto.

Após conhecer pessoalmente os novos donos do resort, tive condições de contar-lhes tua história e meus receios em trazer uma família da Colina do Sol para o seu local. Barbara e eu ficamos muito impressionados, quando o novo dono respondeu: "Eu não estou surpreso. Eu tenho ouvido muitas estórias como esta, sobre como algumas pessoas se comportavam neste resort no passado. Quando você os vir novamente, por favor, diga ao Celso e à Paula que nós estamos mudando a imagem do Paradise Lakes. Aqui, nós estamos muito bem informados sobre a Colina do Sol e nós queremos que nossos convidados se comportem tal qual as boas famílias e solteiros da Colina do Sol! Felizmente, existem grandes resorts naturistas como a Colina do Sol. A Colina do Sol tem um papel de modelo para outros resorts nudistas/naturistas seguirem, e a Colina do Sol é um padrão que nós, aqui no Paradise Lakes, gostaríamos de disputar."

# *Capítulo XX*

# *Algumas Considerações*

Hoje, me pergunto como o Naturismo na Praia do Pinho vingou, já que vivemos num país que tem as mais diversas origens culturais. O povo brasileiro, como latino, é extremamente malicioso e a indústria do sexo, com o afrouxo da censura, nos últimos quinze anos, tem estimulado as pessoas nesse sentido.

Como pôde uma praia de nudismo prosperar num país com tantas religiões que condenam tal prática, por julgá-la imoral, indecente e tantas outras qualificações piores?

Como venceu a legislação penal que, para o caso, é tão genérica e dá margem a arbitrariedades por parte de quem a executa?

Como venceu a agitação promovida por políticos que procuravam, através de sua extinção, ganhar simpatia das alas mais conservadoras da comunidade?

Como pôde resistir à agressão dos curiosos, sendo a Praia do Pinho tão próxima de um dos maiores pólos turísticos do sul do Brasil?

Como tão poucos conseguiram vencer contra tantos e tantas adversidades?

A resposta não é uma só.

Não poderia deixar de considerar que as variáveis de tempo e lugar eram propícias, uma vez que na Praia do Pinho já se praticava o Naturismo de maneira furtiva. A praia, em si, oferece privacidade: é escondida por escarpados morros que a cercam.

No momento em que Tarlis Batista, repórter da revista Manchete, descobriu a praia e sobre ela fez uma reportagem, o então Secretário de Turismo do município, Osmar Nunes Filho, que não tinha conhecimento do fato, foi simpático à idéia, vendo-a como um poderoso elemento diferenciador para o marketing turístico de Balneário Camboriú.

O prefeito e o vice-prefeito, influenciados, talvez, pelo secretário de turismo, não se opuseram à idéia.

O proprietário da área adjacente à praia deixou de ser contra a iniciativa, no momento em que percebeu que poderia lucrar com ela.

Os órgãos de imprensa da região, que até a atuação da polícia, prendendo 25 naturistas, mantinham-se afastados da questão, após tal fato, passaram a ir fundo no assunto, mantendo-o em pauta.

Todas essas variáveis tornavam o local e o momento propícios ao surgimento do Naturismo no Brasil. Variáveis estas, muito difíceis de estarem reunidas num mesmo local, num mesmo tempo.

Nada disso teria adiantado, entretanto, se o Naturismo fosse, de fato, algo prejudicial à saúde moral ou espiritual das pessoas que o praticam, ou se naquele local ou momento não tivessem surgido pessoas determinadas a abraçar a causa e lutar por ela, fosse essa luta na areia, no mar, no ar ou, ainda, na cidade, vencendo os obstáculos legais, políticos e religiosos que a sociedade impunha.

Então pergunto: o que teria levado essas pessoas a encarar uma luta tão difícil e de sucesso tão pouco provável? A resposta está em cada pessoa que, pela primeira vez, vai à Praia do Pinho e descobre o Naturismo.

Acredito que todos temos, confessada ou não, consciente ou inconscientemente, vontade de ficar nus, quando as condições para tanto são favoráveis.

Nesse sentido, somos movidos pelos mais diversos impulsores, que vão desde a revolta contra o tabu de esconder o corpo até, quem sabe, uma "nostalgia", de lembranças arquivadas nos "bancos de dados" contidos em nossa carga genética, dos tempos em que nossos mais remotos ancestrais viviam nus, em comunidade.

O homem, assim como todos os animais que vivem em nosso planeta, em seus habitats de origem, desenvolveu-se, no que tange à sua constituição física, adaptado a um determinado habitat, a cujas condições ambientais seu corpo tinha plenas condições de suportar, ao natural, vestido apenas por sua própria pele.

Com a proliferação da espécie, tornou-se nômade, em busca de alimento. Isto o levou a deslocar-se, em grupos, geograficamente. Esse deslocamento geográfico o levou a regiões para as quais sua constituição física não estava preparada, no que diz respeito às condições climáticas dessas regiões.

No Brasil, ainda hoje, existem várias tribos de índios que vivem nus, pois seus corpos são perfeitamente adaptados ao ambiente onde vivem.

Voltando à Idade da Pedra, quando o homem conseguiu dominar - e usar - o fogo, passou a aquecer-se com ele, procurando, dessa forma, eliminar o desconforto que o frio lhe causava, à medida que rumava em direção aos pólos. Como o fogo não podia acompanhá-lo, aquecendo-o por onde andasse à procura de alimento, descobriu que as peles dos animais que matava para comer, quando colocadas sobre seu corpo, o mantinham aquecido. Passou a usá-las, então, para este fim.

A vaidade e a criatividade sempre foram características da constituição da personalidade do homem. Estes elementos, somados, deram início à "indústria de confecções", gerada, a princípio, por uma necessidade de proteção. De então, até o

século XVI depois de Cristo, segundo Alvin Toffler, há registros de que não era incomum ver-se pessoas andando nuas, até mesmo nas ruas das grandes cidades da Europa.

Com o advento da Revolução Industrial, a produção da indústria do vestuário passou a ser maior do que a procura. O marketing já se fazia presente naquela época, no que tange ao direcionamento dos hábitos populares. Evidente que, a partir de então, passou a ser ridículo estar nu em público, pois isso caracterizava pobreza e o homem havia mergulhado numa alucinada competição em busca de beleza exterior, esquecendo-se de que o homem sem invólucro é o verdadeiro homem, como dizia Goethe.

A participação da Igreja também colaborou nesse sentido.

Em 1935, já existia, na Argentina, uma associação chamada PANDA - Primera Associación Naturo Desnudista Argentina. De uma de suas publicações, extraí um artigo de uma escritora da época, que identificou-se apenas pelas iniciais M.S.V., sob o título "Mi cercano nuevo mundo", que transmite suas sensações quando de sua primeira visita a um ambiente de convivência naturista, que passo a traduzir:

"Desfrutando com todo o meu eu do concerto harmônico do mundo, ia ontem desnuda pelo campo com meus companheiros de clube e, com uma leveza imensa de viver, disse:

- Se vissem como estou impregnada de doçura!...

Essa é a sensação predominante que me produz o nudismo: uma doçura tolerante e compreensiva para interpretar e desculpar todas as debilidades humanas, por ter a tranqüilidade absoluta de sentir-me desculpada definitivamente.

Todas nossas faltas provêm disso que se usa chamar tentações.

Todas nossas tentações derivam do encanto intenso que produz a emoção do perigoso, do oculto, do proibido.

Quando o perigoso, o oculto, o proibido se convertem em proteção, em realidade, em naturalidade, como por arte de mágica desaparece a tentação.

Toda a superstição do pecado, com que nos tem sido vestida a alma, desde tempo imemorial, desaparece quando os seres se olham como tais, e não como mundos revestidos de diferentes aparências.

O carnaval da vida nos tem imposto um disfarce: a roupa. Despojando-nos dela, perdemos todos os atributos fictícios que o disfarce nos impusera.

E daí, dessa liberação espiritual, é de onde provém minha doçura, minha deliciosa e comovedora doçura, quando atravesso o campo comigo e nada mais, somente eu, debaixo de mim mesma, serena e consciente, para palpitar como um pequeno coração, dentro desse grande organismo maravilhosamente harmônico que se chama vida.

Que conquista sentir que soa a oco a palavra vergonha!... Que delícia ver que seu significado se dilui em possibilidades remotas de ações vis que parecem de outro mundo... de alguma história de pesadelo angustiosamente vivida alguma vez!...

Que assombro abrir os olhos do espírito ao não escutar o eco habitual dentro de mim, pronunciando a palavra pudor!

Que admiração ao comprovar que bastou com que todos nos despojássemos das roupas, para que essa carga que nos mostrava, ao que parece sem vacilações, o bom e o mau, no permitido e no inconveniente, tenha-se evaporado no ar luminoso da manhã, sem deixar traços de sua presença!

Que alegria intensa, refrescante, adulta, de sentir-se em si mesma e sacudir este jugo tácito do que nos foi legado, imposto, e que nos mantinha como frascos de essência, fechados, herméticos, egoístas, sem perfumar os dias!

Que segurança enorme de ter a verdade, de ver a verdade, de não lhe ter medo e comprovar que ela é nossa amiga, não nossa carga... Que a má, a enganosa, a provedora de pesares e desenganos, era a ilusão... A que excitava o instinto

com imaginações truculentas, que agora estão trocadas pelo encanto de uma plenitude rara, transportadora, auxiliar nossa, que nos leva amigavelmente pela mão, sem rosto austero nem dedo erguido de mestre intransigente.

Todas estas impressões da minha primeira visita ao clube se intensificaram na segunda.

Eu sei que elas iniciam uma nova era em minha vida.

Assim pensei quando me convidaram.

Temia um pouco ir.

Eu sabia perfeitamente que mudança enorme produziria em mim. Sabia com exatidão as possibilidades que se fechavam com isso, mas ignorava em absoluto quais se abririam ante mim. Por isso, como em frente a qualquer mudança, temia. Por pior que seja uma posição ante a vida, temos por ela um extraordinário apego, por cômoda que é nos hábitos que nos impusera. Novas sensações, e de índole tão decisiva, implicavam, é claro, novíssimas reações: daí meu temor...

Mas dei o salto.

Tão preparada estava para ele que, diretamente saí do vestiário sem roupas e entrei em minha nova vida, com tal naturalidade que muitos duvidaram que fosse a primeira vez que praticava o nudismo.

Claro está que cada indivíduo é diferente e, portanto, meu exemplo, como o de cada um, não deixa de ser um caso isolado. Digo isto para que não me taxem, após lê-lo, de exagerada.

Eu sinto isto. O resto são pequenos ângulos que se abrem cada um até um diferente horizonte e cada qual terá sua palavra, sua expressão, seu aspecto diferente.

É por isso que me parece inútil convencer.

É por isso que somente parece eficaz convidar.

Aquele que, como meus companheiros de clube e eu, anseia o salto, o dará sozinho, pois quando a verdade está construída dentro, ela, por si mesma, é o bastante forte para se abrir passo."

Muitas coisas mudaram nos últimos sessenta anos, mas essa sensação de leveza, como se tirássemos um pesado fardo da nossa consciência, tão bem descrita pela escritora argentina, parece não ter mudado nas pessoas que, hoje, aderem ao Naturismo.

Os turistas que chegam à Praia do Pinho, mesmo que atraídos somente pela curiosidade, surpreendem-se com o que lá acontece. Muitos esperam encontrar uma praia por onde manequins desfilam sua beleza exuberante. Outros esperam encontrar um local onde a liberdade é total e "rola de tudo". Poucos, entretanto, deixam de surpreender-se com aquele local, onde velhos, crianças, jovens e adultos convivem harmoniosamente, em plena nudez, não dando a menor intenção ao fato de estarem nus.

O "alto astral" que aquele ambiente produz e apresenta a quem o vê de fora, com famílias inteiras, do avô ao neto, desfrutando do seu lazer com toda tranqüilidade, atrai qualquer pessoa a participar do que ali acontece.

Porém, a decisão dessa pessoa, de tirar a roupa para ingressar e conviver naquele ambiente naturista, vai depender de uma série de fatores internos e externos a ela própria.

Temos registrado uma estatística peculiarmente interessante: das pessoas que chegam à Praia do Pinho, pela primeira vez, entre sete horas da manhã e meio-dia, 80% aderem ao Naturismo; das que chegam entre meio-dia e três da tarde, 40%; e das que chegam após este horário, apenas 20%.

Estas diferenças de força atrativa que o local exerce, nestes diferentes horários, demonstram claramente a influência dos aspectos externos sobre a decisão de nele ingressar.

Poderia comentar, a respeito, que a praia, pela manhã, é naturalmente muito mais atrativa, esteja a pessoa nua ou vestida. Até o meio-dia, ela ainda está um pouco vazia, oferecendo locais desocupados que permitem maior privacidade aos "naturistas de primeira viagem". Após o meio-

dia, já apresenta uma concentração maior de pessoas, o que reduz esses locais e sua privacidade. Depois das três da tarde, além de não ser mais um horário estimulante, pois geralmente já começa a ventar e o calor do sol já não está mais tão forte, começa um fluxo de turistas e curiosos muito grande, o que assusta a quem quer se iniciar nessa prática.

Afora estes, podemos considerar alguns aspectos internos ao indivíduo. A intensidade dos preconceitos que carrega, com relação a este tipo de comportamento, arraigados em sua estrutura psicológica, frutos da educação religiosa ou familiar que recebeu, pode ser maior ou menor em cada indivíduo. Da mesma forma, a importância que ele dá à sua aparência física. Se ele considera que sua estética é importante para sua aceitação pelas pessoas, e as suas roupas possam disfarçar certas linhas de seu corpo que ele julga menos elegantes, terá, certamente, maior medo de expor-se como é.

Tudo vai girar em torno da maior ou menor segurança que a pessoa sentir com relação a ser ou não aceita pelos outros, após expor-se completamente, ao natural.

Sendo propícias estas variáveis externas e internas, a pessoa vai ingressar na sua "nova vida". Na vida real, sem disfarces ou fingimentos, sem procurar aparentar o que não é.

Mesmo que a pessoa enfrente, timidamente, as dificuldades inerentes ao ato de se despir, em poucos minutos ela se sentirá à vontade. Isto decorre do fato de que, num ambiente naturista, encontram-se todos os tipos de pessoas, de ambos os sexos e das mais variadas idades. Dessa forma, ninguém vai chamar demasiada atenção sobre si, pelo simples fato de estar nu: todos estão igualmente nus.

A questão estética não é levada em consideração: ninguém tem um corpo perfeito e muito menos a obrigação de tê-lo. Isso gera a aceitação de todos por todos.

Ora, todos temos, sejamos mais ou menos bonitos, uma boa dose de insegurança com relação ao nosso próprio corpo. Esta insegurança, às vezes, é responsável por sérios problemas de timidez, que atrapalham e limitam as pessoas nos seus

relacionamentos com os outros.

No momento em que uma pessoa ingressa num ambiente naturista e vê-se aceita, ela nota que, na verdade, nada a impede de aceitar a si mesma. Já que os outros gostam dela assim, por que ela própria não irá gostar?

Daí, começa o crescimento pessoal: sentindo-se aceita, a pessoa passa gostar mais de si mesma, aumenta a sua segurança e autoconfiança e, com isso, seu amor-próprio.

O amor-próprio é o elemento mais importante na busca da felicidade. Ninguém consegue ser feliz se não gostar de si mesmo, com todos os seus "defeitos e qualidades". Defeitos e qualidades são relativos a quem os julga. São subjetivos. Nosso maior juiz e carrasco somos nós mesmos. Num ambiente naturista, não são as outras pessoas que vão julgar se estamos dentro, ou fora, dos padrões estéticos aceitáveis. Portanto, se alguém tem medo deste julgamento, não deve olhar-se no espelho.

Todas as pessoas que praticam o Naturismo passaram por isso quando começaram; portanto, compreendem perfeitamente o sentimento de quem, pela primeira vez, ingressa em uma área naturista.

Quando a pessoa se sente aceita como é, sente-se igualmente perdoada por todos os seus supostos "defeitos". Isto a livra de um enorme peso, o que a faz sentir-se leve e confiante, a ver a si própria com bons olhos e, conseqüentemente, a ver o mundo e os outros, igualmente, com bons olhos.

Este é o mecanismo psicológico básico que mantém, espontaneamente, a característica terapêutica do ambiente naturista. É o que faz as pessoas transmitirem às outras o que lá receberam: aceitação pura e simples para serem autênticas, sem máscaras ou disfarces.

# *Capítulo XXI*

## *Amigos de Infância*

Ao contrário do que possa parecer, uma área de Naturismo não é um local propício a conquistas. Principalmente aqui no Brasil, onde tais áreas ainda são um movimento de ponta.

Apesar de já um tanto ultrapassado nos países desenvolvidos, no Brasil ainda temos modelos de masculinidade e feminilidade ligados a um comportamento sexualmente agressivo.

O apelo erótico ainda é extremamente utilizado nas campanhas de marketing, que visam conduzir as pessoas a consumir determinados produtos ou serviços. Portanto, o que vemos, através dos meios de comunicação, nas propagandas e anúncios, são modelos de feminilidade baseados num comportamento sexualmente provocante e sensual.

A mulher busca, então, ser sexualmente desejada pelo maior número de homens possível.

Os homens, por sua vez, já há muitas gerações, têm procurado afirmar - e auto-afirmar - sua masculinidade, através de uma postura sexualmente obsessiva. Os dois modelos encaixam-se perfeitamente, mas não levam a nada, a

não ser sexo, puro e simples.

A simples curiosidade em relação ao corpo do sexo oposto pode, muitas vezes, levar duas pessoas a um motel para praticar o sexo, quando o que queriam, no fundo, era apenas conhecerem os corpos um do outro.

O resultado desse tipo de comportamento são subseqüentes frustrações, pois o relacionamento sexual de duas pessoas é algo que requer adaptação mútua, o que leva tempo e não é no primeiro encontro que se conseguirá a adaptação.

Quando o interesse que aproxima duas pessoas, pela primeira vez, é somente sexo, quando não houver nenhum outro interesse entre elas, dificilmente ambas darão prosseguimento ao seu relacionamento pelo tempo necessário à adaptação que poderia trazer maior satisfação ao casal.

Daí decorrem experiências sexuais frustradas, que em nada são positivas.

Num local onde o homem e a mulher já se conhecem completamente nus, a expectativa em relação ao corpo do sexo oposto não existe. Desarmados de disfarces, eles não conseguem representar o que não são. Assumem, então, uma postura natural.

Não quero dizer, com isso, que num ambiente de convivência naturista inexistam relacionamentos que levam ao sexo. Eles existem. Apenas afirmo que, na maioria das vezes, estes decorrem de momentos e relações verdadeiramente propícios para tanto e não movidos por falsos impulsores.

Em outras palavras, quero dizer que o sexo é resultado de sentimentos e manifestações de sensualidade e erotismo provenientes de relações de amizade, afetividade, carinho, paixão e amor.

No âmbito familiar, o Naturismo produz o crescimento do respeito mútuo entre o casal. Aproxima a ambos, eliminando eventuais sentimentos de superioridade e poder de um em relação ao outro, na medida em que passam a encarar-

se plenamente como seres humanos, em meio aos outros, na maravilhosa e autêntica individualidade que cada um representa.

O mesmo se dá com os pais em relação aos filhos. Com estes ainda, favorece uma relação muito mais íntima, livre de preconceitos e tabus, o que gera informações mais puras e saudáveis à sua educação. Todos tornam-se mais amigos e companheiros.

Quando meu filho, Gabriel, estava com um ano e meio, deparei-me com uma situação que muitos naturistas já enfrentaram: ele descobriu o meu pênis. A primeira reação que o nosso condicionamento cultural nos sugere, no momento em que nosso filho pega numa parte íntima do nosso corpo, é afastá-lo ou reprimi-lo.

Não é uma boa postura.

Gabriel ficou um mês e meio intrigado com o meu pênis. Apertando, puxando, esticando. Quando doía, eu gritava e demonstrava que não estava gostando daquela brincadeira, mas, de uma maneira geral, procurei não demonstrar muita importância ao fato. Passada aquela fase, ele não se interessou mais pelo meu pênis e parece que descobriu o seu próprio. No momento em que ele teve a curiosidade, pôde saciá-la, à vontade.

Certa vez ouvi alguém comentar: "Na Praia do Pinho, a gente faz amigos da infância". Quem comentava era alguém que passara seus primeiros quinze dias na praia, em companhia da família, referindo-se aos amigos que lá havia conquistado.

Aquela expressão me chamou a atenção e passei a analisá-la: "Por que, na Praia do Pinho, a gente faz amigos da infância?"

Quando crianças, somos autênticos e abertos, receptivos. Os conhecimentos e amizades que se formam, então, são puros e verdadeiros. Não se formam baseados em imagens distorcidas, provenientes de disfarces forjados para a ocasião. A receptividade não está bloqueada por preconceitos e

defesas. Os vínculos que se constroem são mais fortes.

Nesse sentido, no ambiente naturista, "voltamos ser crianças" e temos, novamente, a possibilidade de fazer "amigos de infância".

Uma das grandes preocupações que, após analisar o comportamento das pessoas na praia, ainda me perturbava, era saber como relacionar-se-iam aquelas pessoas fora do ambiente naturista: levariam ou não, para além dos limites da praia, tudo aquilo que, lá, as fazia relacionarem-se como "amigos de infância"?

Esta dúvida me acompanhou até o dia em que pude "tirar à prova" os efeitos do Naturismo, fora do seu ambiente.

Havíamos ido até a praia Vermelha, um pouco ao norte de Navegantes, para contatar com o proprietário da área, em busca de uma nova "Praia do Pinho".

Estávamos no carro de um advogado paulista, um Monza SLE do ano, carro que combinava bem com o seu proprietário, que gostava de roupas elegantes, jóias de ouro, lugares sofisticados. Ele conheceu o Naturismo na Europa, para onde se dirigia algumas vezes por ano para freqüentar aquelas praias e clubes naturistas.

Quando estávamos voltando ao Pinho, paramos em Itajaí, na oficina autorizada Chevrolet, pois ele queria que consertassem alguma coisa no espelho retrovisor do seu carro. Enquanto aguardávamos para ser atendidos, um dos mecânicos nos reconheceu e veio até nós: era um amigo da Praia do Pinho.

Quando o vi se aproximando, inventei uma desculpa e me afastei alguns metros, para assistir àquele encontro, deixando-os à vontade, para ver quais seriam suas reações.

Era o encontro de um sofisticado - e rico - paulista com um mecânico de oficina, sujo de graxa. O paulista na faixa dos 40 anos e o mecânico, 27 ou 30 anos.

Fiquei surpreso e emocionado, ao ver que os dois se cumprimentaram com a mesma alegria com que faziam na praia e portaram-se da mesma forma.

Na Praia do Pinho, é normal todos se tratarem de igual para igual: seja rico ou pobre, culto ou ignorante, homem ou mulher, jovem ou velho, adulto ou criança.

Todos estão nus, sem as fantasias que diferenciam as pessoas e as levam a considerarem-se pelas aparências externas. Nus, todos são iguais e vêem-se refletidos uns nos outros.

No ambiente urbano, entretanto, as pessoas voltam a vestir seus disfarces, inerentes a seus estilos de vida, o que gera preconceitos e separação de classes e níveis culturais, e isto afasta as pessoas.

Pude constatar, daquela cena que observei, que ambos não estavam nem ligando para os disfarces externos que os diferenciavam um do outro. Os laços de amizade formados na praia não se dissolveram, nem aparentemente, fora dela.

# *Capítulo XXII*

## *Sem Cabeça e Sem Rabo*

Existe algo no nosso país com o qual não posso concordar: assisto, perplexo, a cenas na televisão nas quais pessoas são mortas, a sangue frio; desenhos infantis, em grande quantidade, baseados na violência explícita; estupros, assaltos e assassinatos sendo noticiados todos os dias. Tudo isso faz com que as pessoas encarem essas verdadeiras imoralidades como as coisas mais naturais do mundo, enquanto o corpo humano, que, em si, não tem maldade nenhuma, é algo cuja visão, ao natural, as choca.

Outro dia, estava sentado na sala de espera de um dentista, onde também se encontravam duas senhoras, folheando revistas. Observava, discretamente, a mulher ao meu lado olhando, naturalmente, fotografias "cheias de sangue" de um massacre no Oriente Médio. Depois de virar mais algumas páginas, ela fez uma expressão de espanto, colocando a mão sobre a boca. Mirei o que ela estava vendo: era a fotografia de uma moça de topless, numa praia do Rio de Janeiro.

Ela mostrou a foto para a outra senhora e disse:

- Olha só!... Está vendo?!... É o fim do mundo! Qualquer

dia vão estar peladas... É uma pouca vergonha!

Ao que a outra concordou, gesticulando afirmativamente com a cabeça.

Realmente, em parte, ela tinha razão: "É o fim do mundo!"

Não o fato da moça estar de topless, e sim a demonstração que ela própria deu da mentalidade do nosso povo e seus valores. Realmente, se as pessoas continuarem a encarar a violência com esta naturalidade, ela continuará a fazer parte do nosso dia-a-dia e poderá nos levar ao "fim do mundo". Corpos nus não apresentam riscos às outras pessoas, não geram violência e podem levar ao "começo do mundo". De um novo mundo, com mais respeito e amor ao próximo.

O homem precisa buscar uma nova forma de vida, no que tange ao seu relacionamento, consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Esta busca deve iniciar de fora para dentro para, posteriormente, determinar um posicionamento de dentro para fora.

Pouco antes da conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro, em 1992, depois de assistir a cenas de soldados americanos distribuindo alimentos na Somália, redigi o seguinte artigo, sob o título "Uma questão de consciência":

"Nas últimas semanas, temos assistido, confortavelmente sentados diante de nossos aparelhos de televisão, a cenas comoventes de uma nação morrendo de fome.

Penso que nossa civilização, de uma maneira geral, já atingiu um estágio de evolução tal que não nos permite mais escondermo-nos sob a fachada da ignorância ou da falta de consciência.

Teria existido, um dia, na África, um povo chamado Somali? Seriam esses somalis índios que viviam há milênios numa convivência equilibrada com seu meio ambiente? Seria essa tribo constituída de homens que caçavam animais selvagens e mulheres que colhiam frutos para alimentar a si mesmas e às suas crianças? Teriam esses somalis sido

descobertos por outros povos 'civilizados' que, além de roubar os homens das tribos para torná-los escravos, mudaram os hábitos e a cultura daqueles que aceitavam o 'jogo' da seleção natural? Teriam esses povos colonizadores, que matavam os animais por interesses econômicos, ou simplesmente por esporte, proibido os somalis de caçar, sob pretextos ecológicos de preservação de espécies que a ganância e a inconsciência do homem branco puseram em extinção?

Aquele punhado de arroz branco, misturado com terra, apanhado do chão pela criança esfomeada, é mais uma punhalada de nossa 'civilização' sobre aquele povo que nem sequer deixamos morrer com dignidade. É o 'campo de concentração' do ano 2.000.

Não podemos mais aliviar nossa culpa sob o manto da inconsciência. Nós sabemos que aquele povo, um dia, teve guerreiros, teve deuses, teve orgulho, dignidade. Suas condições de vida, em harmonia com a natureza e com as regras da seleção natural, que nós classificaríamos de pobreza ou miséria, eram, para eles, tudo o que conheciam de felicidade em função de seus valores e seus horizontes.

Hoje, fala-se em desenvolvimento sustentável, controle da natalidade, biodegradáveis, etc. Vários meios de tentar atingir um ponto de equilíbrio e harmonia entre as necessidades do homem e as condições da natureza em suprilas, sem ser consumida num processo irreversível de degradação.

No momento em que os últimos índios estão sendo descaracterizados e desaculturados com 'calções adidas e sandálias havaiana', os cientistas mais conscientes começam a admitir que o que se busca hoje, em termos de ocupação sustentável do planeta, é o que os índios já praticavam com orgulho, dignidade e felicidade.

Se o desafio da nossa Era é o de buscar equilíbrio ecológico, temos de abrir os olhos para o principal desequilíbrio da ecosfera: a superpopulação da espécie humana. Que a origem de quase todos os nossos problemas socio-econômicos e

ecológicos é o descontrole da natalidade, com a altíssima proliferação da humanidade, é uma afirmação tão lógica quanto óbvia, não há a menor dúvida.

Se você tem um hectare de campo e coloca, sobre essa área, um boi e uma vaca, estes dois animais poderão sobreviver com o alimento que a terra produz. Se, ao longo de dois anos, nascerem dois terneiros, o mesmo espaço terá de ser dividido por quatro cabeças e a quantidade de alimento produzida continuará a mesma: o gado emagrecerá. Se você não promover o abate, reduzindo a população bovina em sua área, em pouco tempo todos morrerão de fome.

Hoje, somos cinco bilhões de habitantes sobre a face da Terra e, mesmo se todos os nossos recursos fossem divididos com igualdade, já não teríamos o suficiente para uma qualidade de vida considerada satisfatória.

Aumentar a produção de recursos para a nossa sobrevivência e conforto significa devastar mais e mais as reservas naturais.

Daqui a cinqüenta anos, seremos dez bilhões, o que, seguramente, será inviável. Entre o insatisfatório de hoje e o inviável de daqui a duas gerações está o princípio do caos, que deve ocorrer a partir do ano 2.020. É claro que existem fatores que podem atrasar ou antecipar esse momento. A evolução e a socialização da medicina, por exemplo, aumentando a expectativa de vida das pessoas e reduzindo a mortalidade infantil, podem antecipar o caos da superpopulação. As guerras e as doenças infecto-contagiosas podem conter um pouco do crescimento demográfico e retardar o caos.

Esse é o prêmio pela vitória da nossa civilização sobre as culturas indígenas. É o ano 2001 se aproximando e transformando em realidade as viagens interplanetárias sonhadas há quarenta anos atrás. É o planeta Terra sendo invadido e destruído, não por seres de outro mundo e, sim, seres humanos de uma aldeia global que não tem identidade e nem uma cultura homogênea e consistente, o que a deixa sem condições de resolver seus próprios problemas.

É lógico que não seria uma saída aceitável aposentarmos a medicina ou deixarmos de combater as causas dos genocídios. A solução mais viável, do ponto de vista moral, seria um decisivo controle da natalidade. A iminência do abismo em que nos encontramos não nos permite mais o luxo de levantarmos argumentos religiosos avessos a essa necessidade. O planejamento familiar passa a ser uma questão de sobrevivência da humanidade.

A China já instituiu, há anos, programas rigorosos nesse sentido, interferindo profunda e drasticamente na liberdade das famílias de decidir ter dois ou mais filhos. Não sei até que ponto os povos ocidentais, acostumados a viver em liberdade, aceitariam as mesmas condições. Por outro lado, as populações desses países seriam mais suscetíveis às campanhas de marketing, associando benefícios de ordem material, e de prazer, com a redução voluntária da intenção de ter filhos.

Incentivos à esterilização voluntária e legalização do aborto teriam de ser discutidos à luz da necessidade de sobrevivência da espécie humana sobre o planeta, pois as objeções morais e religiosas só fariam por aumentar o número de crianças condenadas a viver a geração do caos.

Passado esse período, com a humanidade drasticamente reduzida, estará, então, o planeta Terra apto a comportar seus sobreviventes que, esperamos, tenham aprendido a lição."

Depois de ler o que havia escrito, percebi que poderia penetrar num terreno um pouco mais delicado, mas não menos ligado à saúde da humanidade, e redigi: "Uma questão de consciência II":

"Além de um controle rigoroso de natalidade - única possibilidade de sobrevivência futura da humanidade - a redução e a racionalização do consumo, de uma maneira geral, é também uma condição essencial à manutenção da espécie

humana sobre a Terra.

Em 1972, poderia ter sido feita uma pesquisa entre jovens na faixa etária dos 20 aos 30 anos de idade, que seria refeita vinte anos mais tarde, com os mesmos entrevistados, que apresentaria os seguintes resultados: "Dados de 1972 - Nome: José Carlos; Estado Civil: casado; Idade: 24 anos; Residência: Curitiba; Profissão: corretor de imóveis; Patrimônio Pessoal: um Ford Corcel, ano 70; Seu Maior Sonho: "Morar num sítio, produzindo hortigranjeiros". Dados de 1992 - Nome: José Carlos; Estado Civil: casado; Idade: 44 anos; Profissão: empresário do setor imobiliário; Patrimônio Pessoal: dois apartamentos de 3 quartos, uma loja, um sítio, um Monza SLE, ano 91, um Ford Escort, ano 92; Seu Maior Sonho: "Morar num sítio e trabalhar na terra"... Dados de 1972 - Nome: Júlio César; Estado Civil: solteiro; Idade: 22 anos; Residência: São Paulo; Profissão: operador de máquinas; Patrimônio Pessoal: uma bicicleta Caloi; Seu Maior Sonho: "Montar um bar em alguma praia do Nordeste". Dados de 1992 - Nome: Júlio César; Estado Civil: casado; Idade: 42 anos; Residência: São Paulo; Profissão: gerente de seção; Patrimônio Pessoal: uma casa de 100 metros quadrados, um apartamento de dois dormitórios, um Monza, ano 86, um Fusca, ano 81; Seu Maior Sonho: "Ser dono de um bar na beira da Praia"... Dados de 1972 - Nome: Marcos Flávio; Estado Civil: casado; Idade 24 anos; Residência: Belo Horizonte; Profissão: bancário; Patrimônio Pessoal: um apartamento de dois quartos, um Fusca, ano 70; Seu Maior Sonho: "Ter alguma renda de aluguéis e morar num veleiro, viajando pelo mundo"... Dados de 1992 - Nome: Marcos Flávio; Estado Civil: casado; Idade: 44 anos; Profissão: desempregado; Patrimônio: dois apartamentos de dois quartos e um veleiro de 34 pés; Residência: incerta (informações fornecidas por seu procurador).

Talvez, mais de noventa por cento das pessoas enquadrem-se nos tipos de José Carlos e Júlio César. Muito poucos seguem o caminho de Marcos Flávio, transformando

seus sonhos em realidade. A maioria das pessoas habitua-se a viver sonhando com um futuro e, quando a possibilidade de transformar esse futuro em presente aparece, nada fazem além de empurrá-lo mais para a frente, longe do alcance de suas mãos.

Após a falência dos sistemas comunistas, que inviabilizavam a felicidade das pessoas em função da retenção da liberdade pelo Estado, o capitalismo é o sistema sócio-econômico que impera na atualidade.

A mola propulsora do capitalismo é o consumismo - quanto maior o consumo, maior a produção, maior o número de empregos gerados, mais riqueza. O aumento da riqueza possibilita maior consumo, que, por sua vez, gera mais lixo e degradação ambiental através da fumaça das fábricas, dos insumos retirados da terra e dos resíduos químicos, além de uma necessidade de produção de energia em larga escala, o que, igualmente, compromete os recursos naturais do planeta.

A necessidade do sistema, de manter elevados os índices de consumo das pessoas, através de uma lavagem cerebral coletiva, por meio de propaganda explícita ou implícita, nos meios de comunicação de massa, leva as pessoas a habituarem-se a gastar dinheiro. Assim, as pessoas são levadas a trabalhar muito além da sua capacidade e a consumir muito além da sua necessidade. Isto torna-se um círculo vicioso no momento em que o homem agarra-se à obsessão consumista como forma de compensar a frustração do seu dia-a-dia, que foi vendido pelo salário do fim do mês.

Com o tempo, o homem perde a coragem de mudar de vida e vai postergando seus sonhos sabendo, no fundo, que nunca vai realizá-los.

Com a perda da coragem vem a insegurança que o impulsiona, mais uma vez, ao trabalho, com o fim de aumentar o patrimônio pessoal para garantir o futuro. Um futuro rico, porém, frustrado pelos sonhos enterrados. Resta ser espectador, passivo, dos filmes de aventura que a TV traz para dentro da sua casa. Na sua vida real, entretanto, nem pensar

em aventura. As pessoas tornam-se seres vegetativos, meros robôs do sistema, pois a morte prematura dos sonhos mata o espírito do homem.

Boa parte dessa visão distorcida da vida vem da idéia errônea de que a felicidade é um ponto a ser atingido. Isso é um contra-senso, pois sugere que tudo o quanto vivemos antes, e depois, desse ponto é infelicidade. Mais saudável e lógico é imaginar que a felicidade é uma linha que traçamos na direção dos nossos sonhos, ao longo da qual somos felizes.

O tratamento da saúde da ecosfera passa necessariamente pelo caminho da busca da felicidade do homem que a habita. Seria um problema de fácil solução? Talvez, se encarado com seriedade e praticidade.

O atual sistema sócio-econômico do planeta Terra, de forma genérica, assegura liberdade aos homens, que são, entretanto, conduzidos através dos seus interesses materiais. Qualquer alteração que se quisesse imprimir na cultura da nossa 'aldeia global' teria de ser implantada a partir dos ricos, se considerarmos como tal a população economicamente ativa - mais culta, mas, também, mais suscetível aos apelos de marketing.

Os ricos devem ser induzidos a reduzir, espontaneamente, seus níveis de consumo, transformando em moda as atividades ocupacionais que não requeiram consumo de bens materiais e, portanto, não gerem detritos, o que se poderia chamar de 'ocupação ecológica'.

A redução da carga horária de trabalho e o aumento do tempo destinado ao crescimento intelectual e espiritual contribuiriam duplamente para o despertar da satisfação e da felicidade do dia-a-dia. Essa redução seria possível com a redução do consumo.

Reduzindo a jornada de trabalho, de oito para quatro horas diárias, abrem-se oportunidades de emprego para o preenchimento do horário restante, ou seja, o mesmo trabalho que é executado por uma pessoa seria realizado por duas, em dois turnos diferentes.

O aumento da oferta de emprego fortaleceria os pobres, que, então, deixariam de ser pobres e começariam a participar do 'programa da felicidade'.

Finalmente, resgatada a felicidade de viver dia-a-dia, o homem recuperaria a coragem para enfrentar a realização dos seus sonhos, e é no caminho deles que está a felicidade e a paz de espírito: um estágio onde a obsessão consumista inexiste e o homem vive em harmonia com a ecosfera."

Poucos dias atrás, estava assistindo a uma novela da Rede Globo e um dos personagens resumiu, em poucas palavras, boa parte da essência do que havia escrito: "Quem trabalha, mata a fome - não come o pão de ninguém. Quem trabalha mais do que come, tira o pão de quem não tem".

No início de janeiro de 1992, recebi uma equipe de reportagem da revista Veja. Para minha surpresa, eles não estavam interessados em fazer uma reportagem sobre o Naturismo e, sim, sobre a minha mudança de vida, saindo da cidade e indo morar no meio do mato.

No dia 20 de janeiro de 1992, na capa da Veja Rio Grande do Sul, saiu publicada uma foto minha, ao lado da Paula, grávida da Valentina, e do nosso filho, Gabriel. O título da capa era: "A volta por cima" e o subtítulo "Os personagens que viraram a vida do avesso e realizaram seus sonhos".

A matéria, retratando três casos de pessoas que mudaram radicalmente de vida, começava abaixo do título "Eles viraram o jogo e se deram bem", assim:

"Lourindo Antônio Pinto era diretor do Banco Iochpe. Ganhava 4.000 dólares por mês mas viajava tanto que mal via seus três filhos. Carlos Arturo Vieira Silva sempre ocupou altos cargos em grandes empresas. Até que ultrapassou a barreira dos 50 anos e se deu conta de que, num país como o Brasil, o peso da idade é muito maior do que se pode imaginar. Celso Rossi era gerente de marketing da empresa de sua família. Morava num belo apartamento e passeava de veleiro nos fins de semana. De tão cansado da vida em Porto Alegre, decidiu

literalmente despir-se de tudo e foi morar na Praia do Pinho, em Santa Catarina. Virou uma espécie de embaixador brasileiro do nudismo. Lourinardo, Carlos Arturo e Celso correram anos e anos atrás do sucesso profissional e um dia se deram conta de que não haviam olhado para os lados. Um dia, eles perceberam que podia ser muito melhor e mais saudável viver a vida fora da loucura do dia-a-dia das empresas, da cotação do dólar, da movimentação das bolsas de valores. Hoje, todos vão muito bem, obrigado. Personagens como Lourinardo, Carlos Alberto e Celso contam-se em número cada vez maior no Rio Grande do Sul. Em meio à maior crise econômica de que se tem notícia na história brasileira, eles souberam a hora certa de sair da roda-viva, reconstruir tudo nos alicerces, realizar sonhos antigos - e dar a volta por cima."

A reportagem seguia contando a história dos outros personagens, e depois continuava:

"Mas a experiência mais radical de virada foi a promovida por Celso Rossi. Num domingo de agosto de 1987, deitado numa espreguiçadeira em seu apartamento de cobertura no bairro Passo d'Areia, em Porto Alegre, Celso declarou-se morto, segundo suas próprias palavras. Aos 27 anos, filho de um dos principais acionistas da Rossi & Cia Ltda., Celso ganhava 1.200 dólares por mês como gerente de marketing. 'O tédio da vida da classe média alta é que me matou', relembra ele hoje. Na época, declarou-se morto para a sociedade de consumo, para o imposto de renda e para os amigos que compartilhavam os passeios em seu veleiro pelas águas do Guaíba. Abandonou tudo o que o incomodava na cidade e optou por explorar, até o último limite, a liberdade de viver sem compromissos, 'só para mim mesmo'. Largou tudo, inclusive as roupas, e foi viver numa praia de nudismo em Santa Catarina. 'Cansei de ser um almofadinha de cidade grande. Estou passando a fase mais feliz da minha vida e não me arrependo de ter trocado o luxo de um apartamento por uma casa de troncos que eu mesmo construí', afirma.

Quando decidiu dar a volta por cima e levar uma vida

mais simples, Celso já era presidente da Federação Brasileira de Naturismo, entidade criada em 1986 e que hoje tem 800 associados. Se não tivesse realmente decidido mudar, certamente teria voltado atrás logo nos primeiros dias. Durante todo o primeiro ano em que viveu na praia, a casa de troncos de eucalipto não tinha luz nem água. 'Nesses cinco anos, aprendi a ver como são falsos os valores impostos pela sociedade'. Ao longo desse tempo, Celso praticamente só sai da praia para divulgar o trabalho da associação. Quando está no Pinho, dedica-se à construção de bangalôs e administra um pequeno camping no terreno onde mora. O que mais gosta de fazer é agir como um anfitrião do nudismo. Em 1988, Celso casou-se com Paula Andreazza, sobrinha do ex-ministro Mário Andreazza, outra fiel adepta do naturismo. Hoje os dois vivem na praia com o filho Gabriel, de dois anos - e aguardam, para o final deste mês, o nascimento da segunda criança. Para garantir que esse sonho não se transformasse num pesadelo, Celso vendeu tudo o que tinha antes de deixar Porto Alegre. Acumulou 25.000 dólares - 'dinheiro suficiente para viver dez anos aqui' - e partiu para a grande aventura. 'Comprei minha liberdade', costuma dizer Celso. 'Gastamos muito pouco, não dependemos de ninguém e só fazemos aquilo que nos dá prazer'. Para quem sempre acreditou que o único caminho é competir até alcançar o poder, seja qual for o ramo de atividade, certamente os valores defendidos por Celso e Paula não servem para nada. 'Para nós o que vale é a integração com a natureza, a busca da harmonia'. Pode-se dizer que eles alcançaram seu sonho. Um sonho que está dentro de cada um. 'Afinal', resume Celso, 'uma pessoa pode ser muito feliz como gerente de marketing'.

- E aí, Celso, tudo bem?

O mar batia forte contra as pedras logo abaixo do platô sobre o qual estava recostado. A toalha de praia apenas isolava o contato direto da grama mal aparada contra a minha pele, formando um gostoso acolchoado verde, tal qual uma arquibancada erguendo-se vinte metros acima da espuma

branca que corria de volta para o mar. O céu e o mar disputavam os mais perfeitos tons de azul, nos quais eu estava imerso, e o rugido da última onda não me deixou despertar para alguém que chegava pelas minhas costas, tentando me acordar.

- Estavas dormindo? - insistiu aquela voz, me trazendo de volta à consciência dos cinco sentidos.

Era Jorge Baun, antigo amigo naturista. Freqüentava a Praia do Pinho há anos, junto com a esposa e os filhos que, nesta vez, tinham ficado em Curitiba, pois a temporada de verão já havia terminado e Jorge, viajando a negócios pela região, resolveu dar uma chegada até o Paraíso da Tartaruga.

- Sabe, Celso, eu te invejo - ele continuou após certificar-se de que eu estava realmente acordado. - Tivestes a coragem de jogar tudo pro alto e vir morar aqui neste lugar fantástico.

Muitos naturistas vinham com essa conversa de que "admiravam a minha coragem e invejavam o meu modo de vida". Paravam seus automóveis zero quilômetro no estacionamento, não poupavam nas despesas, alardeavam de seus negócios, casas e apartamentos de cobertura e, no dia seguinte, começavam a se queixar de úlceras, problemas de insônia, stress.

- Não inveje, faça o mesmo - respondi.

- Ah... não é bem assim. Precisa muita coragem - disse, sacudindo a cabeça.

- Tu tens coragem de morar numa cidade grande, cheia de riscos, trânsito, violência? Tu tens coragem de continuar comprometendo tua própria felicidade, levando uma vida desgastante, cheia de horários, contas para pagar e, ainda por cima, abrindo mão da tua liberdade e da realização dos teus sonhos? - perguntei.

- Isso faz parte da vida... - respondeu, com ar conformado.

- É preciso ter muita coragem pra continuar levando essa vida - concluí.

Ele entendeu que não era uma questão de coragem. O

risco de ser assaltado em cada esquina, o fantasma do desemprego, o alto custo de vida, a falta de tempo, a falta de tempo, a falta de tempo. Meus riscos começaram a parecer-lhe menores.

Já que tinha sido despertado da minha contemplação, resolvi, então, atiçar um pouco aquelas brasas já quase adormecidas.

- Se já vimos que não é uma questão de falta de coragem, o que te impede de vir morar aqui, ou em qualquer outro lugar como este? - perguntei.

- Ora... as crianças. A Carla e o Robertinho estão na escola - argumentou.

- Sim, mas tu já perguntaste pra eles se eles não gostariam de mudar de vida? -perguntei.

- Claro que não!

- Por que não?

- Eles ainda não sabem o que é melhor pra eles - concluiu, com ar de autoridade.

- Ah... e tu sabes? - mirei, interrogativo nos olhos dele. - Tu tens certeza de que, daqui a vinte ou trinta anos, eles não irão encontrar alguém morando no meio do mato, à beira do mar, e não sentirão inveja?

- Mas, Celso, veja bem - argumentou, tentando se explicar -, o meu pai conseguiu dar escola prá mim e pros meus irmãos, às custas de muito trabalho e sacrifício...

- E daí?...

- E daí que, no mínimo, eu tenho a obrigação de dar o mesmo para os meus filhos, antes de pensar na minha própria vida.

A conversa cessou por alguns instantes, enquanto o mar interrompeu rugindo mais alto. Depois, o silêncio fluiu pelo ar, por alguns minutos, e, então, resolvi cortá-lo.

- Então, a culpa é do teu pai - provoquei.

- Como "a culpa é do meu pai"?! - exclamou, abrindo os braços, com ar de ofendido.

- Sim, porque se ele não tivesse sacrificado a própria

vida pra te dar estudo, tu não terias por que sacrificar a tua e a dos teus filhos, prendendo-os a um sistema de ensino arcaico por, pelo menos, vinte anos.

Ele não falou mais. Eu também não. Ficamos nos deixando hipnotizar pelo vem e vai das ondas e pelos leques de espumas abertos pelas maiores, quebrando nos pés do rochedo sobre o qual se erguia o platô.

- Alguns anos atrás - retomei a conversa -, eu estava fazendo um curso de Análise Transacional e uma psicóloga contou a seguinte estória: "Um dia, Eric Berne foi visitar uma amiga que o havia convidado para almoçar. Durante o almoço, ele ficou intrigado com o prato que foi servido: uma travessa, finamente decorada, com peixe assado, sem cabeça e sem rabo. Depois do almoço, perguntou à sua amiga o porquê do peixe sem cabeça e sem rabo. Ela respondeu que se tratava de uma receita que aprendeu com sua mãe. 'E a sua mãe, onde está?', perguntou Berne. Ela o levou até a sala onde a mãe estava assistindo televisão. Berne perguntou à mãe de sua amiga sobre a receita do peixe sem cabeça e sem rabo, ao que ela respondeu: 'Sim... é um ótimo prato. Foi minha mãe quem me ensinou a preparar'. Eric Berne descobriu que a avó de sua amiga ainda era viva e residia na casa ao lado. Foi até lá e perguntou: 'Minha senhora, hoje pude experimentar um prato de peixe sem cabeça e sem rabo, que sua neta preparou, e descobri que foi a senhora quem ensinou a receita. É verdade?' Ao que a velhinha perguntou intrigada: 'Peixe sem cabeça e sem rabo? Não me lembro de nenhuma receita assim. Quais são os ingredientes?' Ele respondeu: 'Tomate picado, cebola, azeite de oliva...' E ela interrompeu: 'Ah! Já sei... É realmente um prato muito bom. Pena que, na minha época, o forno era pequeno e não cabia o peixe inteiro. Ficaria muito mais bonito se deixasse a cabeça e o rabo...'."

Terminei de contar a estória, fiz uma pausa, olhando ao redor, e perguntei:

- Tu já paraste para pensar se a tua própria vida não é um "peixe sem cabeça e sem rabo"?

O mar continuou trazendo e levando ondas e os dias trazendo e levando pessoas, com seus sonhos amordaçados e desculpas decoradas que justificavam, mas que jamais adoçavam o gosto amargo da vida que escorria por entre os dedos.

*Sinais do Primeiro dia na Praia do Pinho.*

*Naturistas trabalhando na infra-estrutura da praia.*

*Zig, com boné, apito e binóculo.*

seja bem-vindo
ÁREA RESERVADA AO NATURISMO
REGIDA PELO CODIGO DE ÉTICA DA AAPP
CONSIDERAM-SE CONDUTAS ANTI-ÉTICAS:
PRAIA DO PINHO - BALNEÁRIO CAMBORIÚ SC

*Mazoca e a placa na entrada da praia.*

*Reunião dos fundadores da AAPP.*

*Escritório da FBN.*

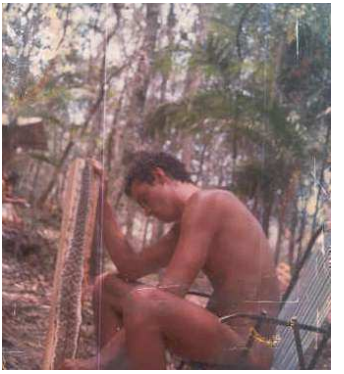
*Momentos de descontração no camping.*

*Escuna encalhada na praia.*

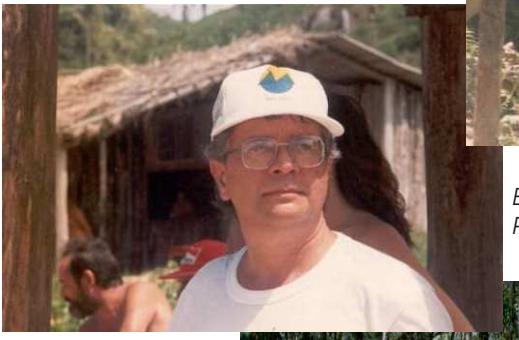
*Praia do Pinho com mais de 500 naturistas.*

*Bandeiras na sede da FBN e da AAPP: ordem e idealismo para dar segurança às famílias.*

*Pioneirismo no Paraíso da Tartaruga.*



*Vida selvagem no meio do mato.*



*Edson Medeiros e holandeses visitando a Praia do Pinho.*

*Construções rústicas e integradas no Paraíso da Tartaruga.*

*Formando uma família ao natural.*

*Brincadeiras de Páscoa.*

*Com Sérgio Oliveira e descendo a rampa do Congresso com as lideranças naturistas.*

*Tambaba: O incentivo total do poder público.*

*Primeira visita à ASA.*

*Com Paula nos EUA.*

*Com a alta cúpula da INF e Arne Eriksen.*

*Discursando no congresso internacional, no Paradise Lakes.*